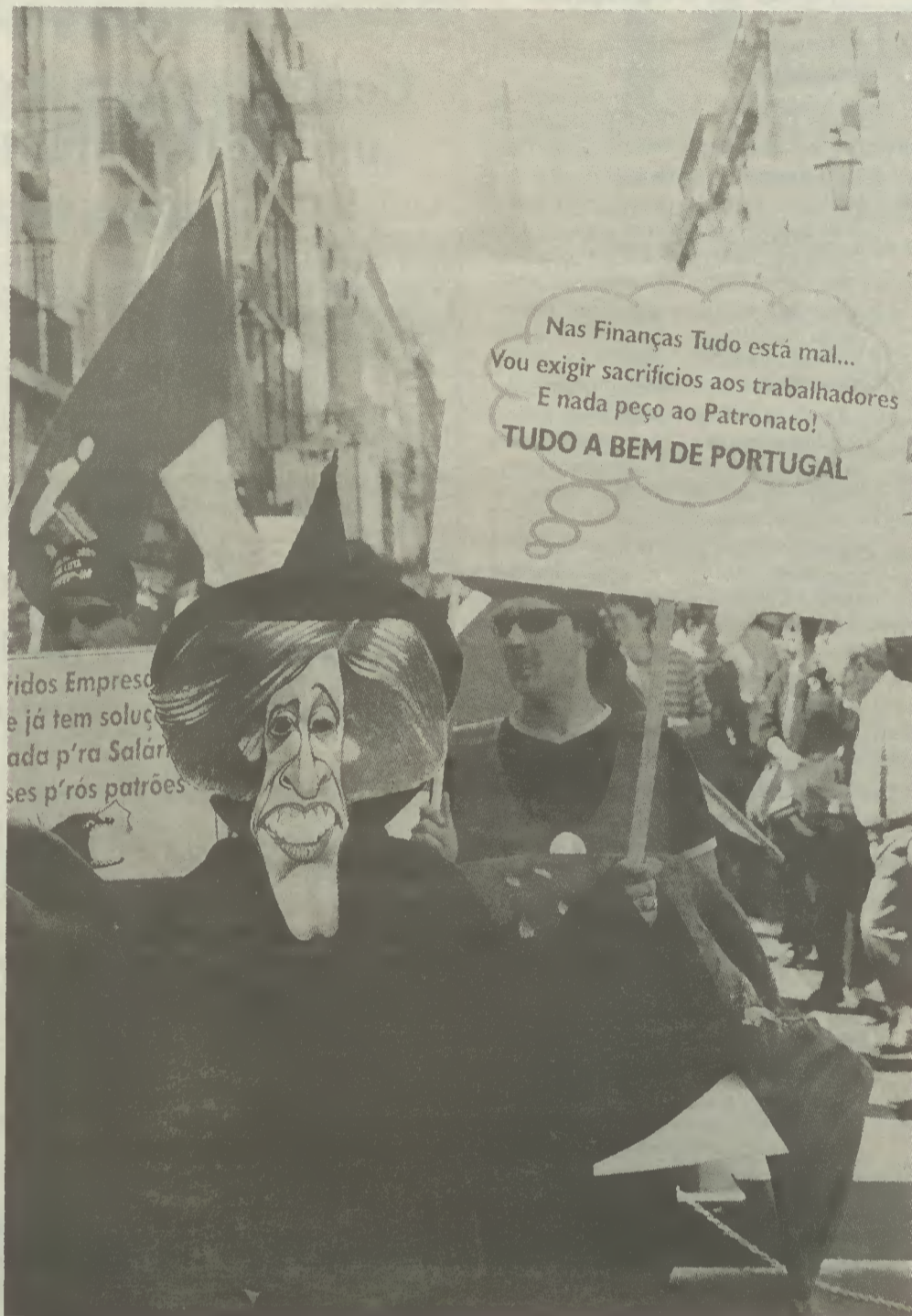


Avante!



Sindicatos preparam
novas acções para Setembro

Lutas de Agosto

A tradição já não é o que era e o mês de Agosto está a ser marcado por uma intensa actividade dos trabalhadores de vários sectores em defesa dos seus interesses e contra as intenções do patronato e do Governo. E já se prepara o próximo mês, que promete ser «quente»...

Págs. 5 e 6

Recordar a conquista das 8 horas de trabalho no campo Uma vitória heróica



Entrevista
com
António
Gervásio
Págs. 13 a 20

Batasuna Ilegalização contestada

Manifestações no País Basco e em Madrid opõem milhares às intenções do governo de Aznar de ilegalizar o Batasuna com o pretexto de cumplicidade com a ETA.

Pág. 10

Colômbia O fracasso de Uribe

Um artigo de Miguel Urbano Rodrigues fala dos recentes acontecimentos na América Latina e sobre a tomada de posse do novo presidente colombiano sob bombardeamento.

Pág. 11

Montijo e Alcochete Utentes da TST protestam

Os utentes do Montijo e Alcochete dos autocarros da Transportes Sul do Tejo concentraram-se no terminal da empresa, no Montijo, protestando contra a redução do número de veículos.

Pág. 12

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Gago Coutinho
121/1700 Lisboa
Capital social:
€ 125 000.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lúcia Calapez
Margarida Folque
Miguel Inácio

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Jorge Cabral

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

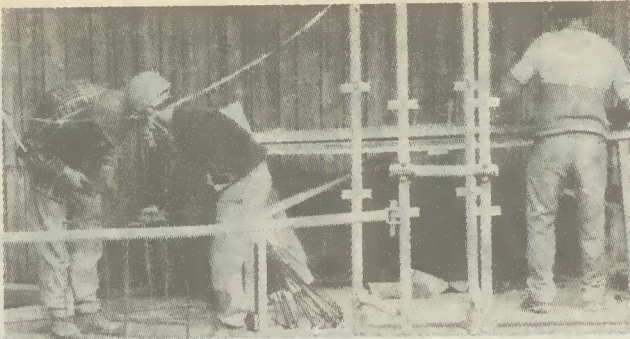
ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL (Contínente e Regiões Autónomas)	50 números: 9.000\$00 44.90 euros
25 números:	4.600\$00 23.00 euros
EUROPA	50 números: 23.000\$00 114.75 euros
EXTRA-EUROPA	50 números: 33.000\$00 164.60 euros

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



O Sindicato da Construção da Norte apresenta reivindicações para «dignificar o trabalho e a profissão»

Resumo

07 Quarta-feira

O PCP insurge-se contra o Conceito Estratégico de Defesa Nacional proposto pelo Governo, argumentando que a possibilidade de os militares intervirem na segurança interna colide com os princípios constitucionais ● O Sindicato dos Funcionários Judiciais considera «justo» e «legítimo» o protesto dos juizes contra a estagnação salarial e alegam que os oficiais de justiça «são mal pagos» ● O Sindicato da Construção da Norte apresenta seis reivindicações para «dignificar o trabalho e a profissão», tendo já ameaçado com uma greve geral em Setembro que poderá paralisar as obras dos estádios para o Euro 2004 ● O gabinete palestino dá o seu «acordo de princípio» a um plano de segurança israelita que contempla a retirada de zonas autónomas em troca da cessação dos atentados.

08 Quinta-feira

Os trabalhadores dos centros culturais do Instituto Camões realizam uma greve de 24 horas para reivindicar melhores condições de trabalho ● O Presidente da República, Jorge Sampaio, promulga a Lei de Estabilidade Orçamental ● Quatro casas palestinianas são demolidas pelo exército israelita na Cisjordânia e na Faixa de Gaza ● Pelo menos 13 pessoas morrem e outras 46 ficam feridas em Bogotá ao explodirem diversas bombas enquanto Álvaro Uribe toma posse do cargo de presidente da República da Colômbia ● Saddam Hussein afirma que todos os ataques contra «árabes e muçulmanos» estão condenados ao fracasso, numa alusão às recentes ameaças dos EUA contra o Iraque.

09 Sexta-feira

A CGTP-IN exige, no Porto, a tomada de medidas por parte de Governo de modo a fazer face ao arrastar dos processos de falência de empresas que no Porto são já 159, de vários sectores de actividade, e que colocaram 5966 trabalhadores à espera de receber créditos acima de 60 milhões de euros ● A Federação Nacional dos Professores considera negativa a postura do Ministério da Educação em elaborar uma lei orgânica apenas para «poupar dinheiro» ● A cidade de Nagasaki, no Japão, comemora o 57.º aniversário da sua destruição por uma bomba atómica lançada pelos Estados Unidos, tendo aproveitado o momento para emitir uma «Declaração de Paz» ● Três enfermeiras morrem e 20 pessoas ficam feridas após um ataque com granadas a um hospital de missionários no Paquistão ● O Chefe da delegação palestina, Saeb Erakat, pede aos

Estados Unidos que respeitem Yasser Arafat como líder palestino democraticamente eleito pelo seu povo.

10 Sábado

Os trabalhadores do Casino da Póvoa de Varzim iniciam uma greve de 48 horas em reivindicação pela equiparação de regalias às dos seus colegas do Casino Estoril, também pertencente ao grupo Estoril Sol ● Um palestiniano que circulava num camião em Nablus, cidade no Norte da Cisjordânia, é assassinado por soldados israelitas ● O Partido Socialista sérvio reúne assinaturas para apresentar o ex-Presidente Slobodan Milosević como candidato às eleições presidenciais de Setembro ● O Iraque rejeita as acusações dos Estados Unidos segundo as quais o regime de Bagdad terá reconstruído uma fábrica de armas biológicas, colocada fora de serviço pelos inspectores da ONU em 1996.

11 Domingo

Cerca de 10 mil pessoas manifestam-se em San Sebastián, País Basco espanhol, contra a interdição do partido Batasuna, considerado como o braço político da ETA, e que o governo de Madrid quer ilegalizar ● Um palestiniano é assassinado perto do colonato de Doughty, a Norte da Faixa de Gaza ● Yasser Arafat assegura que não soltará as rédeas do poder para se converter num governante «lítere» e exige a retirada israelita das zonas autónomas como condição para completar as reformas institucionais e convocar eleições ● Com duas medalhas de prata e uma de bronze, Portugal encerra a participação nos XVIII Europeus de atletismo de Munique.

12 Segunda-feira

Os trabalhadores das Lojas do Cidadão contratados a prazo, bem como os da Direcção dos Serviços de Identificação Civil, na mesma situação, entram em greve, em luta pela integração nos quadros ● O presidente iraquiano, Saddam Hussein, compromete-se a cumprir as resoluções da ONU e a permitir o acesso «sem obstáculos» dos inspectores de armamento ● A organização nacionalista palestina, Al Fatah, e os seus opositores do Movimento da Resistência Islâmica (Hamas) negociam um cessar-fogo com Israel e um plano político «conjunto» para a paz ● O Parlamento Nacional timorense aprova e ratifica a adesão de Timor-Leste ao Tribunal Penal Internacional, com 70 votos a favor e apenas uma abstenção, do deputado Leandro Isaac.

Aconteceu

Emprego cai em Portugal

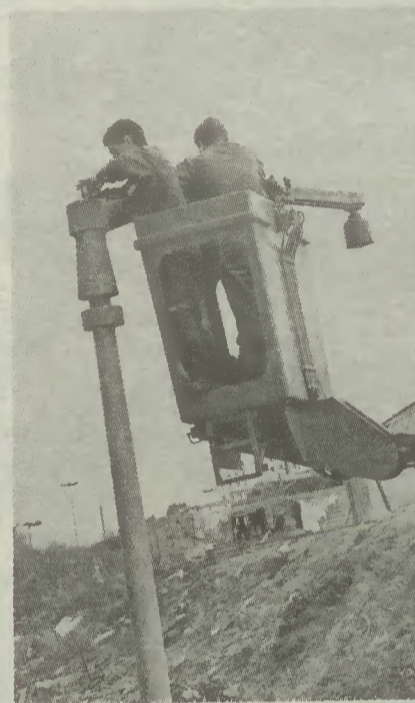
O emprego na indústria portuguesa caiu 5,6 por cento em Junho, face a igual mês de 2001, mantendo a tendência descendente que se regista desde o primeiro trimestre de 2001, anunciou sexta-feira o Instituto Nacional de Estatística (INE).

Os dados do INE revelam que todos os agrupamentos do índice de emprego industrial recuaram em termos homólogos, com o sector da energia a registar a maior queda, ao

perder 11,3 por cento.

Por indústria, a mais penalizada voltou a ser a de distribuição de electricidade, gás e água, com um recuo de 11,5 por cento. O emprego nas indústrias transformadoras caiu 5,6 por cento e nas indústrias extractivas desceu 2,1 por cento.

As remunerações pagas pela indústria também caíram, em Junho, 0,2 por cento, colocando a variação acumulada no ano em menos 0,9 por cento.



Jovem executado no Texas

Um homem, que tinha 17 anos quando assassinou a tiro um idoso para lhe roubar o carro, foi executado na passada quinta-feira no Texas. Este ano já foram executadas 12 pessoas que tinham cometido delitos antes de cumprir 18 anos.

T.J. Jones, 25 anos, recebeu uma injeção letal na prisão de Huntsville um dia depois de outro homem ter sofrido a mesma pena pelo assassinio de duas mulheres.

Jones, antes de ser executado, quis dirigir-se aos familiares da vítima lamentando «toda a dor que lhes causei e espero que algum dia possam recuperar». O condenado manifestou o seu amor aos seus pais e

dirigindo-se às pessoas que o iam executar disse-lhes: «Estou pronto».

A Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Mary Robinson, tinha apelado para que não fosse aplicada a pena capital a pessoas que cometeram os crimes enquanto menores, mas os seus apelos e protestos não foram atendidos.

Jones foi o vigésimo réu a ser executado no Texas desde o início do ano e o 12.º por um delito cometido antes de cumprir 18 anos. Em 20 anos, desde que este Estado norte-americano reimplantou a pena de morte em 1982, foram executadas 276 pessoas. Quase trinta pessoas por ano.



Contra as portagens na Via do Infante

A União dos Sindicatos do Algarve (USA) discorda completamente da implementação de portagens na Via do Infante, no Algarve, facto pelo qual apela a todos os cidadãos para se manifestarem.

Se a ideia do Governo seguir em frente, a USA atribui, desde já, as cul-

pas ao Executivo pelo eventual aumento das vítimas na Estrada Nacional 125. «Aquilo não é uma estrada, é uma rua, a rua mais perigosa do nosso país. Chama-se rua 125», disse, na passada semana, José Marques, da CGTP.

O sindicalista considera que a inclusão de porta-

gens na Via do Infante só vai penalizar ainda mais e agravar os desequilíbrios do país.

«O Algarve já pagou todas essas portagens pelo atraso na Via do Infante, que está por fazer ainda. É um preço elevadíssimo que a região já pagou por isso», disse ainda o sindicalista.

Austrália é o maior poluidor do mundo

A Austrália é o maior emissor de gases que provocam o efeito de estufa, denunciou na passada semana o grupo de defesa do meio ambiente «Instituto da Austrália».

Dados da Convenção da ONU sobre Mudança de Clima indicam que as emissões «per capita» na Austrália são 35 por cento

superiores às do segundo maior contaminador do mundo (Estados Unidos), disse a organização.

O director executivo do referido grupo, Clive Hamilton, recordou que enquanto os países mais industrializados diminuíram as emissões na última década, a Austrália aumentou-as.

«Não existem quaisquer políticas que obriguem ou promovam a sua diminuição. Aumentaram devido às centrais energéticas que utilizam carvão e dos veículos movidos a gasolina e pelos altos níveis de cortes de árvores nos bosques que ainda se mantêm», explicou Clive Hamilton.



Portugal termina participação nos Europeus de atletismo

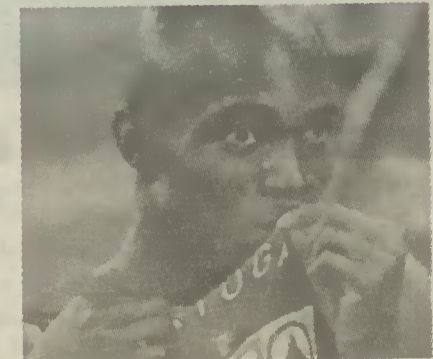
Com duas medalhas de prata e uma de bronze, Portugal encerrou domingo a participação nos XVIII Europeus de atletismo de Muni-

que, depois de Carla Sacramento ter sido última na final dos 1500 metros.

A atleta portuguesa, sobre quem recaía a esperança

de mais uma medalha, terminou em 12.º e último lugar, uma prova ganha pela turca Sureya Ayhan, com o tempo de 3.58,79 minutos.

A prestação portuguesa nestes europeus de atletismo saldou-se assim em três medalhas: duas de prata, pelo velocista Francis Obikwelu, nos 100 e 200 metros, e uma de bronze, por Rui Silva, nos 1500 metros.



Crónica Internacional

• Ângelo Alves

Hipocrisia e terror no Médio Oriente

Com a aproximação da passagem de um ano sobre os atentados de 11 de Setembro a situação internacional torna-se mais tensa e multiplicam-se as manobras imperialistas nos principais teatros de intervenção dos EUA e seus principais aliados. Centremo-nos por ora no Médio Oriente.

Palestinianos aceitaram sentar-se à mesa com o ocupante israelita, fazendo importantes concessões em troca da paz e do desanuviamento da situação. Israelitas, numa clara manobra de diversão, afirmam numa primeira fase estarem dispostos a retirar de alguns dos territórios recentemente reocupados em troca do fim dos ataques suicidas.

Apesar da extrema boa vontade da Autoridade Nacional Palestiniana (ANP), o resultado das conversações, embora não desejado, foi o esperado. Israel nega retirar da Faixa de Gaza, sabendo que assim inviabilizaria qualquer acordo. A argumentação clarifica o ciclo vicioso de guerra e ocupação que o governo israelita tenta criar em torno da situação usando o argumento «terrorismo». O objectivo é claro: criar todas as condições para eternizar as reocupações e tentar destruir a resistência palestina por dentro combinando acções militares directas com manobras diplomáticas. Sharon acompanha os acontecimentos com insultos no mínimo provocatórios, apelidando de «bando de assassinos corrompidos e terroristas» e insistindo no seu afastamento.

Os EUA estão no terreno. Desenvolvem negociações com representantes palestinos, tentando apresentar-se mais uma vez como mediadores imparciais, mas veiculando as exigências de Sharon («uma reorganização das forças de segurança palestinianas, as quais estão implicadas no terrorismo»). Surge assim pela mão da CIA um plano que preconiza alterações na estrutura, operações e recrutamento das forças de segurança palestinianas. A ANP até poderia aceitar, num desesperado esforço de paz algumas das «sugestões» da CIA, mas

fica a pergunta: até onde pretendem ir Israel e EUA nas suas insolentes pretensões de ingerência directa na composição da ANP, nas eleições palestinianas e na definição e gestão das forças de segurança da Palestina?

Uma certeza existe. Israel e EUA querem obrigar os palestinianos a fazer cedências em troca de um direito que lhes está consagrado por inúmeras resoluções da ONU e neste caso concreto e recente por uma resolução da Assembleia Geral das

Nações Unidas que exige precisamente a retirada imediata de Israel dos territórios que hoje quer usar como moeda de troca.

Sharon apelida de criminosos os palestinianos que condiciona, prende e mata, mas é ele o verdadeiro criminoso. Os números são claros: Desde de Setembro de 2000 (data da provocação na Esplanada das Mesquitas protagonizada pelo próprio Sharon) até Julho deste ano o exército Israelita matou 1458 palestinianos (dos quais 220 com menos de 18 anos) e feriu 13 535*. Destruiu, só em Gaza, 601 casas e ocupou para fins militares 16 milhões de metros quadrados de terra na sua quase totalidade arável.

Mas a arrogância de Israel e o à vontade para estas manobras não pode ser desligado da real possibilidade de ataque ao Iraque em nome, mais uma vez, do «combate ao terrorismo». Israel sabe que será fundamental para o apoio ao ataque americano e tenta tirar todos os dividendos disso num quadro em que até os tradicionais aliados dos EUA se mostram inquietos e renitentes. Também aqui importa lembrar os crimes e os criminosos: Durante a guerra de Bush pai lançaram-se 88 500 toneladas de bombas sobre o Iraque; dezenas de milhares de iraquianos foram mortos; mais de um milhão de iraquianos são contados como vítimas mortais das sanções económicas que desde 91 são impostas ao povo iraquiano. É claro que o que motiva os EUA não são os interesses do povo iraquiano, o que motiva o imperialismo no Médio Oriente são os interesses económicos e geoestratégicos que o Pentágono e a Casa Branca representam.

O 11 de Setembro deveria servir para repensar tudo isto, para acabar com os ciclos de dominação, terror e ódio semeados pelo sionismo e pelo imperialismo. Infelizmente está-se a utilizar para justificar mais mortes, mais terror e... mais poder... para alguns...

* Estes números excluem os palestinianos mortos e feridos em acções militares palestinianas.

Editorial

A NOSSA FESTA

Para ena é que os analistas e comentadores, especialmente aqueles que amiúde se pronunciam sobre o PCP, não se debruçam um pouco sobre a Festa do «Avante!». Se o fizessem – e se, ao fazê-lo, pusessem de parte preconceitos, sectarismos e ideias feitas e se fixassem, tão somente, na realidade objectiva – ficariam, seguramente, com uma visão do que é e de como funciona o PCP totalmente diferente daquela que todos os dias vertem nos vários órgãos de comunicação social. É claro que pedir-lhes isso é pedir-lhes o impossível, pelo que melhor é desistirmos de tal ideia e passarmos adiante.

Há na Festa do «Avante!» - em todo o seu processo de construção e concretização, no ambiente que nela se vive quer na fase de construção, quer nos seus três dias de existência – muito daquilo que é o PCP. Pode dizer-se que, de algum modo, a Festa reflecte o Partido que somos nas suas dimensões política, ideológica, cultural, humana.

Tal como o Partido funciona e age na base do debate colectivo, da intervenção e da acção militantes, também a Festa do «Avante!» é, essencialmente, fruto do trabalho colectivo, da militância abnegada, da imaginação criadora.

Tal como a unidade e a coesão são questões essenciais para a afirmação do nosso projecto,

“A Festa do ‘Avante!’ é fruto do trabalho colectivo, da militância abnegada, da imaginação criadora”

para a luta pela sua concretização, para o reforço da expressão e influência do Partido, também a Festa do «Avante!» só é possível de concretizar na base de um solidário e assumido cerrar de fileiras.

Tal como o Partido procura atrair à luta, seja de que tipo for, outros sectores, homens, mulheres e jovens não comunistas, também a Festa do «Avante!» constitui um pólo de atracção de milhares e milhares de não comunistas que, ao lado dos militantes do PCP e da JCP, participam na construção da Festa ou nela marcam presença como visitantes.

Tal como os laços de fraternidade e de camaradagem são indispensáveis para o bom funcionamento do Partido, também o processo de construção da Festa do «Avante!» e os três dias de convívio fraterno que ela proporciona assentam na fraternidade, na solidariedade, na camaradagem, na amizade que caracterizam o relacionamento entre os militantes comunistas.

Quando dizemos que o PCP – pelo seu projecto, pela sua natureza, pela sua identidade, pela sua ideologia, pelas suas normas de funcionamento, pela sua prá-

tica - é um partido diferente de todos os outros partidos nacionais, estamos a dizer uma verdade – uma verdade que a Festa do «Avante!» testemunha e confirma exemplarmente. Por isso dizemos, sempre dizendo a verdade, que nenhum outro partido nacional – esteja no governo, esteja na oposição - tem condições para levar por diante uma iniciativa com as características da Festa do «Avante!». Com isto não estamos a pôr-nos em bicos de pés e muito menos a pretender apresentarmo-nos como possuidores de quaisquer dons sobrenaturais. Somos tão somente o que somos e queremos ser: comunistas. Hoje, como ontem, como amanhã.

A verdade é que a construção de uma festa como esta, exigindo, sem dúvida, recursos financeiros elevados, não seria possível apenas nessa base, por maiores que fossem as disponibilidades financeiras existentes. A Festa do «Avante!», assim como é e queremos que continue a ser, só pode ser concebida e construída por um colectivo consciente, que sabe o que quer e que sabe porque quer o que quer.

Na Festa estão presentes o ideal e o projecto comunistas e os valores humanos que os suportam. A alegria, a fraternidade, a camaradagem, a liberdade, a solidariedade que povoam toda a Festa não caem do céu na Quinta da Atalaia, não decorrem de qualquer milagre, nem de qualquer artifício, nem de qualquer decreto imperativo - nem estão à venda em nenhum supermercado: estão lá porque aquele é o seu espaço, estão lá porque, na expressão, na forma, no conteúdo e na dimensão que assumem, só lá, e em nenhum outro local, poderão estar e encontrar-se.

Sendo importante termos sempre presentes estas realidades, mais importante é lembrá-las num momento como o que vivemos. Neste tempo em que o PCP é alvo de uma das mais fortes ofensivas de toda a sua história e a ela resiste com a firmeza e a determinação que lhe são características. Neste tempo em que, condenado à morte todos os dias e todos os dias enterrado, o PCP desmente e enfurece os seus juizes e coveiros, assumindo plenamente as suas responsabilidades na luta contra a política de direita e pela defesa dos interesses dos trabalhadores, do povo e do País. Neste tempo em que, à deformada e falsa imagem do Partido amplamente difundida por poderosos meios de comunicação, os comunistas contrapõem, pela prática, pela presença no lugar que lhes compete em todas as frentes de luta, a sua verdadeira imagem. Neste tempo em que, alvejados por múltiplos decretos que mataram e enterraram a militância comunista, milhares de comunistas demonstram a sua disponibilidade militante erguendo na Quinta da Atalaia a maior, a mais bela, a mais fraterna de todas as festas que se fazem no nosso País – a festa do convívio e da amizade, a festa da cultura e do desporto, a festa da juventude, a festa da solidariedade internacionalista, a festa do Portugal de Abril, a festa da democracia e da liberdade, a Festa do «Avante!», a nossa festa. Nossa: dos militantes e simpatizantes comunistas que a constroem, dos muitos que não sendo comunistas dela fazem também a sua festa.

Actual Antiamericanismo

• José Casanova

Os Estados Unidos da América definiram um conceito de organização terrorista que, aplicado na sua extensão máxima, engloba toda e qualquer organização que se recuse a servir os interesses do Tio Sam. Para fazerem valer esse conceito, servem-se de todas as armas de que dispõem – que são, nem mais nem menos do que todas as necessárias para o efeito.

Se em qualquer parte do mundo – seja na maior e mais civilizada urbe, seja no mais recôndito lugarejo atrás do sol-posto – um qualquer pobre diabo ousa contestar, ainda que timidamente, o conceito decretado, logo lhe cai em cima e o submerge uma chuva de acusações, a primeira das quais é a de antiamericanismo – coisa que é, cada vez mais, um crime passível de severa punição. E se o mesmo (ou outro) pobre diabo tem a ousadia de discordar da aplicação de qualquer medida antiterrorista (que é antiterrorista porque Bush disse que era, e é quanto basta), então a discordância passa a ser vista como uma perigosa

manifestação de antiamericanismo com contornos terroristas. Assim sendo, tais caminhos de inteligênciação desembocam, natural e inevitavelmente, na conclusão de que o dito antiamericanismo outra coisa não é senão uma perigosa, antidemocrática e condenável prática terrorista...

Lendo o que os diversos escribas de serviço – em Portugal, na Espanha, na França, etc., etc. - têm debitado, nos últimos dias, sobre o Iraque ou sobre a Colômbia, ficamos a saber o que o Governo dos Estados Unidos da América quer que pensemos sobre o assunto. Nem mais nem menos.

Os escribas repetem-se (quase) textualmente, contam todos a história

que a todos foi contada e que todos traduzem de acordo com as características dos indígenas dos respectivos países. De facto, limitam-se a recitar a ladainha produzida pelas centrais de propaganda estado-unidenses e a cumprir, diligentemente, a tarefa de divulgar as vontades do Império. Fazem-no, no entanto e como mandam as regras da modernidade, fingindo-se possuidores de uma opinião própria, de um saber feito de profundos estudos sobre a realidade daqueles dois países, de uma preocupação democrática a toda a prova. Sem receio do ridículo, antes pelo contrário arvorando sorrisos de satisfação alvar.

E se alguém lhes disser que cada prosa que assinam é uma acha para a fogueira que alimenta o maior e mais tenebroso centro terrorista do Planeta, apontarão o dedo ao prevaricador e, com o poder que lhes confere a condição de marionetezinhas do Império, acusá-lo-ão, para começar, de antiamericanismo...



Jogos de Guerra

• Jorge Cordeiro

Em tempo de férias, para muitos e um pouco por todo o mundo, momento de busca de alguma tranquilidade e paz a Administração Americana entretém-se com o que mais a atrai e absorve: traçar cenários de guerra, escolher novos alvos e inimigos, decidir sobre o lugar do mundo a atacar, identificar as vítimas seguintes.

É disso que alguma imprensa, dividida entre a notícia mais ou menos discreta e o comentário próximo do entusiasmo, dá conta nestes primeiros dias de Agosto. Algures num qualquer gabinete da Casa Branca ou em algum subterrâneo do Pentágono, os principais responsáveis pela política americana traçam e discutem os cenários de guerra mais adequados a uma nova agressão contra o Iraque.

Diligentemente avaliam das «vantagens» e «desvantagens» de cada um dos cenários hesitando, segundo a narrativa da imprensa, entre a «cirurgia» de umas quantas toneladas de bombas corajosamente lançadas a uma confortável distância, a acção relâmpago de uns

quantos «Rambos» ou a invasão maciça por uma horda bem preparada e melhor armada. Tudo naturalmente em nome de razões humanitárias e desprendido de quaisquer interesses materiais associados à exploração dos recursos naturais ou de objectivos de dominação geoestratégica.

Bastaria olhar para a situação presente nos EUA, assolados por diversos escândalos financeiros e com os níveis de popularidade de Bush em baixo, para antever novas agressões militares contra terceiros.

Resta esperar para se conhecer agora qual a reacção da Comunidade Internacional e em particular das Nações Unidas, aos perigosos caminhos de guerra que Bush, Cheney, Rumsfeld e outros insistem em seguir.

Com a consciência de que a crescente impunidade da agressiva política norte-americana (alimentada ainda recentemente pela «anuência» da ONU à isenção dos militares norte-americanos de responderem por crimes cometidos em cenários de guerra perante instâncias penais internacionais) é um factor que só pode conduzir à crescente irresponsabilidade na condução da política externa dos EUA, ao agravamento da insegurança no mundo e ao alastramento de novos conflitos.



A palavra do pivot

• Leandro Martins

Não é todos os dias que nos damos conta. Até porque, como toda a gente, acabamos por ter também uma costela de inocência, uma zona de ingenuidade, um quinhão de forte hábito às coisas do quotidiano. Mas, por vezes, de repente, a coisa salta à vista. Aconteceu-me há dias, ao tornar a casa e, maquinaalmente, acender a televisão. O aparelho estava sintonizado, certamente desde a véspera, num canal português, não recordo qual, mas para o caso tanto faz. E o programa era, como quase sempre àquela hora - quando se não trata de uma telenovela, e é por isso que frequentemente saio da área portuguesa e me distraio a ver os bichos -, um concurso. Num fundo azul, um concorrente, preocupadíssimo em ganhar uns tostões, respondia a perguntas. E a pergunta do momento, lançada por uma simpática pivot cor-de-rosa, enquanto o relógio ia debitando o tempo, era: «Diga os nomes de cinco países que tives-

sem estado sob ditadura comunista»...

Assim mesmo.

Nessa mesma noite - ou na anterior, já não sei bem mas poderia ter sido num destes dias de anticomunismo frenético - um jornal televisivo dava a notícia da tomada de posse de mais um presidente colombiano. E dizia o pivot que o fulano escolhera o edifício do parlamento por ser mais resguardado que o palácio presidencial, mas que, apesar dos vinte mil polícias que faziam guarda ao acto, instruídos pelos Estados Unidos, as FARC haviam lançado um ataque causando muitas vítimas. As FARC, «explicava» o pivot, são as «forças terroristas» que sobrevivem «à custa do tráfico da droga»...

Assim mesmo.

Pela mesma altura, anunciava a televisão - não me perguntem o canal

porque pode ser um qualquer na posse do Estado ou na mão dos privados, neste país onde o dinheiro manda e os lacaios obedecem - que o presidente Bush havia conseguido fazer aprovar uma lei que permite aos Estados Unidos suprimir a ajuda militar aos seus aliados que se neguem a garantir a «imunidade» aos americanos passíveis de acusações de crimes de guerra. E que, se algum americano ficar nessas tristes condições, sob a alçada, por exemplo, do Tribunal Penal Internacional - do que duvidamos -, os EUA vão lá buscá-lo à força.

Assim mesmo.

Quem define o conceito de ditadura é o poder vitorioso da burguesia. Quem acusa de crimes os guerrilheiros libertadores é o poder vigente da «democracia ocidental». E quem, acima, define o poder dos tribunais, é o mesmo poder que reina quase absolutamente sobre os outros todos. E os mais ingénuos, que podemos ser nós todos se não estivermos a pau, acabam por acreditar em quem manda.



Frases

“Guimarães: Igreja Mormon lava carros para cativar novos fiéis. Três horas a lavar viaturas de borla e a pregar a Palavra do Senhor.”

Título e pós-título,
Jornal de Notícias, 12-8-2002

“A desconfiança a todos os níveis e as dívidas que atingem limites assustadores fazem com que as pessoas cortem na alimentação e noutros bens.”

Miguel Goulão, coordenador de um estudo que revela a existência de grandes baixas nas receitas da restauração, idem, ibidem

“Os EUA ajudaram a incentivar e alimentar a guerra que transformou Angola num dos mais pobres países do mundo (...). Quem investe numa guerra e deixa que ela prossiga torna-se também responsável pelos resultados.”

Mia Farrow, actriz e embaixadora da boa vontade da UNICEF,
Público, 11-8-2002

“Washington recorre à chantagem para conseguir imunidade no TPI?”

Idem, ibidem

“Como a minha moral é superior à vossa, eu não tenho qualquer interesse em dar entrevistas, mas como tenho uma esposa e um filho, e estou impossibilitado de os sustentar, tudo faço para lhes proporcionar uma vida melhor, e por isso eu pedi cinco mil reais em troca da entrevista.”

Nota de Luís Militão Guerreiro, autor dos crimes de Fortaleza,
Diário de Notícias, 11-8-2002

“Quem está pedindo é uma jornalista europeia, somos um país colonizado e o Brasil continua muito dependente da Europa e dos Estados Unidos.”

Fred Miranda, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Ceará, Brasil, referindo a facilidade do Diário de Notícias em conseguir informações oficiais sobre o crime de Fortaleza, idem, ibidem

“Saddam Hussein é nosso inimigo enquanto não demonstrar o contrário.”

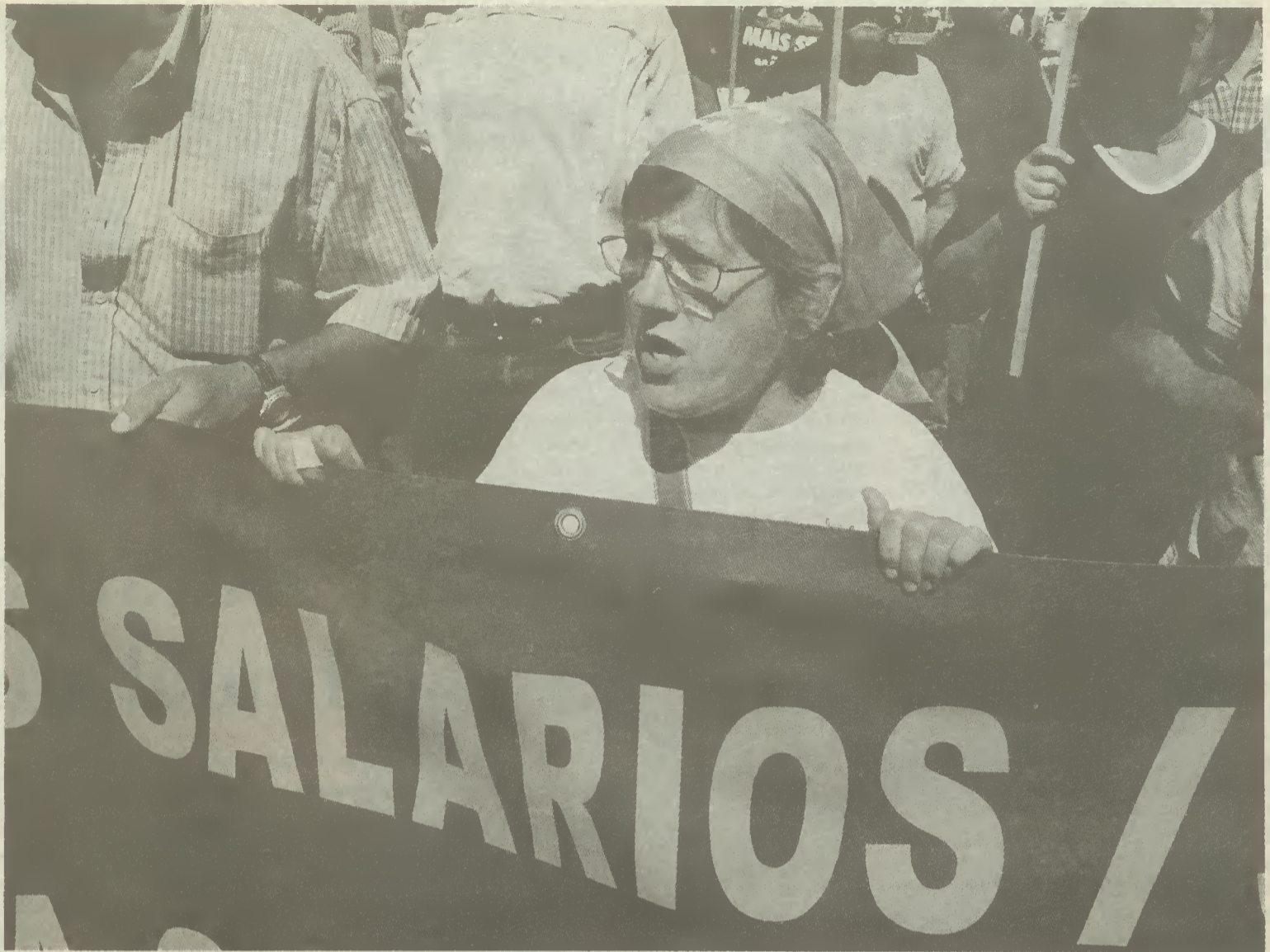
George W. Bush, citado em
El País, 11-8-2002

“O mundo ou o submundo do futebol vive claramente ao arrepio da lei. Tem privilégios impensáveis e uma impunidade que chega a ser obscena. A realização em 2004 do polémico European não pode ser usada como pretexto para um fechar de olhos cúmplice das autoridades e do Governo.”

António Ribeira Ferreira,
Diário de Notícias, 9-8-2002

“As rendas actuais são exorbitantemente altas.”

Manuel Mettelo, presidente da Associação Lisbonense de Proprietários,
Correio da Manhã, 7-8-2002



Setembro promete ser um mês «escaldante», mas a luta não arrefeceu em Agosto

Sindicatos preparam novas acções para Setembro

Lutas de Agosto

Tradicionalmente dedicado a actividades mais descontraídas, o mês de Agosto está a ser marcado por uma intensa actividade dos trabalhadores de vários sectores em defesa dos seus interesses e contra as intenções do patronato e do Governo. E já se prepara o próximo mês, que promete ser «quente»...

Para além da preparação da reentré sindical, anunciada por diversos dirigentes da CGTP para o mês de

Setembro, em torno da Segurança Social e do «Código do Trabalho», os trabalhadores de diversos sectores e

os seus sindicatos de classe não desarmam e lutam pelas suas reivindicações.

No sector da construção, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção do Norte anunciou, no passado dia 7, em conferência de imprensa, um conjunto de exigências a patrões e Governo no sentido de aproximar Portugal dos níveis da União Europeia. O sindicato exige aumentos salariais de 50 euros para todos os trabalhadores que estão na construção dos novos estádios, desde o

operário não qualificado aos quadros superiores, e um acréscimo de 40 por cento na retribuição do trabalho nocturno. Aumentos de 85 por cento em todas as horas extras, subsídio de alimentação de 7,5 euros diários e prémios de produtividade mensais do valor de 40 euros são as restantes exigências do sindicato, que contesta a forma como a riqueza produzida pelos trabalhadores é repartida.

«Nunca os empreiteiros do sector ganharam tanto dinheiro como agora, mas sem trabalho não há capital», entende o sindicato que confessa estar já a mobilizar os trabalhadores nos locais de trabalho para lutarem por estas reivindicações. A boa capacidade económica que o sector enfrenta garante a possibilidade de suportar as reivindicações dos trabalhadores, assim o queira o patronato. Mas o sindicato já fez saber que a não satisfação destas elementares exigências pode pôr em causa importantes obras, como os estádios de futebol do Euro 2004, devido à indignação que provocará junto dos trabalhadores e as lutas que daí decorram.

Protestos não param

Os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa afetados ao Departamento de Reparação e Manutenção Mecânica estarão em greve ao trabalho extraordinário entre os próximos dias 19 e 24. Esta decisão, que foi tomada em plenário de trabalhadores realizado no passado dia 8, é a resposta à decisão da autarquia de reduzir em 24 por cento a verba para o

pagamento de trabalho extraordinário naquele departamento, o que põe em causa o «normal e eficaz funcionamento destes serviços», já que este trabalho corresponde a trabalho efectivamente prestado. A manutenção desta situação implicará a redução da capacidade de resposta em áreas como limpeza urbana, limpeza e corte de árvores, brigada de limpa colectores, pavimento e calcetamento, bem como no apoio a algumas iniciativas de carácter desportivo e cultural, que se desenvolvem principalmente ao fim-de-semana. Quaisquer impactos negativos para a cidade decorrentes desta paralisação deverão ser atribuídos ao Executivo da CML, acusa o Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa.

No Casino da Póvoa de Varzim, os trabalhadores paralisaram no passado fim-de-semana. Em causa a exigência de igualdade entre os direitos aplicados aos trabalhadores dos casinos pertencentes ao Grupo Estoril Sol, nomeadamente o Casino Estoril e o da Póvoa. Os trabalhadores do Casino Estoril passaram a receber, este ano, subsídios de alimentação e de turno durante as férias, o que não aconteceu com quem trabalha na Póvoa.

Segundo o Sindicato da Hotelaria do Norte, esta greve decorreu sob um «clima de medo e terror» instaurado pela administração e pelo seu presidente, que ameaçou com o encerramento dos serviços que não trabalhassem devido à greve. Apesar das pressões, e da desvalorização da greve por parte da administração, os trabalhadores mantiveram os níveis do passado dia 3, com os grevistas a rondarem os 80 por cento do total dos trabalhadores da empresa.

A greve que esteve prevista na Petrogal para os passados dias 8 e 9 foi desconvocada. Segundo a Fequimetal, federação dos sindicatos da indústria química, da CGTP, os trabalhadores viram satisfeitas as suas principais reivindicações, que levaram à firme luta que vinham travando.

Adesão elevada nas Lojas do Cidadão

Os trabalhadores com contrato administrativo de provimento da Direcção Geral dos Registos e Notariado, a funcionar nas Lojas do Cidadão, iniciaram, no passado sábado, um conjunto de greves aos sábados e segundas-feiras. Esta greve, que contou com uma adesão próxima dos 100 por cento e inviabilizou a abertura dos principais balcões, repetiu-se, como previsto, na segunda-feira, tendo atingido uma adesão semelhante.

Os trabalhadores exigem a integração no quadro da Função Pública já que desempenham funções permanentes, como se pode constatar pelos efeitos da greve, que determinou a não abertura dos serviços. Não sendo integrados, os trabalhadores ficam

em risco de perderem os seus empregos — caso o Governo leve para a frente as suas intenções de despedir todos os precários da Função Pública —, sem direito a subsídio de desemprego, inexistentes neste tipo de contratos.

Também na DSIC (Direcção dos Serviços de Identificação Civil), a greve, marcada nos mesmos moldes, mas iniciada na segunda-feira, atingiu também uma grande adesão, da ordem dos 90 por cento. Apesar de apenas um trabalhador não ter aderido à paralisação na DSIC de Lisboa, os serviços funcionaram uma vez que os grevistas foram substituídos por trabalhadores do quadro, em clara violação da lei da greve.

Dívidas no distrito do Porto rondam os 60 milhões de euros

Onde pára o dinheiro dos trabalhadores?

A USP/CGTP exige o pagamento de cerca de 60 milhões de euros aos milhares de trabalhadores que perderam o emprego devido à destruição do aparelho produtivo no distrito do Porto.

Cada um dos quase seis mil trabalhadores que perderam o emprego devido às falências de 159 empresas de dez sectores, no distrito do Porto, deveriam receber qualquer coisa como 10 300 euros. Esta é uma das conclusões da União de Sindicatos do Porto, divulgada na conferência de imprensa, realizada no passado dia 8. «Onde param, afinal, estes milhões que são dos trabalhadores?», questionou João Torres, coordenador da União, acrescentando que certamente terão ficado «nos bolsos dos patrões e outras aves de rapina».

A estrutura sindical contesta o comportamento dos sucessivos governos, que observaram passivamente as

As falências das empresas são resultado das políticas seguidas

falências de empresas, muitas delas de forma duvidosa. Para a USP, os atrasos nos pagamentos das indemnizações, e a própria forma como foram geridas e vendidas as massas falidas, põem em causa o «elementar direito dos trabalhadores terem acesso a uma justa decisão judicial». «Que democracia é esta em que se faz vista grossa a tantos empresários que levam uma empresa à falência num dia e, passado algum tempo, abrem nova empresa quase ao lado, do mesmo ramo de actividade, até com as máquinas da empresa falida, mas com os trabalhadores com vínculos precários e salários mais baixos?», questiona a União.



Há quem esteja há 18 anos à espera de receber aquilo a que tem direito

As empresas em causa são dos mais variados dimensões e sectores. Entre os sectores mais fustigados por falências, conta-se o dos serviços, com mais de 60 empresas encerradas. No que se refere ao número de trabalhadores desempregados, é nos sectores têxtil e metalúrgico que se encontra a maior taxa de desocupação, com muitas das empresas falidas a contar com centenas de trabalhadores.

Quanto tempo mais?

«Numa altura em que o Governo tanto fala em moralizar, quando é que saem as medidas políticas que evitem os dramas vividos pelos trabalhadores e famílias que, sem recursos, vêm-se desesperados para receber o que têm direito, muitas vezes depois de uma vida inteira de trabalho mal pago, maus tratos e muitos sacrifícios?» Recorde-se que algumas das dívidas estão por pagar há 15, 16, 17 ou mesmo 18 anos...

Para a União de Sindicatos do Porto, esta situação é provocada pela política de destruição do aparelho produtivo nacional, que a CGTP e a USP têm vindo a denunciar e que põe em causa a própria soberania nacional. A União de Sindicatos denunciou ainda o cinismo do Governo e do patronato que, conhecendo a falta de investimentos em novas tecnologias e na formação e qualificação dos trabalhadores, e insistindo em formas arcaicas de gestão e organização das empresas, «defendem alterações nas leis do trabalho como se tivessem redescoberto a pólvora, ou seja, a solução para a baixa produtividade nacional e a falta de competitividade da nossa economia».



A Festa da Liberdade constitui um momento de afirmação do Partido e da sua ligação ao povo

Jorge Pires na Festa da Liberdade no Escoural

Travar a mais brutal ofensiva

«Seria bom que o PS se deixasse de hipócritas declarações e esclarecesse qual o sentido da sua intervenção e voto quando os projectos laborais da direita forem apresentados na Assembleia da República».

Este o repto lançado no domingo por Jorge Pires, da Comissão Política, a propósito das alterações à legislação laboral. Estava-se no Escoural, na Festa da Liberdade, uma iniciativa da Comissão de Freguesia do PCP que se realiza ininterruptamente há 27 anos. Aquele dirigente comunista falava no comício realizado no segundo dia da Festa, no antigo campo de futebol, no que foi um dos momentos altos desta iniciativa de cunho popular e de afirmação do Partido. Testemunha da sua profunda ligação ao povo, a Festa, por onde passaram centenas de pessoas, foi, ainda, uma demonstração da ligação dos comunistas aos trabalhadores e ao povo.

Ao povo que há cerca de duas décadas e meia - nos «anos de grande desenvolvimento da região, anos de esperança num futuro melhor», como salientou Jorge Pires - lutou por ver cumprida a palavra de ordem «a terra a quem a trabalha», e que, hoje, passados muitos combates, man-

tém como então no centro das suas preocupações a «defesa do emprego e da produção nacional». Sobre os quais, tal como em relação a importantes direitos e a aspectos centrais do regime democrático, impendem novas ameaças, em consequência das políticas de direita.

Uma realidade para a qual Jorge Pires chamou a atenção, pondo em evidência alguns dos traços da actual ofensiva, que, pelo seu «cariz profundamente retrógrado e reaccionário», nomeadamente no plano da Segurança Social e em matéria laboral, observou, constitui a «mais brutal» levada a cabo contra os trabalhadores desde o 25 de Abril de 1974.

Falando concretamente do pacote relativo à legislação laboral, alertou, a sua concretização significaria «a destruição do actual edifício jurídico-laboral» e conduziria «as relações de trabalho aos anos 30 do século passado».

Mas não são os trabajado-

res os únicos a terem motivos de preocupação. «Também os pequenos e médios agricultores, sobretudo quando se conhece o conteúdo das propostas da Comissão Europeia, sobre a Reforma da PAC, têm razões para estarem preocupados com o seu futuro e o futuro da agricultura portuguesa», sublinhou Jorge Pires, para quem uma reforma justa tem obrigatoriamente de ter em conta a «defesa da soberania e da segurança alimentar, dos interesses dos pequenos e médios agricultores e da agricultura familiar, as especificidades agrícolas dos diversos Estados-membros e um justo reequilíbrio das ajudas agrícolas entre países, produções e produtores».

Parte importante da intervenção do dirigente comunista foi ainda dedicada às questões da vida interna do PCP e ao reforço da sua organização e intervenção. Depois de realçar a importância da «reflexão que tem de ser realizada dentro do Partido, num diálogo franco, aberto e fraterno, sem preconceitos nem condicionamentos de nenhuma espécie», Jorge Pires considerou inaceitável que «alguns membros do Partido tenham uma intervenção fora do Partido que não só não contribui para a reflexão que precisamos de fazer como mina a nossa coesão política e ideológica».

Campanha eleitoral foi vigarice

A FESTRU, federação sindical do sector dos transportes rodoviários e urbanos, filiada na CGTP, afirmou, em nota de imprensa, que os partidos da coligação governamental, PSD e PP, usaram de má-fé, desonestidade política e demagogia nas suas campanhas eleitorais «pois nunca disseram ao povo em geral e em particular aos trabalhadores quais eram as suas verdadeiras intenções». Segundo a FESTRU, o Governo posiciona-se contra os trabalhadores ao adoptar medidas como o aumento do IVA, o corte no crédito bonificado à habitação, a contenção salarial e o

aumento dos transportes, combustíveis e seguros.

Como se não bastasse, prossegue a federação, as alterações que o Governo pretende levar a cabo na legislação laboral e as tentativas de privatizar a segurança social para a entregar aos grandes grupos financeiros demonstram novamente o seu posicionamento ao lado dos patrões.

A FESTRU lembra que durante a campanha eleitoral os dois partidos criaram algumas expectativas junto dos trabalhadores de que veriam melhoradas as suas condições de vida. Como se verifica, assinala a federação, «tudo

não passou de promessas e, mais uma vez, estes senhores depois de estarem instalados no poder, tomam medidas que prejudicam fortemente quem trabalha em favor dos interesses dos mais ricos e poderosos».

A FESTRU declarou ainda que está a desenvolver um trabalho de mobilização junto dos trabalhadores, com plénários e contactos directos, pois acredita que «só através das lutas que se avizinham conseguiremos travar as pretensões do Governo PSD/CDS-PP quanto à Segurança Social e às alterações à legislação laboral».

Joaquim Raposo ataca direito de expressão

«Uma flagrante violação dos direitos de expressão e liberdade política», assim classifica a comissão concehida da Amadora do PCP a retirada de material político da CDU, nomeadamente «mupis» e «out-doors», promovida nos últimos tempos pela Câmara Municipal de maioria PS.

Recordados, a este propósito, são três acórdãos do Tribunal Constitucional (produzidos em 11 de Setembro de 1984, 15 de Maio de 1986 e 21 de Janeiro de 1988), todos eles declarando a inconstitu-

cionalidade de quaisquer regulamentos municipais ou posturas que limitem o exercício da liberdade de propaganda.

Repudiando de forma veemente aquele comportamento da autarquia - que se tem traduzido igualmente na destruição de murais da JCP, encontrando paralelo na apreensão de materiais levada a cabo no concelho por agentes da PSP -, os comunistas da Amadora não escondem a sua estranheza pelo facto de o presidente da edilidade, Joaquim Raposo, e a própria PSP - «a man-

do de quem?», interrogam-se - apenas se preocuparem em apagar as inscrições da JCP quando é certo que pela cidade «proliferam frases de cariz racista, xenófobas e fascistas».

Das diligências já efectuadas, anunciam em comunicado, com vista a uma reunião com o comandante da PSP da Amadora, tendo igualmente já formalizado através do Grupo Parlamentar do PCP um pedido de esclarecimento ao Ministro que tutela as forças de segurança.

AMADORA Não ao corte de comboios

A alteração de horários e percursos dos comboios da Linha de Sintra suscitou uma reacção de protesto da Comissão Concelhia da Amadora do PCP, que exige a reposição dos denominados «comboios curtos» a sair da estação daquela cidade nas horas de ponta.

A decisão da administração da CP tomada em Junho último de reduzir um número considerável de comboios foi tomada «contra as opiniões e os interesses dos utentes», que viram as «suas condições de vida agravadas face ao aumento dos tempos de espera», salientam os comunistas da Amadora.

Este é, do seu ponto de vista, mais um exemplo da política de classe seguida pelo Governo PSD/PP, «orientada apenas na defesa dos interesses dos grandes grupos económicos».

Em documento recentemente distribuído em conferência de imprensa, depois de recordar que os aumentos dos preços dos bilhetes já atingiram este ano os sete por cento, aquela organização do PCP contesta o propósito do Executivo de privatizar até 2006 todas as linhas, depois de um investimento público de dezenas de milhões de contos.

AJUDA Presidente da CML opta por ele

A freguesia da Ajuda, em Lisboa - composta por uma população idosa, com grandes dificuldades económicas e jovens com vínculos laborais precários e salários baixos - tem actualmente dois bairros camarários a precisar de manutenção. Manutenção iniciada no anterior mandato e neste momento parada, como parada está, também, a construção do bairro na Rua das Açucenas.

Entretanto, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa não só cortou à Junta de Freguesia as verbas para apoio a pequenas reparações em habitações particulares, como elegeu como primeira obra a recuperar na freguesia a vivenda da CML que lhe está distribuída, denuncia a Comissão de Freguesia da Ajuda do PCP, exigindo o prosseguimento das obras paradas e reposição de verbas à Junta para a recuperação de casas.

MIRANDA DO CORVO E LOUSÃ Melhorar as vias de comunicação

As comissões concelhias de Miranda do Corvo e da Lousã do PCP exigiram a conclusão de obras em vias de comunicação rodó e ferroviárias consideradas fundamentais para a mobilidade das populações. Em comunicado, onde denunciavam o silêncio que sobre esta matéria tem sido mantido pelas duas câmaras municipais daqueles concelhos, as organizações do PCP referem que «é necessária seriedade na actividade política», pelo que não pode ser esquecido tudo quanto foi dito e prometido no decurso da campanha eleitoral.

Em causa está, concretamente, no que se refere à E.N. 342, a conclusão da Variante Lousã-Miranda do Corvo quanto às obras complementares originadas por erros de projecto e incúria das referidas câmaras municipais, não obstante os alertas feitos em devido tempo pelos comunistas. Salientado é igualmente o problema das reparações na E.N. 17, em consequência dos estragos causados por temporal, trabalhos que «começaram tarde e devagar» e que de momento, aparentemente, estão parados. Questionada pelo PCP é também a anunciada opção do projecto Metro, com a eliminação da linha de caminho-de-ferro, o que origina um agravamento dos custos e da incomodidade para as populações destes concelhos.



O som de Lénine

• Ruben
de Carvalho

Assinalando a passagem do 85.º aniversário da Revolução de Outubro, o Sector Intelectual de Lisboa e o «Caderno Vermelho» editarão na próxima Festa um CD reunindo um sugestivo conjunto de documentos sonoros relacionados com 1917: o famoso discurso de Lénine sobre o papel dos soviets gravado em 1919 e temas musicais de uma ou outra forma ligados com a primeira revolução socialista. Lateralmente, é interessante sublinhar que a música continua a constituir um manancial inesgotável de fixação da memória colectiva do século XX, fenómeno tornado possível pela possibilidade de gravação, aquilo a que Walter Benjamim chamou a «reprodução mecânica da obra de arte».

Entre as profundas mutações introduzidas pelos desenvolvimentos tecnológicos influenciando as artes, a mutação introduzida no som foi sem dúvida a mais profunda. Até às invenções de Edison e Emile Berliner a música ou qualquer outro som eram apenas um momento: o breve e fugaz momento que um instrumento era tocado e ouvido, uma palavra era pronunciada ou a natureza produzia um ruído. Exemplo bem sugestivo é que, até ao gramofone, jamais um músico teve oportunidade de se ouvir a si próprio, de saber em rigor que som executara! A Festa do «Avante!» tem sido oportunidade para o lançamento de produtos que constituem também um factor da grande riqueza cultural nela contida, numa tradição aliás que se estende a outras grandes iniciativas do PCP.

Uma colecção completa dos materiais produzidos ao longo das 25 Festas já realizadas constitui não apenas um valioso repositório, como um esclarecedor retrato da realidade cultural e social do País.

Além do CD com a «Carvalhesa» editado o ano passado, das revistas-programa e dos próprios suplementos do «Avante!» que acompanham a promoção e realização da Festa, recordemos os catálogos das Bienais de Artes Plásticas, catálogos dedicados a exposições especiais, os catálogos de exposições de fotografia. Recordemos também o interessantíssimo folheto editado em 1980 acompanhando a exposição etnográfica então realizada - de resto, com traços de pioneirismo nessa área de investigação - e que conta com textos de Michel

Giacometti (principal responsável pela mostra), Cláudio Torres e muitos outros nomes incontornáveis no panorama actual das Ciências Humanas no nosso País.

Não se pode esquecer que a Festa tem sido igualmente ocasião para o lançamento de novidades literárias, sendo indispensável referir o lançamento deste ano, a tradução da peça de William Shakespeare «Rei Lear» feita por Álvaro Cunhal durante os seus longos anos de prisão e publicada sob pseudónimo numa escassa edição dos anos 60.

Um universo igualmente fascinante é o das «recordações» da Festa, as centenas e centenas de objectos produzidos centralmente ou pelas organizações regionais, em geral para recolha de fundos, mas que acabam a constituir um precioso e revelador acervo. Ele são as «jarrinhas da Festa» em cerâmica, os vidros da Marinha Grande, as cestarias alentejanas, os mais urbanos porta-chaves ou isqueiros, os vinhos especialmente engarrafados, para não falar da extraordinária riqueza gastronómica da Festa. Regressando ao CD sobre a Revolução de Outubro, é de referir que ali se podem encontrar diversas canções que fazem parte do património da música revolucionária mundial - e em particular da Europa - com a especificidade de todas elas serem apresentadas na sua versão cantada em russa - pese só duas serem originariamente russas! De «A Internacional» nascida em Lille, na França, à «Warsawianka» nascida nas prisões polacas é o percorrer de um caminho comum a esse traço de união que o movimento operário e comunista estabeleceu ao longo do final do século XIX e no século XX e para o qual a Guerra de Espanha e as Brigadas Internacionais deram um contributo inestimável. Em 1963, falando num espectáculo sobre a versão do seu «If I Had a Hammer» pelo cantor rock Trini Lopez, Pete Seeger dizia que, ao compô-la (com Lee Hays e a propósito do mccarthysmo), pensara que ela não passaria o restrito núcleo do seu público; gravada agora pelo rocker, transformara-se num êxito de vendas. E concluía: «Há aqui uma moral em qualquer parte: podem cantar da forma como eu a escrevi, da forma como ele a canta, de outra forma qualquer - mas todas elas se harmonizam entre si!»

Uma conclusão a reter!

PCP quer discutir organização institucional da Região Demarcada e futuro da Casa do Douro

Em defesa da produção e dos produtores

O PCP defende o debate urgente das questões relacionadas com o futuro da organização institucional da Região Demarcada do Douro e, em particular, da Casa do Douro.

Uma proposta nesse sentido vai ser apresentada no reinício dos trabalhos, visando a realização de uma audição com a presença do Ministro da Agricultura. O anúncio foi feito em recente conferência de imprensa promovida pela Direcção Distrital de Vila Real do PCP, após a realização de encontros com as Adegas Cooperativas de Alijó, Mesão Frio e Murça.

Motivo de preocupação para os comunistas continua a ser o papel a conferir à Casa do Douro, enquanto organização representativa da lavoura duriense, no quadro do modelo organizativo e institucional da Região Demarcada.

O problema agudizou-se há cerca de sete anos, com a criação da Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro (CIRDD), que representou o primeiro passo no desequilíbrio da relação

de forças entre produção e o comércio.

Uma opção contestada na altura pelos comunistas, que defendiam que a criação de um espaço de diálogo e concertação poderia muito bem ser conseguida através da valorização do Conselho Geral do Instituto do Vinho do Porto (IVP).

Dar voz à produção

Esta proposta apresentada pelo PCP e então recusada, passados estes anos, curiosamente, parece estar agora em cima da mesa, conforme salientaram na conferência de imprensa os camaradas Lino de Carvalho, Mário Costa e Fernando Mendes.

Só que esta transformação do IVP em Instituto do Vinho do Porto e Douro, em substituição da CIRDD, segundo o PCP, está a desenvolver-se

em simultâneo com a tentativa de redução, ainda mais, das funções e poderes da Casa do Douro, «que passaria a ter funções meramente de representação profissional sem nenhuma interferência na regulação da produção e do mercado».

Ora, para o PCP, «as dificuldades financeiras e os erros de gestão da Casa do Douro não podem ser pretexto para limitar ou mesmo amputar as funções desta e, por esta via, fragilizar severamente a defesa dos interesses dos mais de 30 000 produtores».

Por isso, embora admitam que a solução em curso (transformação do IVP em IVPD, com um conselho geral, que possa vir a exercer funções de regulação, substituindo a CIRDD) seja «passível de reflexão», os comunistas de Vila Real advertem que uma tal possibilidade só se verificará «desde que seja garantida uma participação forte da produção». Mais, a concretização de tal cenário, acrescentam, só deverá ocorrer «depois de um largo debate em toda a região duriense» e desde que sejam salvaguardados alguns requi-



A Casa do Douro deve manter um papel central enquanto associação da viticultura duriense

sitos, como, por exemplo, a manutenção das atribuições originais da Casa do Douro e o exercício, por esta, das funções executivas em matérias referentes à disciplina e controlo da produção de vinho generoso.

Fortalecer Casa do Douro

Aos jornalistas foi ainda transmitida a preocupação

do PCP quanto à eventual tentativa de compra dos stocks da Casa do Douro. Uma tal alienação, segundo foi dito, se poderia no imediato atenuar a situação financeira da Casa do Douro, por outro lado, «hipotecaria a sua capacidade de intervenção no mercado de acordo com os interesses da produção e, por esta forma, a capacidade de representar os viticultores durienses»

«Só uma Casa do Douro que mantenha um papel forte na organização institucional da Região, a capacidade de representar os produtores e ser portadora dos respectivos meios financeiros está em condições de se manter como Associação forte da viticultura duriense, indispensável à defesa dos produtores e da qualidade dos vinhos do Porto e Douro», sublinha o PCP.

O novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional

O PCP, através do seu Gabinete de Imprensa, divulgou no passado dia 7 uma nota onde toma posição sobre o projecto governamental do novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional. Transcrevemos na íntegra a reacção dos comunistas a esta matéria consensualmente considerada da maior importância para o País:

O novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN) saído ontem da reunião do Conselho de Ministros, e anunciado como a panaceia para a grave crise que atravessam as Forças Armadas, tem que ser motivo de profunda preocupação, já que pretende alterar o quadro conceptual, doutrinário e operacional em que as Forças Armadas estão inseridas e se movimentam.

De facto, o CEDN agora apresentado está eivado de formulações excessivamente amplas e vagas, tanto na tipificação das ameaças (droga e terrorismo) como na intervenção das Forças Armadas nos domínios da Segurança Interna, em

manifesta e clara violação com as leis e disposições constitucionais.

O que o Governo do PSD/PP pretende, a pretexto do combate a «ameaças internas» é impor às Forças Armadas o conceito de «função global», com capacidade e competências para intervir na «ordem interna» e desta forma baralhar os conceitos do que são Forças Armadas e Forças de Segurança e do que é política de Defesa Nacional e política de Segurança Interna. Criando desta forma condições para o arrastar das Forças Armadas para missões internas de segurança e reforçar o seu envolvimento em estruturas e missões de carácter supranacional.

O PCP reafirma a indispensabilidade e urgência de um debate nacional sobre esta importante matéria, recusando à partida quaisquer alterações que signifiquem desviar ou subverter as missões constitucionais que estão cometidas às Forças Armadas, aliás, como está consubstanciado no seu Projecto de Grandes Opções do Conceito Estratégico de Defesa Nacional (GOCEDN) divulgado em 2 de Maio de 2001.

Canidelo

Fortalecer as lutas

Recrutar no mínimo vinte novos membros até ao final do ano, eis a meta que se propuseram cumprir os comunistas da freguesia de Canidelo, do concelho de Vila Nova de Gaia. A decisão foi tomada em plenário de militantes, no passado dia 3, destinado a analisar a situação política e o reforço e organização do Partido.

Contando com a participação de Domingos Abrantes, da Comissão Política, a análise daqueles dois pontos da ordem de trabalhos decorreu de forma muito participada, tendo os 40 camaradas presentes concluído

pela necessidade de um grande empenhamento nas grandes lutas que se avizinham, designadamente nas que visam pôr um travão aos intentos do Governo em matéria de segurança social e da lei laboral.

No que se refere à vida interna e aos aspectos organizativos, por todos reconhecida foi a existência de uma grande campanha contra o PCP, contando com o prestimoso apoio de alguns órgãos de comunicação social, bem como de membros do Partido, que, «mentindo e desvirtuando as nossas posições», como salienta a comissão de freguesia de Canidelo do PCP, tenta enfraquecer o colectivo partidário, servindo objectivamente os «interesses do grande capital e das forças mais reaccionárias».

Aprovada, por maioria, a este respeito, foi uma moção apresentada por um camarada na qual é manifestado o apoio do plenário «às recentes medidas tomadas pela direcção do Partido» no sentido da expulsão de Edgar Correia e Carlos Figueira e da suspensão por dez meses de Carlos Brito, considerando, no entanto, que esta última sanção «peca por defeito, se atendermos às últimas declarações por este prestadas».

Durante os trabalhos, que se prolongaram pelo dia todo, os militantes comunistas procederam à inauguração de mais uma sala de reuniões a que deram o nome de Álvaro Cunhal.

▼ CAMARADAS FALECIDOS

Nuno Carvalho Mourão

Faleceu no dia 21 de Julho, com 95 anos, o camarada Nuno da Silva de Carvalho Mourão. O camarada era membro da célula do BES, encontrando-se aposentado.

Zeferino Carvalho

Após prolongada doença, faleceu, no dia 17 de Julho, com 39 anos, o camarada Zeferino Moreira de Carvalho. Operário, militante do Partido desde 1980, estava organizado na célula dos Serviços Municipalizados de Loures. Era natural de Santa Iria de Azóia, freguesia onde era muito estimado.

Maria de Fátima Santos

Faleceu, com 74 anos, em resultado de um acidente de viação, a camarada Maria do Rosário Fátima Almeida Santos. Operária conserveira, a este sector esteve sempre ligada e nele militou desde o 25 de Abril até ao encerramento das empresas. Passou depois a estar organizada na Freguesia de S. Julião, tendo tarefas na organização de mulheres comunistas e nas comissões ligadas ao Centro de Trabalho.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Ilegalidades na Câmara da Amadora

As diversas ilegalidades apontadas em recente relatório do Tribunal de Contas (TC) relativo à Gerência do ano 2000 da Câmara Municipal da Amadora vieram dar razão às denúncias anteriormente feitas pela CDU. Para este incontornável facto chamou a atenção em conferência de imprensa a organização concelhia da Amadora do PCP, para quem esta confirmação do TC vem provar que a CDU teve no mandato anterior na autarquia «não uma política de «bota-abaixo» manifestas vezes repetida pela coligação PS/PSD que governava a Câmara Municipal mas uma política de

exigência de uma gestão que deveria ter levado em linha de conta os aspectos legais, o que nem sempre aconteceu».

Recordado, a propósito, foi o Plano de Actividades e Orçamento para o ano 2000, objecto de uma «transformação» milagrosa em apenas cinco dias que permitiu passar de uma previsão de receitas de aproximadamente 14 milhões de contos para quase 29 milhões. «Uma manifesta incapacidade e irresponsabilidade da coligação PS/PSD», visando mistificar a «real situação financeira do município», segundo a acusação então feita

pelos comunistas, agora lembrada e reafirmada.

Referido como outro exemplo de gestão danosa, que foi objecto de denúncia pela CDU na altura própria, diz respeito à Sociedade Recreios Desportivos da Amadora, em relação à qual ocorreram diversas irregularidades, tendo igualmente sido lembrado o caso das obras da Avenida da República, na Búrcara (marcadas por várias ilegalidades), bem como o das iluminações do IC 19 e IC 17 (obras meramente eleitoralistas) e ainda o caso do protocolo entre a Câmara e a EPAL, onde a infracção à Lei foi a norma.

Nobel da Economia acusa FMI

Joseph Stiglitz, economista norte-americano e prémio Nobel de 2001, acusou o Fundo Monetário Internacional (FMI) de servir apenas a «lógica dos mercados financeiros» e avalia os programas económicos propostos a vários países nos últimos seis anos como catastróficos. Numa entrevista concedida ao jornal *Le Figaro* e publicada sexta-feira, o Nobel da Economia critica o FMI por servir os países industrializados e a lógica financeira, em particular dos EUA e não responder às necessidades do mundo menos desenvolvido. Stiglitz classifica de «catastrófico» o balanço de programas de ajuda dirigidos pelo FMI em países com dificuldades. A Indonésia, Tailândia, Coreia, Rússia, o Brasil e a Argentina são apontados como «seis fracassos em seis anos, de mais», referiu ao jornal francês.

Ricos e pobres na Argentina

A diferença de receita entre os que mais e menos ganham na Argentina é de 46,6 vezes, a maior que se registou até hoje no país, segundo um relatório governamental divulgado pela imprensa local. Baseado em dados sobre 600 mil famílias de Buenos Aires - capital do país, e arredores, onde se concentra quase um terço do total de 36,5 milhões de habitantes - o documento revela que cada pessoa de um lar pobre apenas dispõe de 29 pesos por mês (cerca de oito euros). Nas famílias de maior nível económico, cada um dos seus membros tem 1351 pesos (cerca de 375 euros) mensais, indica o diário «Clarín», o jornal de maior circulação no país.

Assassinados «um a um» no Afeganistão

Os presumíveis talibãs e terroristas da Al-Qaida que morreram na passada semana durante um ataque a uma base do exército afegão a Sul de Cabul foram executados «um a um» pela polícia, disseram testemunhas, citadas pela Lusa. Essas fontes, que solicitaram o anonimato, asseveraram que os alegados terroristas abatidos - dez, segundo fontes da Força de Assistência para a Segurança do Afeganistão - apresentavam orifícios de bala na cabeça. O ataque contra a base do exército, lançado quando as forças de segurança afegãs se dirigiam para uma habitação onde tinham sido alertados para a presença de alegados terroristas, fez 15 mortes de ambos os lados e é considerado o mais grave incidente do género nos últimos meses.

Brasil à beira da crise

Banqueiros cobram dívidas

A ajuda de 30 mil milhões de dólares atribuída pelo Fundo Monetário Internacional ao Brasil poderá ser a garantia de que precisavam os grandes bancos norte-americanos para retirar os seus investimentos do país.

Nem a ajuda do FMI parece ter convencido os banqueiros a manter os investimentos no Brasil. Notícias desta semana indicam que grandes instituições como o Bank of America ou o Citigroup continuam a retirar importantes montantes investidos na dívida pública brasileira, o que alarmou o governo e lança a suspeita de que a verba disponibilizada na semana passada pelo FMI, Banco Interamericano de Desenvolvimento e Banco Mundial visa sobretudo assegurar aos bancos uma calma saída do país.

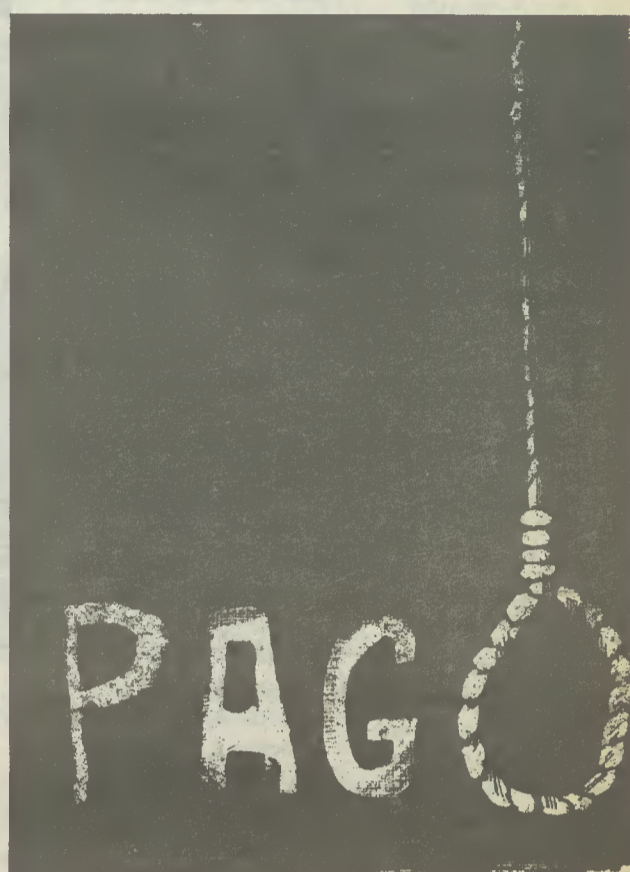
Ao mesmo tempo as entidades financeiras internacionais não parecem dispostas em renovar os empréstimos concedidos quer a privados quer ao governo brasileiro. Afirmando que o crédito do FMI não é suficiente, os banqueiros não arriscam: «Queremos minimizar os riscos» afirmou, Robert Kely, o director financeiro do Wachovia, o quatro banco dos Estados Unidos, que já anunciou a intenção de reduzir para metade os 720 milhões de dólares que investiu na dívida brasileira. Segundo cálculos do Banco

Central do Brasil, durante as primeiras três semanas do mês passado foram transferidos para o estrangeiros pelo menos 1100 milhões de dólares, o dobro do registado em todo o mês de Junho.

Esta fuga de capitais contribuiu para a queda de 20 por cento do real durante o mês de Julho e voltou a cair no final da semana passada, depois de uma ligeira subida verificada após o anúncio da ajuda do FMI.

O cerco financeiro estende-se igualmente às empresas brasileiras que estão a ser pressionadas pelas entidades de crédito para liquidar as suas dívidas. O banco europeu West LB confirma que as linhas de crédito a curto prazo não estão a ser renovadas e que esta tendência será invertida. A mesma política está a ser seguida pelo Citigroup, pelo Bank of America ou pelo JP Morgan o segundo banco norte-americano.

Sem as instituições estrangeiras a banca brasileira fica sem possibilidade de conceder empréstimos. A União de Bancos Brasileiros, o sexto banco do país, revelou que o fluxos financeiros vindos do exterior caíram 50 por cento em Julho. A crise está instalada.



Argentina verga-se ao FMI

O Brasil tem uma dívida externa acumulada de 264 mil milhões de dólares, mais do dobro da Argentina, país que até ao momento não recebeu qualquer tipo de apoio financeiro. Na esperança de que o FMI altere a sua decisão, o governo

argentino anunciou a intenção de eliminar as restrições ao levantamento de depósitos a partir de 30 de Setembro.

A medida, que corresponde às exigências do FMI, prevê a abertura das contas onde estão retidos cerca de 5600 milhões de dólares que evitam a quebra do sistema financeiro.

Milosevic candidata-se às presidenciais

O Partido Socialista sérvio (SPS) vai apresentar a candidatura de Slobodan Milosevic às eleições presidenciais na Sérvia, apesar dos obstáculos legais que impedem o ex-presidente jugoslavo de disputar um mandato, referiu a agência Tanjung, citada pela Lusa.

Milosevic foi eleito presidente duas vezes, em 1990 e em 1992, e não pode disputar o terceiro mandato, à luz da constituição da Sérvia, indicou a comissão eleitoral.

O SPS, do qual Milosevic continua a ser oficialmente o presidente, começou sábado a recolher as assinaturas de cidadãos necessários para apoiar esta candidatura, sublinhando que a decisão da comissão eleitoral não tem um carácter obrigatório. Cada candidato à eleição presidencial da Sérvia deve reunir 10 mil assinaturas para se apresentar ao escrutínio.

«É impossível dizer se Milosevic reúne as condições

necessárias para uma candidatura antes de ser tomada uma decisão oficial pelas instituições competentes», afirmou Oskar Kovac, um alto responsável pelo SPS, fazendo referência a uma decisão do Supremo Tribunal sérvio que constitui a última instância jurídica para este género de decisão.

Entretanto, centenas de assinaturas foram recolhidas durante as primeiras duas horas da acção do SPS, em Belgrado. O partido espera poder apresentar as assinaturas necessárias e a candidatura de Slobodan Milosevic à comissão eleitoral ainda esta semana.

O facto de Milosevic estar actualmente detido em Haia e a ser julgado pelo Tribunal Penal Internacional não é considerado um obstáculo a sua candidatura pelo partido. «O facto de estar preso não quer dizer que seja condenado. Tem os mesmos direitos e não existe obstáculo nesse sentido», concluiu Kovac.

Precariedade favorece desemprego

A taxa de desemprego na zona euro subiu 0,1 por cento em Junho para os 8,4 por cento, o mesmo valor atingido no mesmo mês do ano passado.

Segundo os dados avançados na passada semana pelo Gabinete Europeu de Estatística (Eurostat), existem agora 11,6 milhões de desempregados na Zona Euro, contra os 11,4 milhões verificados em Dezembro de 2001.

Para a totalidade dos Quinze, a taxa de desemprego aumentou igualmente em 0,1 por cento em Junho para os 7,7 por cento, existindo agora 13,6 milhões de desempregados na União Europeia, o valor mais alto desde Agosto de 2000.

O Gabinete de Estatísticas adianta ainda que os maiores valores foram registados em Espanha (11,5 por cento), França (9,2 por cento), Finlândia (8,9 por cento) e Bélgica (6,9 por cento).

Ainda segundo dados do Eurostat, quatro em cada dez pessoas que estão nas lis-

tas do desemprego tinham contratos temporários de trabalho. Este facto demonstra que o emprego precário não tem contribuído para a criação de postos de trabalho. Apesar disso, a percentagem de contratos a prazo não pára de aumentar em praticamente todos os países da UE. Em 2000, estima-se que 13,5 por cento dos assalariados tinham vínculos precários, fenómeno que afecta mais as mulheres, 14,5 por cento, contra 12,5 por cento nos homens.

A Espanha é o país com maior taxa de precariedade (33%), curiosamente apresenta também a taxa de desemprego mais alta da UE, seguido por Portugal (20%); Finlândia (18%), Suécia e França (15%), valor que é a média europeia. As taxas mais baixas encontram-se no Luxemburgo (3%), Irlanda (5%), Reino Unido (7%), Áustria (8%) e Bélgica (9%). As estatísticas mostram ainda que metade dos trabalhadores temporários têm menos de 30 anos de idade.

US Airways declara falência

A sexta maior companhia aérea declarou no domingo falência, sendo a primeira empresa americana deste sector a fazê-lo depois dos atentados de 11 de Setembro, os quais provocaram sérias perdas neste sector. A empresa, que se encontra envolvida num processo de reestruturação, perdeu 2,1 mil milhões de dólares durante 2001, sendo o seu objectivo prosseguir o plano de reestruturação

durante o tempo em que permanece ao abrigo do Capítulo 11 da Lei que rege as falências nos Estados Unidos.

O presidente da companhia, David Siegel, afirmou que «a US Airways irá continuar a operar, ao mesmo tempo que conclui o processo de reestruturação, pelo que os seus clientes podem estar seguros de que a mesma manterá os mais de 200 destinos que integram a sua rede».

A transportadora, que tem activos avaliados em 7,81 mil milhões de dólares e um passivo de 7,83 mil milhões de dólares, recebeu um financiamento de 500 milhões de dólares para poder prosseguir a sua actividade enquanto procura reorganizar-se.

A empresa tem actualmente 35 857 empregados e realiza mais de 1200 voos diários.



Polícia desaloja imigrantes

A polícia espanhola desalojou da Universidade de Sevilha 270 imigrantes do Norte de África que reivindicavam autorizações de residência em Espanha, pondo termo a uma ocupação de protesto iniciada há cerca de dois meses. Não se registaram feridos e os imigrantes desalojados, na maioria de nacionalidade argelina, estão sob custódia policial, enquanto as autoridades espanholas analisam os seus casos para eventual repatriação. A intervenção da polícia pôs termo a uma ocupação iniciada a 10 Junho e na qual chegaram a participar 400 pessoas, imigrantes que entraram em Espanha com a expectativa de trabalhar na apanha do morango na província de Huelva, Andaluzia. Os proprietários das plantações preferiram este ano mão-de-obra proveniente da Europa Central e de Leste com autorização de residência no país, facto que esteve na origem da ocupação da Universidade.

Chuvas provocam mortes

As chuvas diluvianas e os deslocamentos de terra que nos últimos dias têm atingido violentamente várias regiões da Ásia e da Europa já causaram dezenas de mortos e importantes danos materiais. Na Europa Oriental, as situações mais dramáticas registam-se nas costas russas do Mar Negro, onde 58 pessoas morreram. A Norte do Cáucaso as inundações causaram 114 mortos e destruíram cerca de 13 mil casas. Na Europa Ocidental, os países mais afectados são o Reino Unido, Áustria e Alemanha, onde as estradas foram cortadas e muitas habitações inundadas ou evacuadas por precaução. Na Suíça, pela primeira vez há mais de 28 anos, neva no Verão com uma altura que chega até aos 30 centímetros. Na Ásia, a China, as duas Coreias e a Índia são também fustigados pelas chuvas. Na Coreia do Sul, mais de 30 pessoas morreram ou estão dadas como desaparecidas devido às fortes correntes. A China conta já este ano com 900 mortos, principalmente no Sul do país e na Índia, pelo menos 43 pessoas morreram e mais de 50 ficaram feridas após chuvas torrenciais.

Timor-Leste adere ao TPI

O Parlamento de Timor-Leste aprovou e ratificou na segunda-feira a adesão ao Tribunal Penal Internacional (TPI), com 70 votos a favor e uma abstenção. A proposta aprovada inclui uma declaração interpretativa em que Timor-Leste «manifesta a sua intenção de exercer o poder de jurisdição sobre pessoas encontradas em território nacional indiciadas pelos crimes previstos» no Estatuto, «com observância das suas regras constitucionais e demais legislação penal interna».

Nacionalistas bascos não participam no «consenso» dos partidos de centro-esquerda para interditar o Batasuna

Ilegalização contestada

O Congresso espanhol reúne-se ainda este mês para votar a ilegalização do Batasuna, acusado pelo governo de Aznar de ser cúmplice com os atentados da ETA.

Desta vez, porém, o consenso alargado que Aznar obteve na votação da Lei dos Partidos, no passado dia 27 de Junho, poderá não voltar a verificar-se no próximo dia 26, no plenário extraordinário do Congresso convocado à pressa apesar do período de férias.

O governo espanhol procura obter a cobertura «democrática» deste órgão para depois solicitar ao Supremo Tribunal a ilegalização do Batasuna, coligação independentista basca, mas alguns políticos já manifestaram reservas, outros apelam à prudência e os nacionalistas bascos não hesitam em considerar um erro grave semelhante decisão.

À parte a fundamentação jurídica de todo o processo, sobre o que existem as maiores dúvidas, a verdade é que para além das muitas vozes discordantes de vários quadrantes políticos do País Basco, a contestação popular à proibição do Batasuna ganha expressão nas ruas como aconteceu no passado domingo em San Sebastian, onde mais de 10 mil pessoas manifestaram-se contra as intenções do governo de Madrid.

Faixas e bandeiras apresentavam-se frases como «Basta de fascismo. democracia para o País Basco». Palavras de ordem foram

gritadas exigindo que os responsáveis políticos «Dêem a palavra ao País Basco» e respondendo-lhes que «Os fascistas são vocês».

Milhares de bascos desfilaram no domingo contra a ilegalização do Batasuna

Noutro tom, entretanto, os nacionalistas bascos moderados do PNV, que se opõem a todo o tipo de violência, recusam frontal-

mente a política de confrontação do primeiro-ministro espanhol e consideram que a tentativa de dissolução do Batasuna terá graves consequências: «Tal como a ETA nos afasta da paz, uma estratégia que visa colocar fora da lei o Batasuna vai afastar-nos de uma situação que desejamos», afirmou, na passada semana, o porta-voz do PNV, Joseba Egibar. Segundo este responsável, Aznar, que há dias qualificou os eleitos do Batasuna de «lixo», «demonstrou que a sua mensagem política está concentrada nas suas vísceras», acrescentou Egibar, que continua a aguardar do primeiro-ministro «uma perspectiva de Estado e de um homem de razão».

Um «grave erro» foi também como considerou o principal dirigente da Esquerda Unida, Gaspar Lamazares, a resposta do governo ao último atentado da ETA, no sul do País: «Como se a ilegalização fosse uma a solução milagrosa».

«Depois de um atentado, a ilegalização, e depois do segundo e do terceiro, o quê?», interrogou Patxi Zabaleta, porta-voz do Aralar, movimento que se separou do Batasuna e se opõe abertamente à violência.

Por seu turno, o porta-voz no parlamento dos nacionalistas da Galiza, Francisco Rodriguez, manifestou a sua oposição «de princípio» à tentativa de proibição «porque nós pensamos que ela irá criar uma situação ainda pior», declarou.

A base legal

Mas para além do previsível aumento da violência, são muitas as dúvidas que se levantam quanto ao fundamento legal para a proibição do Batasuna. A nova lei dos partidos estipula que possam ser interditados aqueles que apoiem, justifiquem ou desculpem as acções terroristas.

Ora, o porta-voz da coligação independentista, Arnaldo Otegi, veio a público qualificar o atentado de domingo, 4, em Santa Pola, de «doloroso», expressão que não se enquadra em nenhum dos critérios referidos. No entanto, o facto de não ter abertamente condenado esta alegada acção da ETA está a ser explorado pelo governo que com o apoio do PSOE quer a condenação e dissolução do Batasuna.

Para os visados a hora é de luta. Arnaldo Otegi, porta-voz da coligação independentista, apelou na passada semana «à resistência democrática



O processo contra o Batasuna irá agravar o clima de confrontação e violência

face ao Estado Espanhol» e convocou a «mobilização do povo basco» para «de uma vez por todas colocar a nossa vida política, social e institucional fora do alcance da permanente ingerência do Estado espanhol». Otegi lembrou que a ilegalização do Batasuna «é um objectivo do PP desde que acedeu ao governo», em 1996, e considerou que a lei sobre partidos políticos «fecha completamente a porta à solução do conflito basco» apostando na «confrontação pura e simples».

No passado domingo, no final de uma grande manifestação em San Sebastian, Joseba Alvarez, eleito regional do Batasuna, lançou um apelo aos eleitos do partido Nacionalista Basco (PNV), no poder, e ao Eusko Alkartasuna para que boicotem a sessão extraordinária do Parlamento. Ao primeiro-ministro deixou o desafio: «Se Aznar quer a guerra, a esquerda independentista e o País basco responderão com a luta uma vez que é a única saída que nos resta».

Ataque ao Iraque

Arábia Saudita retira apoio aos EUA

A Arábia Saudita avisou os Estados Unidos de que está indisponível para receber tropas norte-americanas para uma operação militar contra o Iraque. O anúncio foi feito no domingo pelo ministro saudita dos Negócios Estrangeiros, o príncipe Saud al Fayçal.

«Nas actuais circunstâncias, sem prova de uma ameaça iminente do Iraque, não penso que a Arábia Saudita participe», disse à cadeia de televisão ABC. «Nós defendemos um movimento de uma frente diplomática. Pensamos que falta dar uma oportunidade a uma solução diplomática antes de recorrer à guerra», disse Fayçal.

Esta posição da Arábia Saudita surge apesar do príncipe reconhecer que o país que representa é o mais ameaçado pelo Iraque, logo a seguir ao Kuwait. Esta sema-

na, a Arábia Saudita e o Irão já se tinham pronunciado contra um ataque militar dos Estados Unidos ao Iraque.

No dia anterior, os senadores republicanos defenderam que Bush deve atacar o Iraque mesmo sem nenhuma provocação de Saddam Hussein.

Ao contrário, Dick Arney, o líder da Casa dos Representantes da maioria, causou agitação quando sugeriu que os Estados Unidos não têm interesse em atacar o Iraque sem provocações suficientes. O senador democrático, Carl Levin, juntou-se àquele dirigente para contestar a falta de legitimidade a um ataque que não tenha sido provocado.

Alemanha também...

O chanceler alemão, Gerhard Schroeder, afastou

igualmente qualquer hipótese de uma intervenção militar em conjunto com os EUA contra o Iraque.

«Penso que se houver uma intervenção deveremos ser cautelosos», referiu. «Isto significa que a Alemanha não participará», adiantou o chanceler

social-democrata, sem deixar margem para dúvidas que nos últimos dias expressou as suas crescentes reticências sobre os preparativos norte-americanos para um ataque ao Iraque. «A Alemanha é, com os EUA, o país que tem maior número de

soldados a realizar operações internacionais. Aleançou-se o limite», sublinhou Schroeder.

O chanceler acrescentou ainda que o país tem uma população «profundamente pacifista, traumatizada por duas guerras mundiais e pela tensão da guerra fria».

Franceses contra intervenção militar

Cerca de 75 por cento dos franceses estão contra uma intervenção militar do seu país no Iraque, mesmo com o beneplácito das Nações Unidas, segundo uma sondagem do instituto IFOP cujos os resultados foram divulgados no sábado.

Dessa percentagem, 55 por cento consideram não ser «absolutamente favorável» e cerca de 25 por cento «mais ou menos desfavorável» à iniciativa de um ataque mili-

tar ao país de Saddam Hussein. Dos inquiridos, 22 por cento mostraram-se a favor da intervenção e os restantes três por cento não se pronunciaram.

Questionados sobre um ataque unicamente norte-americano, os resultados foram relativamente similares. Cerca de 76 por cento afirmaram rejeitar essa hipótese, 18 por cento apoiam e seis por cento não responderam.

Colômbia

• Miguel Urbano Rodrigues

O Vietnam anterior à escalada

Nos últimos dias dois acontecimentos de enorme significado político chamaram a atenção para a América Latina como pólo de lutas que condicionam o rumo da humanidade.

No dia 7 de Agosto, Álvaro Uribe Velez assumiu a Presidência da Colômbia sob a protecção de um gigantesco aparelho militar. À mesma hora morteiros e bombas explodiam no centro de Bogotá, atingindo o próprio palácio presidencial, a Casa de Nariño.

No dia 8 de Agosto, em Caracas, o Supremo Tribunal de Justiça da Venezuela emitia um acórdão negando-se a julgar como golpistas os quatro generais e almirantes que dirigiram o golpe de Estado de 11 de Abril contra o presidente Hugo Chavez.

Ambos os acontecimentos serão recordados como clarificadores do velho debate travado no Continente sobre estratégias para a tomada do poder, a transição e formas de luta.

A decisão tomada pelos juizes de Caracas, embora

esperada foi recebida como balde de água gelada pelo Presidente Chavez e por quantos na Venezuela empunham as bandeiras da Revolução Bolivariana. Ela veio iluminar com luz forte as ilusões dos que ainda acreditam em transformações revolucionárias da sociedade venezuelana realizadas por ca-

nais institucionais. O acórdão caraqueño soou na América Latina como um *requiem* pela via pacífica. A oposição parece jogar na tática do desgaste, tudo fazendo para encaminhar o país para uma situação de caos. Se o Presidente Chavez não rectificar a sua estratégia não é de excluir inclusive a eventualidade de um novo golpe.

As bombas de Bogotá – independentemente dos responsáveis pela operação – fizeram

milhões de pessoas recordar que nesta era de hegemonia absoluta do poder imperial norte-americano uma guerrilha transformada em exército do povo sobrevive na Colômbia há quase quatro décadas, demonstrando que é possível resistir pelas armas ao maior exército da América Latina, armado, treinado e financiado pelos EUA.

Em Washington, o alarme provocado pelas notícias da Colômbia apagou a euforia resultante das boas novas chegadas da Venezuela. Na Casa Branca e no Pentágono não se esquece que a tomada do poder é, a longo prazo, o objectivo estratégico das FARC-EP.

Até ao momento em que escrevo as FARC não se tinham pronunciado sobre os acontecimentos do dia 7. Mas essa atitude não surpreendeu porque o movimento guerrilheiro não costuma emitir comunicados sobre acções desse tipo.

O governo, como era de esperar, atribuiu imediatamente às FARC a responsabilidade pelas explosões que fizeram da posse de Uribe a grande manchete dos *media* internacionais.

Uribe:
«Que fracasso!»

Personalidades que rodeavam Uribe quando ele foi informado de que o próprio palácio presidencial fora atingido pelo bombardeamento revelaram à imprensa que ele, descontrolado, desabafou: «Que vaina, que insucesso!» (Em português o equivalente seria talvez «Que porra, que fracasso!»)

O seu espanto é compreensível. Ele quisera transformar a posse numa cerimónia de projecção internacional. Estava rodeado de chefes de Estado e de governo. De Espanha, Aznar enviara o próprio herdeiro do trono.

As Forças Armadas haviam garantido que a segurança era total. Um aparelho militar-policial nunca antes visto em Bogotá estabeleceu um cordão protector, isolando o centro da capital e cobrindo edifícios estratégicos. Mais de 20 000 soldados do Exército e da polícia integravam o dispositivo que incluía tropas de elite treinadas para actuar em áreas urbanas.

Aviões de combate e helicópteros sobrevoavam Bogotá desde a madrugada. Todos os voos das companhias aéreas sobre a capital foram suspensos entre as três e as cinco da tarde. Um avião espiã norte-americano, enviado pelos EUA, participou do dispositivo de segurança. Os *media* tranquilizavam a população.

E foi o que se viu. Aquilo fez lembrar a alguns visitantes estrangeiros operações de comandos vietnamitas em Saigão durante o auge da guerra contra os EUA.

O efeito que Uribe visava com a pompa da cerimónia e



Não há calúnias que possam apagar o comprometimento revolucionário das FARC na sua longa luta por uma Colômbia democrática e independente

A confissão do general

As ofensivas desencadeadas pelas FARC nas últimas semanas confirmaram que a organização, lutando em 60 frentes, dispõe hoje de um poder militar que é reconhecido pelo próprio exército, que lhe atribue um efectivo combatente superior a 20 000 homens. O êxito de operações empreendidas em grandes cidades permite concluir que a sua rede de apoio urbano se ampliou e fortaleceu muito no último ano.

Num comunicado difundido no país e no estrangeiro, o Estado-Maior Central das FARC deixou muito claro que é o governo quem impede a troca de prisioneiros proposta pela guerrilha e exigida pelo povo.

Uribe chega, assim, à presidência num contexto em que o seu triunfalismo é desmentido, no dia-a-dia, pelos factos da vida.

Condecorado com a Ordem do Mérito Militar, com a Cruz da Força Aérea, com a Estrela da Polícia - o novo presidente promete a vitória sobre as FARC se estas não se

submeterem às suas condições, ou seja se não entregarem as armas, capitulando.

Fala com a prepotência de um César caribenho sem uniforme. Mas enquanto ele anunciava imaginários triunfos futuros, o general Tapias (que foi durante anos o homem forte do regime) confessava num discurso ambíguo, antes de deixar o comando das Forças Armadas, que a guerra contra as FARC somente pode terminar na mesa das negociações, pois não enxerga para ela qualquer solução que não seja política.

Os milhões vindos dos EUA permitiram à oligarquia colombiana montar o mais poderoso exército da América Latina e uma força aérea com um poder de fogo superior ao somado da brasileira e da argentina. Mas Tapias vem a público, na sua despedida, reconhecer que as FARC não podem ser destruídas militarmente, nem com os dólares do Plano Colômbia.

o seu contraditório discurso não foi obtido.

Além do Palácio e do Colégio Militar foi também atingida a sede administrativa do Governo.

Uribe tinha proposto a mediação da ONU, mas sublinhando que somente concebe a negociação com as FARC a partir de um cessar fogo prévio, que deixaria o movimento guerrilheiro à sua mercê. Por outras palavras, a paz, segundo ele, passa pela capitulação do adversário.

Os convidados estrangeiros tiveram uma oportunidade excepcional para tirar conclusões da jornada.

O bombardeamento provocou vítimas. Morreram pessoas alheias ao grande conflito histórico em curso. Mortes que causaram pesar em todo o mundo. Mas o esforço de Washington e da oligarquia colombiana para utilizar os acontecimentos do 7 de Agosto como instrumento emocional na campanha que apresenta a insurgência armada como um desafio terrorista não pode inverter a realidade.

A Colômbia é neste início do século cenário de um confronto em que por vezes se torna muito difícil estabe-

lecer a fronteira entre a tragédia e a epopeia. Somente no Vietnam encontramos precedente para o que ali se passa. Já o escrevi depois de conviver durante semanas com combatentes das FARC num acampamento guerrilheiro da selva. E volto a expressar essa convicção. Não há calúnias que possam apagar o comprometimento revolucionário das FARC na sua longa luta de quatro décadas por uma Colômbia democrática e independente, um país renovado que responda ao projecto libertador de Bolívar.



As FARC, como alguns já hoje reconhecem, não podem ser destruídas militarmente, nem com os dólares do Plano Colômbia

Um milhão de bufos

A Colômbia é, pelos seus recursos naturais, um dos países mais ricos do Continente americano. Mas está arruinada. Até «El Tiempo», porta-voz da oligarquia liberal, reconhece com amargura que tudo piorou nos últimos anos. O balanço do mandato de Andres Pastrana é catastrófico. O de Uribe começa com morteiros e *rockets* a explodirem em Bogotá.

Mais de 60% dos 42 milhões de colombianos vivem na miséria. Uns nove milhões dispõem do equivalente a menos de um euro por dia. Dez milhões estão desempregados. A dívida externa ultrapassa 42 mil milhões.

O panorama é tão sombrio que no Congresso dos EUA se ergueram já vozes lamentando o esbanjamento de 2000 milhões de dólares em programas de combate ao narcotráfico, incluindo as verbas anteriores ao Plano Colômbia. Porquê esse protesto? Um membro da Câmara de Representantes respondeu: a área de plantações de coca e da papoula do ópio é hoje maior do que no início do Plano Colômbia.

A guerra absorve mais de 35% do orçamento nacional. Pastrana, findo o mandato, lava as mãos como o romano Pilatos. Para ele chegou a hora do repouso. Vai pronunciar conferências mundo afora e desfrutar dos encantos das suas propriedades espanholas.

A Uribe, o sucessor, os epígonos chamaram-lhe durante a campanha «o pacificador». Não será por acaso que o compararam já ao israelense Ariel Sharon. É um político fascista. Como governador do Departamento de Antioquia, fomentou ali o paramilitarismo.

Do seu espírito de paz e diálogo faz prova a decisão, tornada pública pela ministra da Defesa, de criar, para ajuda ao Exército, um corpo complementar de 100 000 soldados e polícias. Uribe achou insuficiente. Anunciou a contratação de um milhão (sic) de auxiliares da polícia definidos como «informadores». Nem Hitler, Mussolini, Salazar, Pinochet e Franco, juntos, dispuseram de tantos bufos.

Interrogado sobre a iniciativa, Uribe elogiou-a em declarações publicadas por «El Tiempo» (10.08.2002); identifica nela uma contribuição valiosa para a paz.

É o estilo do novo presidente da Colômbia.

Muitos anos transcorreram antes que as grandes maiorias compreendessem que os revolucionários do Vietnam combatiam pela humanidade inteira. Um dia isso acontecerá com as FARC. Noutro contexto, as mulheres e homens do movimento guerrilheiro do comandante Manuel Marulanda travam uma luta que transcende o trágico cenário colombiano. Resistindo, eles batem-se também pela humanidade.

Utentes da Transportes Sul do Tejo protestam contra redução do número de veículos

Por mais e melhores autocarros no Montijo

Os utentes do Montijo e Alcochete dos autocarros da Transportes Sul do Tejo (TST) concentraram-se na semana passada no terminal da empresa no Montijo, protestando contra a redução do número de veículos e a falta de qualidade das viaturas.

Em Julho foram retiradas mais de 40 camionetas que faziam a ligação diária entre o Barreiro, o Montijo e Alcochete. A supressão estendeu-se aos fins-de-semana, aos feriados e ao período nocturno. Só durante a semana, entre o Montijo e Alcochete foram suprimidas 131 circulações e entre o Montijo e o Barreiro 145 circulações.

«Antigamente as carreiras eram de 20 em 20 minutos, agora são de meia em meia hora. Se avaria um autocarro, temos de esperar uma hora na paragem. Antes, a última carreira do Montijo para o Barreiro era à 1 e 15, actualmente é às 23 e 40», afirmou José Ratinho, membro da Comissão de Utentes, em declarações à Lusa.

Quanto à falta de qualidade das camionetas, os utentes referem a idade e o uso. «Os autocarros foram comprados no estrangeiro com 10 a 15 anos de estrada e não têm conforto», referiu José Ratinho.

Numa declaração pública, a Comissão de Utentes considera que «a TST devia ter vergonha de dizer na comunicação social que reconhece

as críticas dos utentes e afirmar que “já é uma melhoria substituir viaturas com 23 e 24 anos por outras com 10 e 15 anos”. Consideram bom continuar a adquirir material em segunda mão de outros países, renovando-lhes a “cara”, sem garantia de segurança ou da qualidade

dos veículos, muito particularmente sem ter em atenção a reivindicação dos utentes que são deficientes e que por isso têm dificuldades acrescidas.»

Preços aumentam

O recente aumento do preço dos bilhetes e dos passes sociais é também contestado pela Comissão de Utentes. «A este novo aumento não corresponde qualquer melhoria da qualidade do serviço prestado, bem pelo contrário», lê-se na declaração da comissão.

«É espantoso verificarmos que enquanto os trabalhadores da TST viram os seus salários serem actualizados apenas em três por cento, o preço dos bilhetes subiram

este ano mais de seis por cento, sem contarmos com o facto de a empresa manipular a seu bel-prazer os cálculos, para achar o aumento médio de 3,5 por cento, conforme publicamente está anunciado, mas que em termos concretos é sempre ultrapassado», sustenta a comissão.

De facto, os bilhetes pré-comprados aumentaram entre 5 e 14 por cento e os bilhetes de bordo entre 4 e 5,5 por cento. Trata-se de subida de preços que estão muito acima da média de 3,5 por cento. «Este aumento ainda é mais inconcebível quando o patronato parece já ter ganho a batalha da redução do preço do gasóleo», acrescentam os utentes.

«De forma oportunista, quando a maioria dos utentes se encontra de férias, a TST desfere mais um golpe a um serviço que deveria ser público. Eles sabem que não é fácil mobilizar a opinião pública num período de férias, que é mais difícil dar expressão aos protestos dos utentes», afirma a comissão, garantindo que o protesto vai continuar: «Temos o direito, que simultaneamente é um dever, de nos indignarmos e de dar expressão e força ao protesto dos utentes.»

Estava marcada para a noite de ontem uma reunião de todas as comissões de utentes da Península de Setúbal para concertar as próximas acções. «Quem cala consente. Nós não nos calamos nem consentimos», garante a comissão.



● José Martins

Segurança e hipocrisia

O Governo da direita desencadeou uma gigantesca operação de manipulação e exploração das consciências dos portugueses, a par de uma violenta ofensiva contra o regime democrático e a sua essência jurídico-constitucional com a apresentação de um novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional, que prevê o envolvimento e a intervenção das Forças Armadas em operações de carácter militar e operacional na área da Segurança Interna, a pretexto do «combate à droga e ao terrorismo». Concomitantemente, a situação na Segurança Interna e ao nível das Forças de Segurança é deliberadamente degradada, atingindo níveis deploráveis. O Governo do PSD/PP, ancorado numa política contrária aos interesses nacionais e nos sentimentos de mais segurança dos portugueses, não só não dá resposta aos gravíssimos problemas existentes nas Forças de Segurança (fartamente denunciadas pelas organizações profissionais e representativas policiais e opinião pública e onde pontificam a desarticulação do dispositivo policial; má gestão e distribuição dos efectivos; ausência de objectivos claros para o cumprimento da missão policial; ruptura dos programas de polícia de proximidade; militarização das funções de polícia; deficiente formação e desmotivação profissional; deterioração das relações polícia/cidadãos), como envereda por intoleráveis medidas e orientações de carácter sancionário, securitário e repressivo.

Um conceito estratégico inconstitucional

É neste quadro de grande complexidade, confusão e desorientação que o Governo da direita procura fazer emergir

doutrinas anquilosadas e pretéritas, que defendem a intervenção das Forças Armadas na Segurança Interna.

O Governo, ao apresentar e defender o referido projecto, quer fazer crer, através da hipocrisia e de malabarismos linguísticos, que a intervenção das Forças Armadas no plano interno não só é imprescindível, como o melhor para o País e omitiu propositadamente o facto de existirem, ao nível dos serviços e forças de segurança, estruturas e departamentos que estão tecnicamente preparados e vocacionados tanto para o combate ao narcotráfico, como para o chamado terrorismo.

O que o Governo pretende é, de forma indirecta, desviar as Forças Armadas das suas missões constitucionais e fazê-las intervir na ordem interna, criando, desta forma, condições para o reforço dos instrumentos e orientações de carácter repressivo que lhe permita fazer face ao descontentamento e aos protestos que a sua política antinacional e antipatriótica tenderão a provocar.

Coesão nacional

Às Forças Armadas incumbe a defesa da República e, no cumprimento deste objectivo supremo, são factor de coesão nacional. A sua intervenção no plano interno fora das missões que constitucionalmente lhe estão atribuídas, seria factor de desgaste e fragilização e o caminho mais curto para levá-las ao descrédito e ao desastre. O que o Governo do PSD/PP está a fazer é percorrer um caminho inverso àquele que é exigido pelas necessidades dos portugueses e pelo interesse nacional. São projectos e perigos que pesam sobre o regime democrático e que têm de ser rapidamente esconjurados com determinação e luta, obviamente!



O preço dos bilhetes pré-comprados aumentou entre 5 e 14 por cento

Poluição no rio Alviela preocupa «Os Verdes»

A deputada do Partido Ecologista «Os Verdes» Heloísa Apolónia apresentou um requerimento na Assembleia da República sobre a poluição no Rio Alviela. Datado de sexta-feira, o documento pergunta ao ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente se foram feitas análises às águas do rio após

as denúncias da Junta de Freguesia de Vaqueiros e sobre quais as medidas que o Ministério pretende tomar para prevenir situações de poluição.

«Águas tingidas de castanho escuro, espumas acumuladas nas margens, onde foi o rio que encontrei e que julgava já só existir num canto escuro da memória

colectiva. Uma situação que, segundo os testemunhos de moradores da freguesia com quem falei e do próprio presidente da Junta de Freguesia, se vem a repetir com regularidade e para a qual diversas entidades têm sido alertadas, sem que daí se tenham até agora visto resultados», lê-se no requerimento.

da festa!

FESTADO *Avante!* 2002

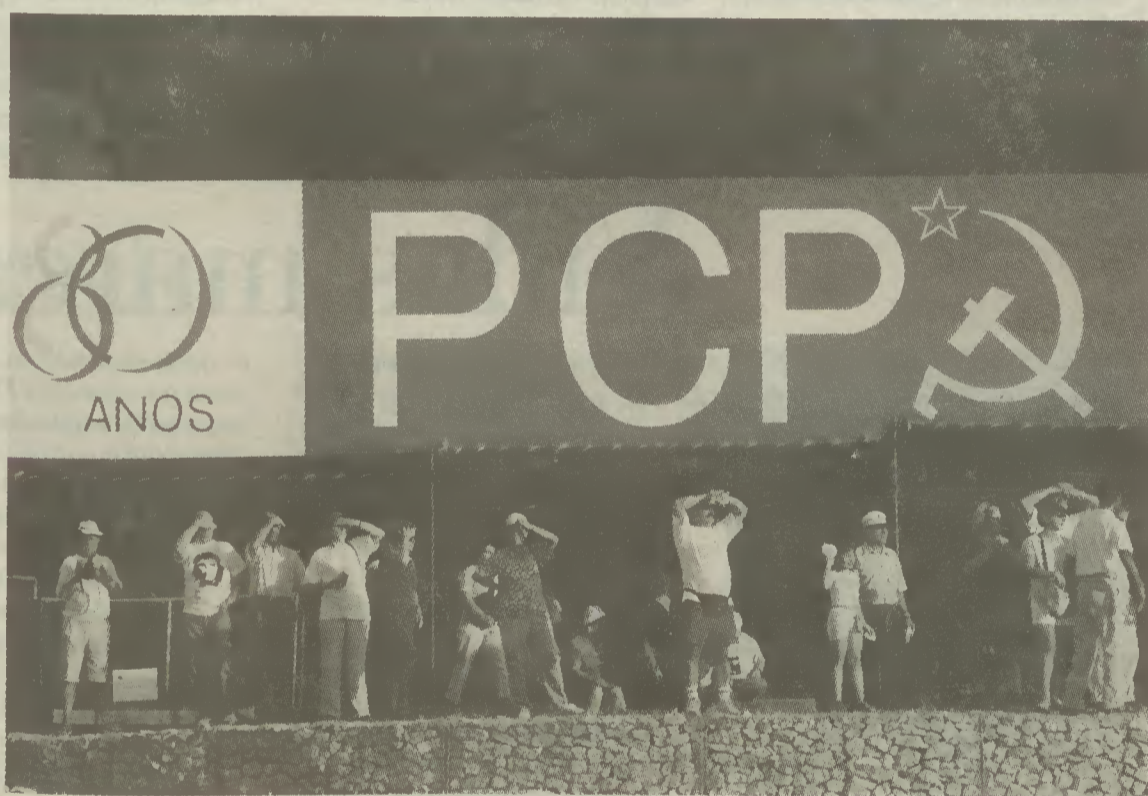
6, 7, 8 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

EXPO

Em 1962 conquistou-se a jornada de oito horas nos campos do Sul

Uma vitória heróica

A evocação do 40.º aniversário da vitória da luta pelas oito horas nos campos do sul é tema para uma das exposições desta edição da Festa do *Avante!*. Uma exposição inovadora e arrojada, assente em fotografia, vídeo e nos relatos dos que nessa luta participaram: homens e mulheres simples, do povo, que ousaram lutar – e vencer – por condições de trabalho mais humanas e pelo seu direito a uma vida condigna. Sobre a evocação e a luta, o *Avante!* entrevistou António Gervásio, que acompanhou de perto as heróicas jornadas como funcionário clandestino do PCP, falou com Pedro Soares, fotógrafo e foi ao Couço encontrar-se com diversos intervenientes nessas lutas. Relatos de miséria, violência e sofrimento, mas também de muita coragem, abnegação e luta. As pequenas histórias que fazem a História.

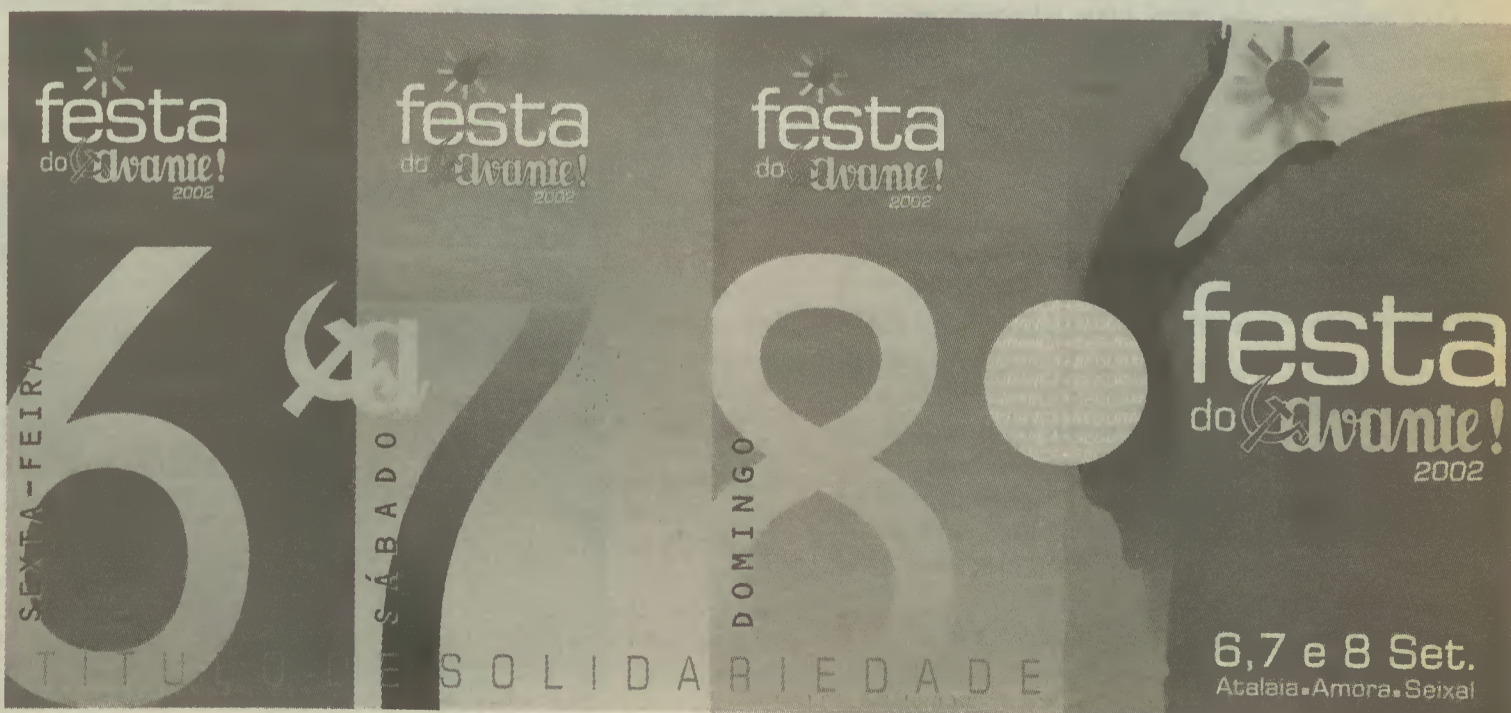


Organizações regionais

Visitar a Festa do *Avante!* é não só usufruir da melhor música, teatro e arte que se faz em Portugal, mas também conhecer e viver os sons, cores e sabores das diversas regiões do País, bem como as lutas dos seus habitantes. Uma viagem ao Portugal trabalhador.

Aproveita para comprar já a EP

A Entrada Permanente para a Festa do *Avante!* já está à venda! Podes comprá-la nos centros de trabalho do PCP ou através de militantes do Partido. Até dia 5 de Setembro a EP custa 14 euros, mas nos dias da Festa aumenta para 19 euros. Aproveita já esta oportunidade!





Conquista das oito horas de trabalho no campo evocada na Festa do Avante!

Prosseguir vitórias passadas

Toda a História é feita de histórias. E a história da conquista do

horário das oito horas nos campos do Sul do País, após uma heróica e corajosa luta de vários anos, não é exceção. Para lá dos

enquadramentos e das explicações gerais, fundamentais para compreender um processo desta importância e envergadura, o conhecimento das vivências, sofrimento, coragem e abnegação de cada um dos que o organizaram e nele participaram – uns mais activamente do que outros – é essencial para perceber toda a dimensão desta luta.

Num tempo marcado pelo regresso de políticas que se julgavam mortas e enterradas, e que os operários agrícolas de 1962 ajudaram a derrotar, o Avante! quis contribuir para não deixar cair no esquecimento o significado da entrega de muitos milhares de trabalhadores do campo, homens e mulheres simples, a uma causa que contribuiu decisivamente para a derrota do fascismo e do poder absoluto dos agrários. E fomos ao Couço, onde falámos com nove intervenientes nesta luta e escutámos vozes cheias de emoção, que não conseguiram – nem tão pouco tentaram – esconder os sentimentos que as recordações lhes trazem, 40 anos depois.

A evocação desta magnífica vitória será tema para uma das exposições da Festa deste ano. Uma exposição que recorre ao vídeo, à história, à fotografia. Os textos e fotos que hoje publicamos é o contributo específico do Avante! para a preservação desta memória e para a sua projecção no futuro. Quem quiser ver a exposição terá de ir à Atalaia. Nos dias 6, 7 e 8 de Setembro.

40 anos passaram sobre a conquista da jornada diária de oito horas pelos trabalhadores rurais do Sul do País. A edição de 2002 da Festa do Avante! evoca esta data com um espaço no Pavilhão Central, onde se recorre à história, à fotografia e ao vídeo para mostrar um pouco do que foi este combate.

Há momentos da história que deixam sementes para o futuro. Num tempo marcado pela feroz ofensiva do capital e dos governos ao seu serviço, a Festa do Avante! lembra o extraordinário feito que representou, em plena ditadura fascista, a conquista, pelos operários agrícolas do Sul, da jornada diária de oito

horas, em substituição do escravizante horário de sol a sol. Esta evocação consta de um espaço, em pleno Pavilhão Central, inteiramente dedicado a esta temática e que foge à habitual exposição comemorativa. Concebida por Rogério Ribeiro, esta evocação é apresentada num espaço que joga

com as luzes e a escuridão, as imagens e o som. À entrada, os já habituais, porque fundamentais, painéis com referências históricas, datas, principais acontecimentos e intervenientes, explicam os momentos que fizeram esta luta, estabelecendo a ligação – porque este foi um dos momentos que deixou sementes – desta com outra conquista histórica do proletariado agrícola: a reforma agrária do pós-25 de Abril. A completar a informação, estarão expostas edições do Avante!, contemporâneas dos acontecimentos, bem como outros documentos, de

carácter partidário ou unitário, referentes a estas lutas, que não se confinaram ao ano de 1962. No que respeita à fotografia (ver entrevista nestas páginas), estarão patentes quarenta e dois retratos de 80 por 80 centímetros, com os rostos de pessoas que participaram nas vitórias jornadas de luta. Tendo como protagonista a classe operária rural do Alentejo e Sul do Ribatejo, as lutas pelas oito horas tiveram intervenientes individuais – que se inseriam no todo da sua classe – cujos rostos o fotógrafo captou. Para o fotógrafo Pedro Soares, foi fácil fotografar estas pessoas, dada a

frontalidade e coragem revelada durante as sessões. Dos quarenta e dois retratos, que foram captados em diversas localidades do Alentejo e Ribatejo, cerca de um terço representam mulheres, que jogaram um destacado papel neste combate. Satisfeito com o trabalho feito, Pedro Soares só espera que quem vir a exposição tenha o mesmo conjunto de sensações que ele próprio teve ao fazê-la. «Foi uma experiência extraordinária», afirmou. À saída do espaço dedicado à luta das oito horas, um vídeo, da autoria de Paulo Coutinho, aponta na mesma direcção que as fotos de Pedro

Soares: dar destaque aos intervenientes. Assim, o visitante pode observar e escutar, rostos e depoimentos de muitos que ousaram exigir uma vida condigna e, deste modo, desafiar os interesses de agrários e da própria ditadura, que respondiam à «ousadia» com despedimentos, prisões e espancamentos. Histórias de miséria, torturas e violências, mas também de coragem, unidade, determinação e firmeza é o que se pode esperar desta invulgar evocação de uma das mais profícuas lutas de massas durante a ditadura, que foi determinante para a

Vidas marcadas no rosto

Pedro Soares é o fotógrafo da exposição sobre a conquista da jornada de 8 horas nos campos do Sul, para a qual fotografou 42 rostos, marcados pela dura vida que levaram. Profissional há 18 anos, o fotógrafo confessa que o entusiasmo pela profissão continua a aumentar.

de quem participou na luta. E ficou assim por um tempo. Entretanto, ia encontrando camaradas e falando-lhes da ideia.

E como é que essa ideia chegou à Festa?

Foi amadurecendo com o tempo. Um dia, os camaradas falaram comigo para participar com este projecto na Festa deste ano, que é o ano da fotografia. Para mim, é um privilégio fantástico ter uma oportunidade destas, com a importância social deste tema. E foi giro verificar o entusiasmo que provocou: um camarada com quem fiz este trabalho, apaixonou-se logo por ele. Esse camarada ia com um gravador recolher os depoimentos, o que facilitou a minha tarefa. Reuníamos toda a gente, cada um falava acerca da sua experiência nesse combate. Houve quem tenha chorado e ficado sem condições para continuar a falar. São recordações muito vivas... Verifica-se também que as expressões daquelas pessoas são de uma grande frontalidade e coragem moral. Olhavam para mim sem medo...

Mas isso não é normal? Tenho uma grande experiência com actores – nos dez primeiros anos da minha carreira como fotógrafo profissional fiz muitos trabalhos em teatro –, fotografava-os muito e devo dizer-te que muitas das vezes tinha

de quem participou na luta. E ficou assim por um tempo. Entretanto, ia encontrando camaradas e falando-lhes da ideia.

Isto foge um pouco à tradicional exposição evocativa...

Os rostos das pessoas são o espelho da alma. E ainda mais, sabendo que os camponeses têm marcado no rosto muita da sua experiência e da vida que levaram. Penso que humaniza imenso a informação histórica que se dá. Esta faceta é muito importante. Esta luta das oito horas no campo está praticamente esquecida. Mas as pessoas lembram-se que hoje se luta pelas 35 e que há muito poucos anos se lutava pelas 40... Há aqui uma questão, por detrás de tudo isto, que é o aumento da exploração do trabalho assalariado. A luta não pára por todo o mundo ocidental. Há aspectos actuais nesta evocação. Há aspectos comuns entre ontem, hoje e amanhã. E depois há o factor humano, os que fazem com que a história aconteça, que a põem a andar.

Se houve uma luta é porque alguém a travou...

Sim. E muitos deles ainda vivem. Uns actuaram em directo, outros foram apenas testemunhas. Juntamente com toda a informação histórica que existe e que vai estar lá patente, estes rostos são um grande abanão. São imagens grandes – 80 por 80 centímetros – e que envolvem apenas o rosto. São 42 rostos, alguns dos quais de mulheres, e eu só espero que as pessoas que as virem tenham o mesmo conjunto de emoções e de sentimentos que eu tive. Foi de facto uma experiência extraordinária...

És fotógrafo há quanto tempo?

A primeira coisa que fiz como profissional foi há 18 anos, numa peça de teatro que estrei em Setúbal. A partir daí, nunca mais parei.

É que se nota um grande entusiasmo, tanto tempo depois...

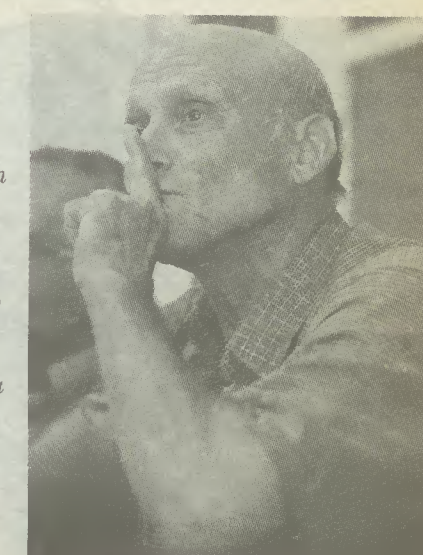
Não há dúvidas disso. Quanto mais trabalho, mais quero trabalhar. Agora, estou mergulhado em três projectos, qual deles o mais excitante.

Que temas costumas fotografar?

Retratos, por exemplo. Sempre fiz. Ou paisagem urbana. Tenho três

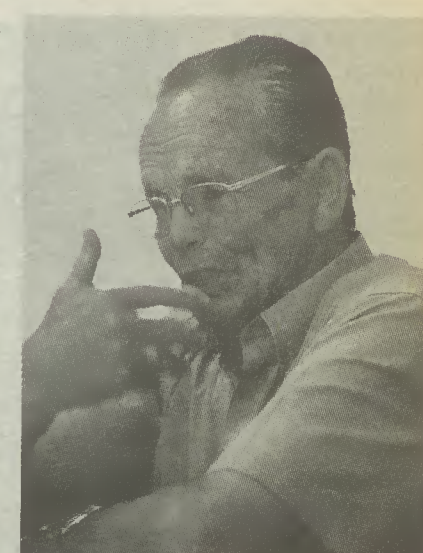
Depoimentos

«Tive uma "história" com a PIDE. A minha irmã estava na clandestinidade mais o marido e, um dia, a PIDE e a GNR foram procurá-la a casa. Como não estava lá, foram à minha casa. Arrombaram-me a porta, mas ela também não estava. Então foram ao campo, onde ela deveria estar a arrancar mato, fizeram a chamada, e também não a encontraram. Eles tinham o Bilhete de Identidade dela e o do marido, que tinham ficado em casa. Voltaram cá a casa e, quando abalaram, fui ao sítio onde ela estava e avisei-a, para que fugisse (...) Depois o PIDE voltou, desta vez sem a Guarda, e disse para a minha mulher, que estava com a minha filha: "diga ao seu marido que pode voltar ao trabalho". Tinham-me proibido. E eu pensei: "desta já me sapei". Mas sapei-me em todas, nunca me apanharam!»



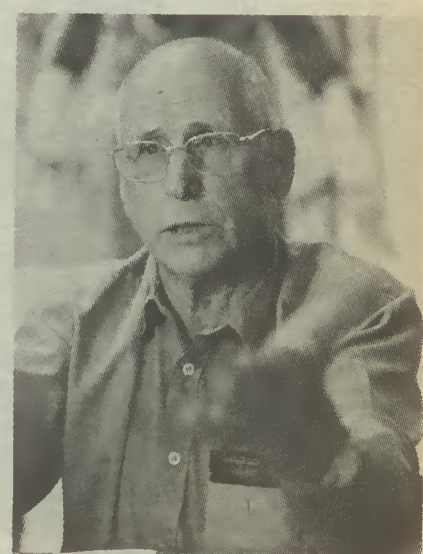
José Henrique Gil

«No Verão de 60, eu e outros camaradas, num total de cerca de trinta homens, conseguimos romper com as 8 horas. Trabalhávamos para um pequeno seareiro. Combinámos com ele que lhe fazíamos o trabalho todo se ele nos desse as 8 horas. Era isso ou nada. O homem lá aceitou. (...) Depois disto, o Partido retirou-me da tarefa partidária e pôs-me no plano unitário, na luta pelas oito horas, a controlar o Couço e outras terras (...) No 1.º de Maio de 1960, estive na primeira reunião que se fez para a luta, em cima da ponte de Arraiolos. Apareceu muita gente. E daí partiu a orientação de, em cada sítio onde houvessem trabalhadores, fazer reuniões e criar comissões para a luta. (...) Em Novembro de 1960, fui para a prisão, onde estive seis anos, e não sei o que se passou mais...»



Joaquim Fino Henrique

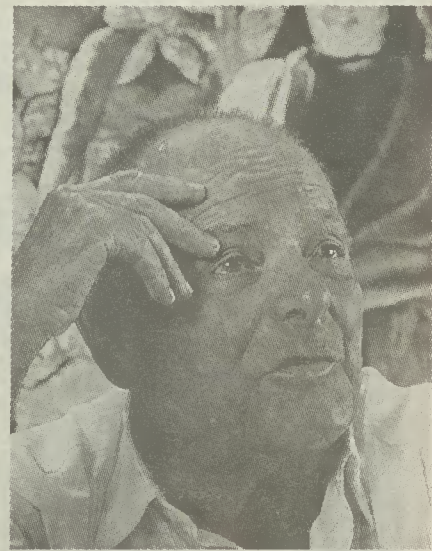
«Assisti sempre à falta de trabalho no Inverno. No Verão, quando havia trabalho, os agrários combinavam o salário que nos haviam de pagar e não tínhamos outra alternativa do que trabalhar pelo que eles pagavam. Mas isso fez-nos perceber da necessidade de termos, também nós, uma organização. (...) Em 1958, no Couço, não houve fraude eleitoral, porque o povo fiscalizou as urnas. Mas quando se soube da burla a nível nacional, impôs-se uma greve política, de protesto. A greve desenrolou-se, houve levantamentos de rancho, fomes de terra em terra. (...) Isto deu um grande impulso à luta e à própria organização do Partido. A partir daí, as batalhas que travámos foram muito mais importantes, porque estávamos organizados. E já tínhamos estruturas em muitos sítios...»



Joaquim Mocinho

Depoimentos

«Entre nesta luta em 1958 e não era membro do Partido. Foi para a luta por todo o sofrimento que passei. Comecei a trabalhar aos seis anos, nunca fui à escola. Desde muito novo que sou completamente contra o capitalismo, por viver a exploração. (...) Os seis meses que estive preso foram uma grande escola para mim. Foi aí que aprendi o que era o Partido. Foi dado como agitador, por andar a levantar ranchos. Quando sai, a organização do Partido agarrou-me. (...) Antes de ir para a clandestinidade, já fazia parte da organização que controlava o Couço. Foi em 1961 que tive de fugir e ir para a clandestinidade, para não ser preso. (...) A PIDE deu muitas machadadas, no Couço, mas não foi capaz de derrubar a reivindicação do povo. E tiveram de dar as 8 horas...»



Jerónimo Bom

Há 40 anos conquistou-se, nos campos do sul, a jornada diária de oito horas de trabalho

Uma vitória histórica nascida da coragem colectiva

40 anos depois, António Gervásio lembra as heróicas jornadas que garantiram a mais de 200 mil trabalhadores rurais o direito a uma vida condigna. Em entrevista ao *Avante!*, Gervásio, que foi funcionário clandestino do PCP no Alentejo e acompanhou a luta do início até à vitória, fala da coragem e determinação dos trabalhadores e da importância decisiva do Partido para o desfecho do que foi um combate árduo e vitorioso dos operários agrícolas do sul do País.

Qual era a situação, antes de 1962, nos campos do Sul do País? Até Maio de 1962, o horário de trabalho nos campos do Sul era de sol a sol, o que significava pegar no trabalho ao nascer do sol e despegar ao pôr. E fazer o caminho de casa para o trabalho – e o contrário – a pé, durante uma, duas ou mais horas. Não havia transportes e raro era o trabalhador que possuía uma bicicleta. As 8 horas, e consequentemente o fim do escravizante horário de sol a sol, era uma aspiração muito sentida pelos trabalhadores. Os assalariados agrícolas eram os trabalhadores mais privados de direitos e regalias do País. Os mais explorados. Tinham salários de fome e passavam meses seguidos sem ganhar um tostão. E não havia subsídio de desemprego nem reforma... Eram trabalhadores sem direitos, duramente explorados pelos grandes proprietários. E qualquer luta que travassem era reprimida com violência pela GNR e pela PIDE. Milhares de trabalhadores, homens e mulheres, foram presos pelo fascismo, condenados, torturados, e alguns mortos, por reclamarem por justiça, pão e trabalho.

E como se chega a estar em condições para travar uma luta da envergadura que esta assumiu? Ao longo das décadas, os trabalhadores agrícolas, mesmo nas condições do fascismo, desenvolveram uma rica

experiência de luta e organização na defesa das suas justas reivindicações. Desenvolveram as Comissões de Unidade – de tipo sindical, clandestinas – e as praças de jorna, onde reivindicavam melhores salários e condições de trabalho. Mas, como é sabido, a exploração e a pobreza, por si só, não dão consciência de classe e consciência política, não explicam as causas da exploração e da pobreza, nem dão luz aos trabalhadores sobre como organizar a luta contra os exploradores. Assim, é justo relembrar que a conquista das 8 horas nos campos do Sul, há 40 anos, não teria sido possível sem a existência e intervenção do PCP.

Qual foi, exactamente, o papel do Partido nesta luta?

A organização e influência do Partido vinha-se enraizando e desenvolvendo no seio do proletariado agrícola do Sul do País, desde a década de 40, e o PCP assumia-se como o único aliado que estes trabalhadores conheceram e viram junto de si na luta – nas herdades, na rua, na cadeia e nos tribunais. Era este partido e não outro. Nos anos 50 e 60, o PCP já tinha organização e ligações nas localidades mais significativas. De uma maneira geral, não havia uma luta de maior expressão que não tivesse a intervenção

ou a influência do Partido, que contava com fortes organizações em dezenas e dezenas de localidades, ligadas às massas e com quadros locais combativos, corajosos e influentes.

Esta vitória só é possível com o amadurecimento da consciência política e de classe do operariado agrícola. Mas quando começa, efectivamente, a travar-se esta luta?

A partir de 1957 ganha maior desenvolvimento, com a realização de grandes reuniões e plênários de trabalhadores, alguns com cem, outros com duzentos e outros mesmo com mais participantes. Muitos destes plênários tinham a participação de funcionários do Partido. Em vários casos, quando era dito «vem uma pessoa de fora», a participação era maior. Depois, a burla eleitoral de 1958 [eleições presidenciais a que se candidatou Humberto Delgado] foi aproveitada para alargar a discussão e a preparação da luta. Estende-se a realização de plênários e a formação de comissões de unidade por dezenas de vilas e aldeias, sobretudo onde o Partido era mais forte. Já em meados de 1957 tinha sido elaborado um caderno reivindicativo, com três exigências a fazer aos agrários e ao Instituto Nacional do Trabalho: trabalho garantido, salário mínimo de 30 escudos para os homens e 20 para as mulheres e o horário de 8 horas diárias. Destas, só a última é que «pegou». Em 1960, é formada uma Comissão Regional para dirigir a luta, com membros de comissões dos três distritos do Alentejo, do Litoral Alentejano e do Ribatejo. A luta desenvolvia-se e amadureciam as condições para o arranque final....

Que se dá em Maio de 1962. Porquê nesta data? A escolha do mês de Maio não foi uma decisão arbitrária ou voluntarista. Havia na organização a consciência de que era um desafio ao poder fascista

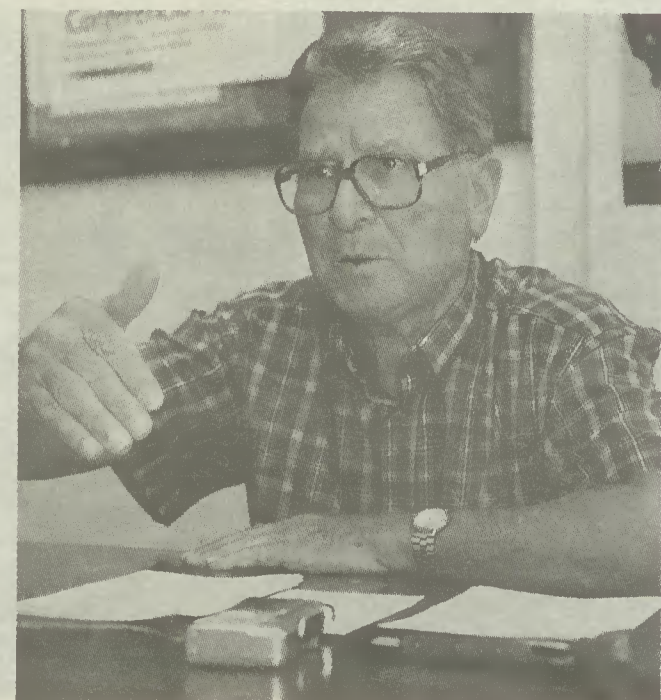
com muitos riscos, cheio de dificuldades. Havia hesitações, mesmo em camaradas da direcção do Partido, que questionavam se não seria uma aventura que acabaria numa grande derrota. Havia também aqueles que tinham o argumento de que as 8 horas não se adaptavam ao trabalho no campo. Mas a corrente maioritária ia no sentido de avançar para a luta, que atingia já um ponto alto ao nível da organização, amadurecimento e discussão.



Mas haviam condições especiais, nessa altura?

No mês de Maio é o dia do Trabalhador, com a sua força simbólica. É também nestes primeiros meses de Verão, por assim dizer, que se dá um grande apertio nos trabalhos do campo – ceifas, debulhas, tiradas de cortiça, carvoarias, arrozais, etc. –, o que constituía uma boa altura para pressionar os agrários. Depois, a oposição à ditadura desenvolvia-se em vários sectores. Nas fábricas, com várias greves, nos campos e nas escolas. Crescia também a luta contra a guerra colonial – para lá da que era desenvolvida pelos povos das colónias. E também os casos como o paquete Santa Maria, o assalto ao Quartel de Beja, o Congresso da Oposição Democrática... Poucos meses antes, em Março, surge também a *Radio Portugal Livre*, que levaria mais longe a voz do Partido e que teve grande impacto na opinião pública, quebrando de vez o silêncio fascista. Com todos estes factores, considerou-se que o 1.º de Maio de 1962 seria a altura certa para arrancar para as 8 horas. Antes, não estariam reunidas as condições e depois poderia ser tarde.

Como se processaram os acontecimentos, nesse dia? Temos que reuçar aos começos de 1962, quando o Partido fez sair um número do jornal *O camponês*, que fazia um firme apelo aos trabalhadores para que no 1.º de Maio ninguém trabalhasse mais do que as 8 horas, acabando de vez com o horário de sol a sol. Onde os agrários – ou os capatazes



A presença do Partido junto dos trabalhadores rurais foi fundamental para a vitória, afirmou António Gervásio.

– se opusessem, seriam os trabalhadores a impor o horário. O apelo foi correspondido e, nos primeiros dias de Maio de 1962, dezenas de milhares de trabalhadores conquistaram o horário das 8 horas. Antes de mais, no Litoral Alentejano, onde o movimento arrancou com maior dinâmica, com cerca de 30 mil trabalhadores a alcançarem as 8 horas logo nos primeiros dias.

E no resto da região? Foi imediato. O movimento de massas era poderoso e estendeu-se com rapidez, nas primeiras semanas de Maio, pelo Alentejo e Ribatejo (ao sul do Tejo), e por vários concelhos da Estremadura e do Algarve, envolvendo cerca de 200 mil trabalhadores. Foi a luta vitoriosa, económica e política, mais importante do operariado agrícola do Sul contra a ditadura fascista e o poder dos agrários. A luta das 8 horas ganhou forma de um levantamento, com as comissões e outros grupos de trabalhadores deslocando-se de localidade em localidade, rancho a rancho, falando com os trabalhadores, com os ranchos de fora (sobretudo beirões e algarvios), para que apenas trabalhassem oito horas. Os ranchos de fora, no geral, aderiram à luta. Outros abalavam.

E os agrários, não reagiram? Claro que sim. Os agrários e o fascismo. Ofereceram feroz resistência, fizeram despedimentos, prisões, espancamentos, deixaram estragar culturas. Organizaram-se grandes reuniões de agrários com governadores

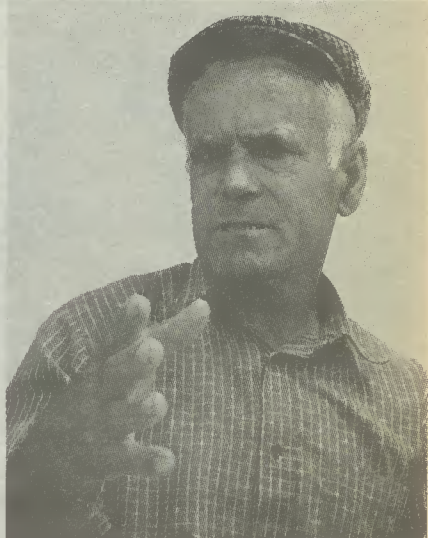
civis, o INT, a GNR e a PIDE, em várias regiões, com vista a esmagar a luta. Mas o movimento de massas era mais forte e venceu! Muitos agrários ofereceram forte resistência durante meses, mas também houve milhares de trabalhadores que foram capazes de resistir, passar meses sem ganhar nada, não se vergando à pressão dos agrários e do poder fascista, recusando-se a trabalhar de sol a sol. No final do ano, as 8 horas estavam conquistadas.

E nunca mais se tentou voltar atrás? Não. Apesar do fascismo nunca ter oficializado o horário das oito horas, este, depois de implantado pelos trabalhadores, passou a ser aceite como normal. Ainda por cima, a oposição ao fascismo nunca parou de crescer até ao 25 de Abril...

Qual o significado de uma conquista desta natureza? Toda a dimensão e experiência da histórica luta das 8 horas nos campos do Sul não se esgota num artigo ou entrevista. A resistência, a luta em cada herdade, rancho, vila e aldeia, as prisões, os espancamentos, as pressões dos agrários, da GNR e da PIDE, os milhares de trabalhadores passando meses sem trabalhar, com fome, recusando o escravizante horário de sol a sol, forçando os agrários e o poder fascista a ceder as 8 horas, essa dimensão ultrapassa qualquer depoimento, artigo, conversa ou entrevista. Foi uma luta corajosa e histórica dos trabalhadores agrícolas do Sul e do seu Partido, o PCP!

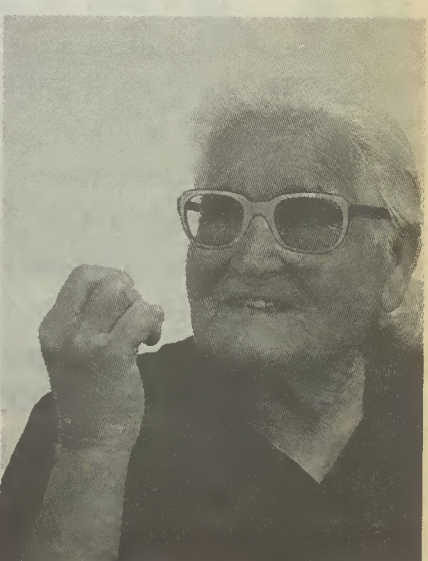
Depoimentos

«Durante a greve de 1958, estávamos a levantar os ranchos e fomos interceptados pela PIDE, que mandou parar. Nós, é claro, não obedecemos e continuámos. E o PIDE disparou para o camarada que ia à frente e atinge-o num pé. Muitos foram presos, eu consegui escapar. (...) Na segunda-feira a seguir às eleições de 1958, a PIDE veio ao Couço prender quatro camaradas. A malta juntou-se na praça, e sujeitou-se a muitas coisas, porque eles tentaram furar a multidão com os jipes, mas depois os "pides" foram forçados a soltar os camaradas. (...) Faltavam três dias para o Natal do ano de 1960 quando fui preso. Na altura das lutas das oito horas, eu estava lá, na prisão. Quando de lá viemos, eu e outros camaradas, a luta continuou. Estive vinte e dois meses preso.»



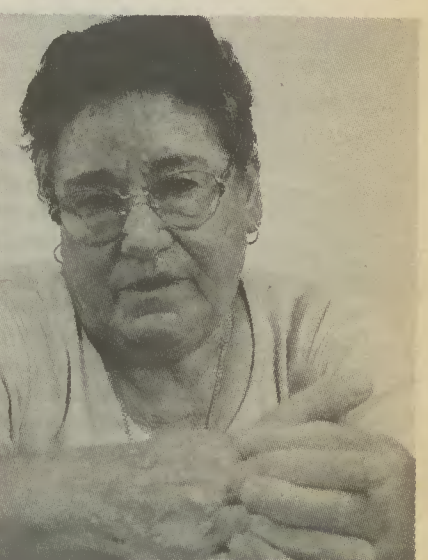
Manuel Brás

«Eu sou mais velha e passei por todas as lutas. A mim nunca me prenderam, mas em 1952 levaram o meu homem, já ele pertencia ao Partido Comunista. Então eu fiquei com dois filhos nos meus braços, a ter de trabalhar muito para ganhar para eles comerem. Já ele lá estava há mais de um mês ainda eu não sabia nada, se estava vivo ou morto. (...) Só um mês depois é que soube onde estava e fui ter com ele à prisão, sozinha. Não sabia onde era, mas nunca me perdi (...) Pertença ao Partido Comunista não me lembro há quanto tempo. Nunca aprendi a ler e não consigo assentar as datas das coisas. Mas o que sei é que vou continuar a ser do Partido para sempre.»



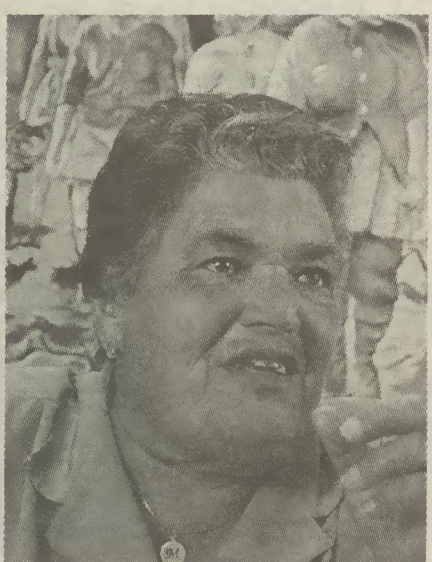
Mariana da Silva

«Eu não sou capaz de falar. Se falar, choro (...) Sou militante desde os 26 anos. Se tivesse sido uma traidora, não tinham dado cabo de mim. Mas como eu resisti às torturas... Se não tivesse resistido, se tivesse metido lá as pessoas, não era capaz de ter voltado ao Couço. Mas não o fiz, e sou querida por muitos camaradas. (...) Se estou viva, posso agradecer a médicos amigos do Partido. Tive uma hemorragia cerebral provocada pelas torturas que eles me fizeram, devido à pancada que levei. (...) Nunca mais pude trabalhar devido às dores que sentia nas pernas. Mas não estou arrependida de ter dado o meu corpo às torturas: estive 144 horas sem dormir. (...) Não quero acrescentar mais nada, porque isto revolta-me, o sofrimento por que passei. Eu e outros.»



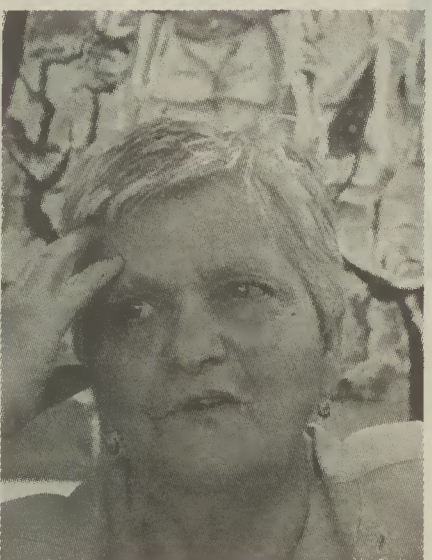
Cesaltina Feliciano

«No fim de 1960, foram trinta e tal trabalhadores do Couço presos, dos quais seis eram mulheres, e onde eu me incluía. Foram-me buscar a casa, levaram-me para Coruche e, depois, para Caxias. Ao fim de uns dias, fui chamada para o interrogatório. Estive quatro dias e quatro noites na tortura do sono. (...) Eles diziam que eu tinha sete mulheres à minha responsabilidade, no Partido, e queriam saber quem eram. Depois, entram três inspetores e dizem às pides que lá estavam: "damos-lhe 15 minutos, se ela não disser nada vai nua para cima de um banco e chamamos os homens." Eu lembrei-me do que dizia o meu Partido, no Se fores preso, camarada, e pensei: "façam-no, não me importo". Não falei e eles nunca mo fizeram. (...) Quando me apanhei cá fora, retomei a actividade.»



Maria Rosa Viseu

«A repressão já vinha de trás. Lembro-me, andava eu na escola, durante a campanha do Norton de Matos, da PIDE ter prendido o meu primo. (...) Estávamos a fazer praça de jorna, no largo da Igreja, e veio o tenente da Guarda com ordem para nos mandar trabalhar. Quem não satsse das ruas era corrido a cassete-lite. Vimos o padre a sair da Igreja, cercámo-lo, e obrigámo-lo a tomar uma posição sobre de que lado é que estava. Estava do lado deles, mas foi obrigado a ficar do nosso. (...) A dada altura, dei o salto para a clandestinidade e saí do Couço. Foi para uma casa do Partido, uma tipografia, onde se fazia O camponês, a terra e outros materiais que circulavam. (...) Conseguimos as oito horas porque lutámos por elas. E como hoje. Se não lutarmos não conseguimos nada.»



Olga Gil

The collage features several key documents:

- CONGRESSO MUNDIAL pelo desarmamento geral e a paz**: A document from the United Nations, dated 1948, with a reference to the 'AVANTE!' newspaper.
- AVANTE! CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES**: A newspaper clipping with the headline 'A grande luta dos operários agrícolas pela jornada de 8 horas fortalece-se e alarga-se'.
- O camponês**: A newspaper clipping with the headline 'VITÓRIA DOS TRABALHADORES DO SUL CONQUISTARAM O HORÁRIO DE 8 HORAS'.
- NOVAS LUTAS DOS SOLDADOS**: A document discussing the struggles of soldiers.
- FORA DAS LAGENS COM OS AMERICANOS!**: A document with a call to action against American influence.



Organizações regionais

Caminhar pelo terreno da quinta da Atalaia, onde se realiza a maior iniciativa político-cultural nacional – a Festa do Avante! –, é não só usufruir da melhor música e teatro que se faz em Portugal e no mundo, mas também conhecer e viver os sons, cores e sabores das diversas regiões do País, bem como as lutas dos que nelas habitam. Uma viagem ao Portugal trabalhador, é o que mais uma vez se propõe aos visitantes da Festa...

Açores

Sendo uma das zonas mais pobres do País e da Europa, o arquipélago dos Açores apresenta uma realidade cultural imensa, que é trazida à Atalaia pelos comunistas açorianos. Neste espaço podem-se encontrar as muito conhecidas sopas do Espírito Santo, morcelas com ananás, polvo guisado ou queijo de S. Jorge. Os vinhos e as aguardentes, ou os bordados, cestinhos de verga e peças de osso de baleia estarão, mais uma vez, à disposição dos visitantes.

Algarve

Realçar as lutas sociais no Algarve, bem como a divulgação das conclusões da Conferência Nacional do Partido e o apoio dado por este aos trabalhadores da região, é o objecto da exposição política no espaço do Algarve, que contará também com a já tradicional marisqueira, o restaurante – já famoso pelo seu arroz de marisco – e a tasquinha. Doces e artesanato regional também marcarão forte presença.

Aveiro

Com tradições bem firmadas ao longo das 25 edições da Festa do Avante!, o espaço de Aveiro tem este ano como elementos centrais de decoração uma representação gráfica dos operários e outros trabalhadores, dando relevo à condição humana e à liberdade. A exposição política reflectirá a intervenção do Partido no distrito no actual quadro político e linhas de intervenção associadas às orientações da Conferência Nacional. Leitão, escabeche, vinhos maduros e ovos moles são outras das atracções deste espaço.

Beja, Évora, Portalegre e Litoral Alentejano

Alentejo na luta pelo desenvolvimento será o tema forte da exposição política deste espaço, que agrega as quatro organizações regionais alentejanas. Sem deixar de ter presente os grandes projectos estruturantes – Alqueva, Porto de Sines, Aeroporto de Beja – as acessibilidades continuam no campo das promessas e as ameaças de privatização de bens e serviços fundamentais, como a água, continuam a pairar. O espaço do Alentejo terá um tratamento político e plástico que transforma todo o recinto em espaço de exposição política. Para além de um painel dedicado ao Partido e onde se retrata o PCP como força com passado, presente e futuro, haverá um outro, que apela à adesão ao PCP, pois o Alentejo precisa de um Partido mais forte. A gastronomia e a musicalidade deste povo martirizado, mas insubmisso, serão outras das atracções.

Braga

Martirizado por grandes assimetrias sociais, o distrito de Braga estará presente na Festa do Avante! com a sua cultura, os seus produtos, do artesanato



à gastronomia. Neste espaço, o restaurante «Tentações da Carne» garante um serviço de qualidade, onde é possível, inclusivamente, proceder a marcações. No artesanato, para além de peças tradicionais de cada concelho, destacam-se os trabalhos dos artesãos Júlia Ramalho, Mistério, Ana e Rosalina Baraça, Arlindo Fagundes e Júlia Cota.

Bragança

Este ano, a gaita de foles marca presença destacada no pavilhão dos comunistas de Bragança, facilmente identificável pelos sons, tonalidades e paladares da região. Bragança traz, mais uma vez, o melhor da sua gastronomia, que tem como pontos altos as alheiras de Mirandela, a feijoada à transmontana e a posta mirandesa. O artesanato, com as gaitas de foles, a latoaria e a cestaria, marcará mais uma vez forte presença.

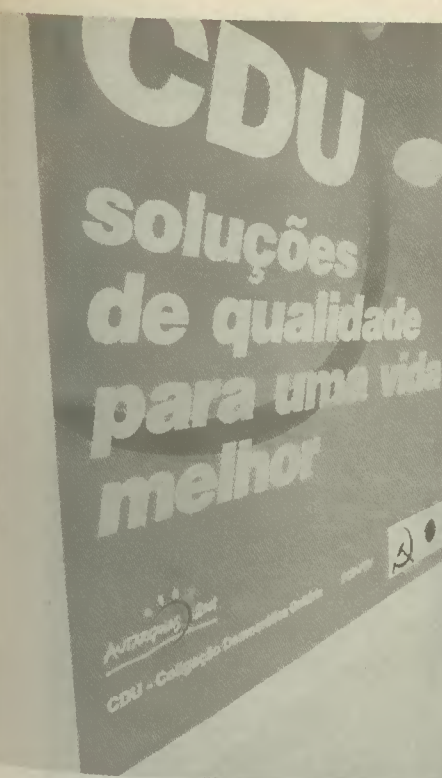
Castelo Branco e Guarda

Novamente representadas conjuntamente, as organizações da

Guarda e Castelo Branco trazem a esta edição da Festa do Avante! uma pequena exposição política sobre o tema da actividade do Partido, da luta política e social nestas regiões do interior, a braços com uma situação laboral dramática. Gastronomia, artesanato e vinhos não faltarão, bem como o convívio entre naturais das regiões. Este encontro realizar-se-á no domingo pelas 10 e 30.

Coimbra

Lembrar Adriano Correia de Oliveira, desaparecido há 20 anos, é um dos objectivos da participação de Coimbra na 26.ª edição da Festa. O cantor estará presente em cada canto do espaço de Coimbra, em cujas paredes se lembrarão os poemas que cantou e diversos momentos da sua vida. A sua voz servirá de fundo para dar a conhecer as lutas travadas pelos trabalhadores e as populações do distrito. Espaço de convívio por excelência será certamente ponto de encontro de conversas e cantorias, bem ao gosto do



trabalhador

cantor da luta e da Revolução, Adriano. Para retemperar forças, Coimbra garante também comida e bebida de qualidade.

Leiria

Um stand de vidro, com venda de vidro de qualidade, e um forno de pão, que coloca à disposição um saboroso pão com chouriço, serão novamente motivos de procura do pavilhão de Leiria. Para quem procura um lugar agradável para comer ou beber, Leiria bem poderá ser esse espaço, com a sopa de legumes, o caldo verde, os pastéis de bacalhau, polvo, orelhas de porco e a famosa sopa de peixe. A exposição política mostrará aos visitantes da Festa a luta dos trabalhadores e o desenvolvimento da actividade do Partido no distrito.

Lisboa

A promoção e divulgação do Órgão Central do Partido – o Avante! – vai dominar toda a zona, assumindo um destaque que vai desde painéis decorativos à própria exposição. Funcionará por toda a festa brigadas de contacto com os visitantes, compostas por dirigentes regionais do Partido, com o triplo objectivo de angariar novas assinaturas para o Avante!, recrutar novos membros para o Partido e denunciar a política de direita do Governo, bem como a alternativa que o PCP corporiza. Um pórtico de onde sobressai um símbolo do Partido com 4 metros de altura marcará a entrada do espaço, que contará ainda com o Café Concerto, que homenageará o poeta Ary dos Santos, o cantor Adriano Correia de Oliveira e ainda António Aleixo, e debaterá temas como as novas formas de exploração e a resposta popular à viragem à direita. A oferta gastronómica é variadíssima e de muita qualidade.

Madeira

Dar a conhecer os problemas da Região Autónoma da Madeira e as propostas e campanhas desenvolvidas pelo PCP e CDU é um dos objectivos centrais do espaço da Madeira, que conta ainda com uma rica oferta de artesanato, vinhos e gastronomia, de onde se destacam as espetadas de carne, a sopa de trigo com abóbora amarela e batata doce ou as maçarocas.

Porto

«Porto: distrito jovem, um Partido com futuro» é o tema da exposição política do Espaço Regional do Porto na Festa do Avante! de 2002, composta por diversos painéis representativos da história, actividade e identidade do PCP no distrito do Porto. Será ainda exposta no espaço uma evocação da vida e obra de Armando Castro, economista e cientista portuense, militante comunista, que legou ao conhecimento da história e da economia portuguesa contributos notáveis. A vida dos trabalhadores das pedreiras será o tema para uma exposição onde se complementarão aspectos da história desta actividade com a sua execução prática.

Santarém

Santarém, localizado em frente ao Palco 25 de Abril, tem como projecto decorativo a afirmação do PCP, sua natureza de classe, seu projecto e actualidade, perante o novo quadro político. No que respeita à gastronomia, na Tasquinha do Ribatejo poderá encontrar a saborosa sopa da pedra, bem como doçaria regional, como seja o pão de ló de Rio Maior, tijeladas de Abrantes e os famosos bolos regionais de Rio Maior. Os vinhos marcarão forte presença.



Setúbal

O reforço do Partido na sequência das conclusões da Conferência Nacional e os direitos sociais hoje ameaçados são os dois grandes temas da exposição política, que versará ainda a actividade do PCP na região e a grave situação social que se vive na região. O espaço pretende dar ao visitante uma imagem da zona ribeirinha do Tejo. A gastronomia – com destaque para o choco frito e a massada de cherne – e os vinhos e mariscos estarão presentes neste espaço que conta com um local de animação, onde se realizarão concertos dos mais variados estilos musicais, com destaque para a música africana, animação variada e debates sobre os grandes temas políticos que fazem a actualidade.

Viana do Castelo

550 m² de pavilhão onde funcionam três áreas distintas: um stand de artesanato, um de venda de produtos gastronómicos e de doces regionais e uma adega regional. Esta a participação de Viana do Castelo na Festa do Avante!, onde, já tradicionalmente, os lenços garridos marcam forte presença.

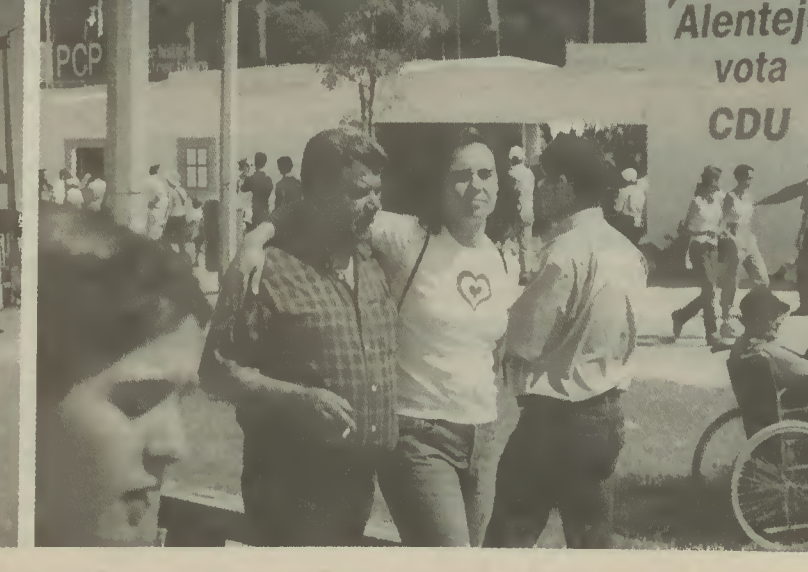
Bordados e as rendas de Viana, socas e chancas de Paredes de Coura e rocas e fusos de Arcos de Valdevez farão furor no artesanato. A gastronomia será novamente um dos grandes trunfos do espaço, com uma grande variedade de pratos típicos e doçaria regional.

Vila Real

A evocação de Bento Gonçalves, secretário-geral do PCP, nascido no distrito e assassinado no Campo de Concentração do Tarrafal, é o grande tema da exposição política de Vila Real. Outro ponto de interesse é certamente a gastronomia, desde os pratos típicos aos doces. Os vinhos são outros dos produtos a não perder.

Viseu

Vítima da interioridade, Viseu é uma região rica em tradições. Mais uma vez, os comunistas de Viseu trazem à Festa o que de melhor se produz na região, quer ao nível de vinhos e gastronomia quer ao nível de artesanato, o que justifica plenamente uma visita mais atenta a este pavilhão, servido por uma agradável área de sombra, ideal para um serão de convívio e conversa.





 festa

 do Avante!

 2002

• Duda Guennes

Gabriel

O embolador das palavras

Na década de 80, quando o *rock* brasileiro vivia um gigantesco *boom*, revelando um monte de bandas na *mídia*, Gabriel Contino era apenas um jovem estudante de jornalismo. Anos mais tarde, já no início da década de noventa, ele resolveu colocar no papel tudo aquilo que observava sobre o comportamento da sociedade brasileira. As suas letras eram incisivas, ácidas e até certo ponto engraçadas. Por isso, não demorou muito para que os seus amigos o apelidassem de *O Pensador*. Em seguida, resolveu gravar uma fita *demo*, que logo chegou às rádios. Em 1993, as rádios foram invadidas por um míssil poderoso, *Tô Feliz (Matei o Presidente)*, sucesso que o então independente *rapper* emplacou nas paradas, sem ajuda de gravadora. O presidente em questão era Fernando Collor. Foi um perfeito cartão de visitas. Em pouco tempo, Gabriel lançava o seu primeiro disco, pela multinacional Sony Music, e era sucesso nacional com *Lôraburra*. Assim, Gabriel resolveu jogar para cima o curso de jornalismo e seguir a carreira de cantor. Fez bem, foi uma boa opção. Quando Gabriel, o Pensador surgiu no cenário artístico brasileiro, aos 19 anos, a juventude estava nas ruas exigindo a renúncia de Collor (vejam a irónica contradição: a mãe do Pensador era a jornalista Beliza Ribeiro, assessora de

imprensa do presidente a quem o cantor se orgulhava de o ter matado. Freud deve explicar).

As suas músicas de estreia, *Tô Feliz (Matei o Presidente)*, *Linha 175* e *Lôraburra*, tiveram o condão de despertar a garotada para alguns dos problemas que afligiam a sociedade brasileira e dos quais andavam arredados. Era já um disco politizado. O sucesso de *O Pensador* só fez atizar a rivalidade entre os *rappers* cariocas do morro e aquele garoto, criado na Zona Sul do Rio de Janeiro numa família classe média alta. Gabriel respondeu: «Se os *rappers* não querem gostar de mim que se danem! Acho que um *rapper* tem de ser politizado».

Cronista urbano

O horizonte social das suas crónicas políticas abrangiam um leque muito largo de temas. Vão do alcoolismo (+ *1 Dose*) às drogas (*Cachimbo da Paz*), do desemprego (*Dança do Desempregado*), à violência urbana (*Bala Perdida*) até ao escracho geral com o hilário *234Meia78*, aberto a todas as interpretações. *Pátria que me pariu* é uma denúncia que põe a nu as mazelas sociais do Brasil. «A música mudou a minha vida», lembra o artista. «E foram as letras que eu ouvia, do Bob Marley e dos

rappers da época, como Public Enemy, que fizeram a minha cabeça, que me posicionaram na adolescência em relação ao mundo. Eu me encontrava por meio da música que ouvia e passei a escrever. Acho que influência puxa sentimentos», completa. Surgido no final dos 70 nas ruas e periferias de Nova Iorque, principalmente, o *rap*, ou *hip hop*, tem origem meio nebulosa. Muitos atribuem sua *invenção* aos jamaicanos, outros a Gil Scott-Heron, este o mais provável pai da criança. Desde o início que Scott-Heron, influenciado por poetas activistas negros como LeRoi Jones, fazia uma música que continha os ingredientes do *rap*. Nos anos 80, o *rap* se já havia tornado linguagem comum à comunidade jovem negra. As editoras perceberam o potencial do *hip hop* e trataram de contratar *rappers*. Os pioneiros, como Afrika Bambaata, fizeram relativo sucesso e inspiraram a criação de dezenas de grupos. O *rap*, com o passar

dos anos, provou-se dotado de uma capacidade impressionante de se reciclar, fazer amigos e influenciar pessoas ilustres – de Quincy Jones a Miles Davis. O *rap*, portanto, permite um sem-número de leituras, como a de Gabriel, o Pensador. Extremamente articulado e bem-informado, ele expressa apreensões e repulsas da sua geração. Ou será que os *rappers* da *marginália* imaginaram que o sufoco provocado pelos sucessivos desgovernos do Brasil só atingem os menos favorecidos? Embora não tenha saído do *lumpem-proletariado*, o Pensador consegue ser mais convincente em seus protestos do que os grupos da periferia. Também louvável em Gabriel é quem, em vez de emular os *rappers* norte-americanos, enxertou de forma antropofagicamente original elementos brasileiros na sua música – forró, Chico Buarque, Vandrê etc. O *rap* de Gabriel, o Pensador, é neto do fado falado, do coco-de-roda e da embolada.



FotoFesta

Festa do Avante 2002 | Ano da Fotografia

Entra já na Festa!

De que estás à espera?

Fotógrafos profissionais, amadores ou ocasionais, todos poderão ver as suas fotografias expostas na Festa do Avante! deste ano, no painel que reunirá cerca de 1000 fotografias das 25 edições anteriores, da FIL à Atalaia. Para isso, basta que quem queira participar envie as suas fotografias preferidas, dos melhores momentos

passados na Festa dos comunistas portugueses, momentos de alegria, confraternização e solidariedade, características quer da fase da construção quer dos três dias em que se abre aos milhares e milhares de visitantes que todos os anos a procuram. Não se tratando de um concurso, estará assegurada a exposição de pelo menos uma fotografia de cada participante. Como participar? É simples, basta enviar as fotografias, cópias ou negativos num envelope com a ficha de inscrição (à disposição nos Centros de Trabalho do Partido) devidamente preenchida, com referência à edição da Festa a que a fotografia se refere, para «Concurso FotoFesta – Quinta da Atalaia; Av. Bafa Natural do Seixal, 2845-415 Amora, Seixal» ou entregar em mão num Centro de Trabalho Regional do PCP. De preferência, as fotografias deverão ser acompanhadas de uma menção de oferta das imagens e dos direitos de reprodução e utilização pelo Partido. O prazo termina a 18 de Agosto.

Ficha de inscrição

Nome

Morada

Telefones

Quantidade de fotos enviadas

Ano a que se referem as fotos

Declaro que autorizo a utilização e reprodução das fotos anexas.

assinatura

Declaro que ofereço as fotos anexas ao Arquivo do PCP.

assinatura

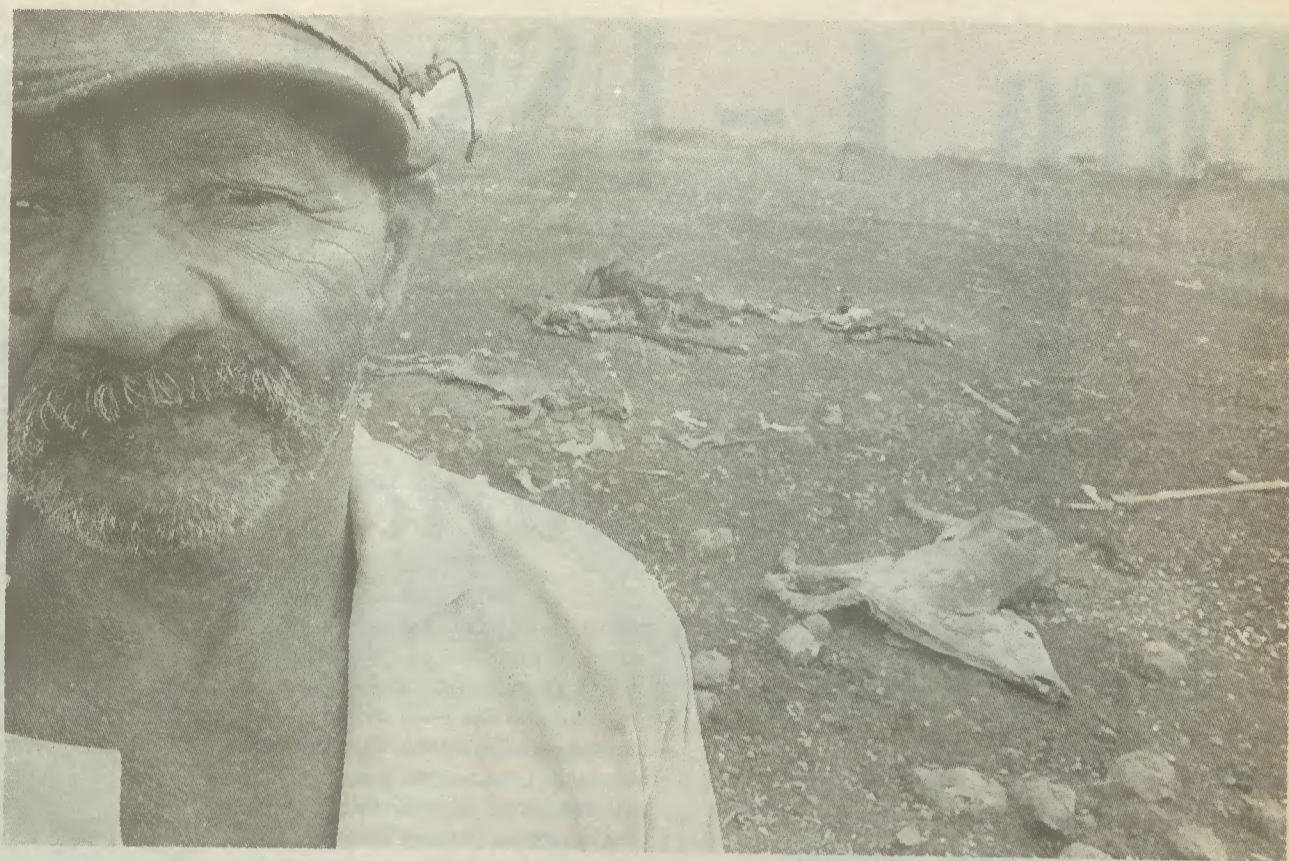
Data

A organização da Festa do Avante não se responsabiliza por eventuais danos causados pelo transporte, manuseamento ou exposição das fotos. As fotos serão devolvidas logo após a exposição para a morada indicada na ficha de inscrição, caso o autor não assine a declaração de oferta ao Arquivo do PCP.

• Miguel Urbano Rodrigues

Os Sem Terra do Brasil

No tribunal do Estado do Pará, no Brasil, terminou recentemente o julgamento dos oficiais e soldados que, numa chacina inesquecível, abateram como gado, em Abril de 1996, 21 trabalhadores do Movimento dos Sem Terra, feriram 64 e espancaram os demais. Ao longo de uma audiência de 120 horas aquele Tribunal de Justiça foi palco de um espectáculo com cenas que lembravam autos de Gil Vicente. Os matadores foram todos absolvidos, com excepção de dois oficiais que passeiam, aliás, pelas ruas, em liberdade condicional.



A epopeia a tragédia e a farsa

Há seis anos o massacre levantou uma vaga de indignação tão alta que o presidente Fernando Henrique Cardoso sentiu a necessidade de condenar o crime com veemência. Recordo que na época exigiu punição exemplar para os responsáveis, sublinhando que, se tal não acontecesse, o povo teria motivos para não confiar nas instituições.

Que se passou no tribunal?

Embora a matança de Eldorado dos Carajás tenha sido uma tragédia, o juiz, o Ministério Público e as testemunhas de defesa montaram na audiência uma farsa aplaudida pelos latifundiários da região, que conceberam e organizaram a chacina e pagaram aos oficiais e soldados da Polícia Militar do Pará que a executaram.

Os trabalhadores assassinados morreram crivados de balas, algumas disparadas à queima roupa, na nuca. Mas os réus sustentaram que tinham atirado apenas para o ar. Perplexo, juiz concluiu que não havia provas, e mandou-os para casa.

Que diz o presidente agora? Lava as mãos como o procônsul romano na velha Palestina. Nem outra atitude seria de esperar de um estadista da sua ténpera. FHC não esquece que o Brasil é uma república federativa, onde funciona muito bem a separação de poderes estabelecida na Constituição. FHC pode, como cidadão, lamentar a sentença, por insatisfatória, mas não lhe passou sequer pela cabeça, crêdo, ingerir-se em áreas da competência do Judiciário.

Entretanto, pelo mundo afora alastra o protesto contra a absolvição dos criminosos e cresce a solidariedade aos Sem Terra brasileiros.

Eles merecem. O MST não é somente um dos movimentos sociais mais importantes da América Latina. A luta de muitos anos, travada em condições difíceis, desenvolveu nos seus membros uma combatividade e uma consciência social que o transformaram numa força potencialmente revolucionária. Nas estradas do imenso país, nos acampamentos, nos assentamentos, nas longas marchas, enfrentando a feroz repressão de muitas polícias e do Exército – os homens e as mulheres do MST acabaram descobrindo que o sistema responsável pelo seu martírio, o sistema capitalista, somente serve para empobrecer o povo em benefício de uma minoria pelo que, cedo ou tarde, terá de ser substituído por outro.

Sem abandonarem o conceito pacifista da luta, sem pegarem em armas de fogo, sequer para se defenderem, os Sem Terra

tendem, paradoxalmente, a transformar-se pela própria lógica dos seus objectivos humanistas, num movimento, repito, com vocação revolucionária.

O «Novo Mundo Rural» - o mito perverso de FHC

Nunca como hoje foi tão necessária a solidariedade com o MST. A expansão do Movimento, a justiça da causa pela qual se bate, a recusa da violência pelos militantes a firmeza com que defendem os acampamentos, as marchas fraternas através do país, a criatividade das soluções que em acampamentos e agro-vilas anunciam um novo tipo de sociedade, contribuíram para gerar em torno dos Sem Terra, mesmo entre as classes médias urbanas, uma aura de simpatia. O governo sentiu o perigo e mudou de tática. O presidente fechou as portas ao diálogo. O objectivo é o mesmo – aniquilar o MST – mas o método, agora, é outro.

O combate ao Movimento foi no fundamental transferido da área política para a económica. Para Fernando Henrique e o seu entourage a Reforma Agrária não passa de uma utopia perigosa. O discurso oficial passou a apresentá-la como inutilidade perseguida por uma organização de fanáticos, perturbadora da ordem social.

Ao projecto do MST, é contraposto por FHC outro, inspirado no modelo agrícola norte-americano.

O «Novo Mundo Rural», assim se chama o mostrengo ideado e enaltecido pela propaganda do governo, seria segundo os epígonos uma sociedade quase perfeita, de camponeses prósperos e felizes. Domesticada e comandada, claro, pelas transnacionais que desnacionalizaram a agro-indústria e estimularam a criação de gigantescas fazendas (a maior do país tem o tamanho da Bélgica).

Nesse «Novo Mundo Rural» – escreve com ironia o prof. Mançano Fernandes – não existem conflitos, não há ocupações de terras, não existem acampamentos dos Sem Terra, os assentamentos são iniciados pelo governo e, em três anos, em média, estão consolidados. Nesse processo extraordinário os trabalhadores entram como sem terra e saem como agricultores familiares, prontos para o mercado, prontos para se tornarem prósperos capitalistas».(1)

Atrás da máscara oculta-se o jogo real de um projecto desumano: «no novo mundo rural – adverte Mançano – vale tudo para se inventar este novo momento, desde criminalizar as ocupações a considerar famílias não assentadas como se já estivessem de facto na terra». O que interessa é mentir ao país, tentar convencer o povo de que a questão agrária está a caminho de ser resolvida. Através, obviamente, de uma fórmula capitalista. O governo inventa os sem terra bonzinhos, uns seres robotizados aos quais é dada terra e dinheiro, e sataniza os verdadeiros Sem Terra, perseguindo-os como espécie maléfica em vias de extinção.

O idílico «Novo Mundo Rural» de FHC não poderia, é transparente, ser ensaiado sem a intervenção protectora do braço musculado do Poder. O governo intensificou fortemente a repressão contra o MST para abrir espaços ao seu projecto mítico.

Desde o início do seu segundo mandato, FHC, na sua ofensiva permanente contra o Movimento, travou o combate em múltiplas frentes: o governo utilizou a comunicação social, o Poder Judicial, a Polícia Federal, cortou recursos e créditos, falsificou estatísticas, acumpliciou-se com fazendeiros criminosos.

A poucos meses das eleições as acções intimidatórias desencadeadas pelo executivo assumem uma amplitude e gravidade crescentes. João Pedro Stedile, membro da Coordenação Nacional do MST, denunciou numa entrevista (2) ao jornal «Correio da Cidadania», de São Paulo, a onda de repressão que atinge os Sem Terra na zona do Pontal do Paranapanema, um dos baluartes das lutas do Movimento. O MST é ali tratado como se fora uma quadrilha. Primeiro a Polícia pedia a prisão preventiva dos líderes de um acampamento; depois, um Procurador da República ampliou o pedido, solicitando a prisão de toda a direcção regional do MST. Um juiz local, solícito, deferiu o pedido. Tudo em menos de 24 horas.

Basta!

Há poucos meses, em Belo Horizonte, tive a oportunidade de conviver com quadros do MST durante um seminário em que debati com eles questões de política internacional. Para mim foi uma jornada gratificante em que aprendi mais do que tentei ensinar.

É sempre difícil proceder ao ajustamento da realidade imaginada à realidade concreta. Naquele dia impressionou-me sobretudo a facilidade e a rapidez com que quadros do Movimento, vindos de todo o Brasil, a maioria alguns com nível de instrução modesto, apreendiam o significado de complexos acontecimentos mundiais. Falando eu da «cruzada anti-terrorista» de Bush, da agressão ao povo do Afeganistão, das explosões sociais na Argentina, da unipolaridade posterior ao fim da URSS, dos mecanismos da globa-

lização neoliberal, do bloqueio a Cuba, da ALCA – aquela gente ia directa ao cerne dos problemas e, usando um mínimo de palavras, demonstrava, através de perguntas e comentários, uma comovedora compreensão da política criminoso do imperialismo, da sua estratégia de dominação mundial e da necessidade de os povos da América Latina se unirem no combate ao inimigo comum.

Eu ouvira falar da «mística» dos Sem Terra. E a palavra, pela sua conotação religiosa, chocava-me.

Desde então, noutros encontros com companheiros do MST, estive presente em diferentes «místicas». Porque elas abrem e encerram quase sempre iniciativas promovidas pelo Movimento. E a minha perspectiva hoje é outra. No caso o que importa não é a palavra que designa uma atitude, mas esta em si mesma.

Acho belíssimas as «místicas» do MST; estão voltadas para o combate e não para o transcendente.

Nas que acompanhei em Belo Horizonte havia dança, música, canto, teatro, mímica, poesia, imaginação plástica, enquadrando um discurso político muito simples com uma enorme carga de combatividade.

Deixei Minas Gerais com a convicção reforçada de que a grande saga do MST não será detida pela violência desencadeada contra o Movimento. A vitória, sem data no calendário, espera gente maravilhosa.

O que esses combatentes precisam desesperadamente, num momento crucial da sua luta, é de mais solidariedade, brasileira e internacional.

A grotesca farsa da absolvição dos assassinos de Eldorado dos Carajás abre uma oportunidade excelente para a ampliação dessa solidariedade.

Dos progressistas da Igreja brasileira ela sobe calorosa. De uma nota sobre o julgamento farsa emitida pelo Sector Pastoral Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, transcrevo, sem comentários, um parágrafo:

«Apelamos aos poderes constituídos, executivo, legislativo e judiciário, bem como a todas as entidades e movimentos da sociedade civil organizada, no sentido de se empenharem por um BASTA! a esta espiral de violência cujas vítimas são quase sempre os mais pobres e indefesos».(3)

Faço votos para que os muitos amigos do MST no vasto mundo tornem seu este apelo vindo da Igreja católica do Brasil.

(1) Bernardo Mançano Fernandes é professor da Universidade do Estado de São Paulo, campus de Presidente Prudente. O trabalho referido foi publicado por <http://resistir.info>

(2) João Paulo Stedile, in «Correio da Cidadania», 8 de Junho de 2002, e reproduzido por <http://resistir.info>

(3) Divulgado pela Pastoral Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, 13 de Junho de 2002

Euro, 1 - US\$, 1

Empate na secretaria?

• Sérgio Ribeiro

Em Julho, um acontecimento mereceu tempo e atenção da comunicação social: o euro «agarrou» o dólar. A opinião pública foi informada, com insistência e mal disfarçado tom de europeia euforia que a «moeda europeia» conseguiu alcançar a paridade com a moeda dos Estados Unidos de América.

O facto é, na verdade, digno de notícia porque o euro valia menos que o dólar e, em Julho, passou a valer mais ou menos o mesmo. Isto é, quem dispusesse da «moeda europeia», ou fizesse operações comerciais (ou turismo) em que fosse necessário cambiar euros por dólares, por cada euro tinha sempre menos que um dólar em troca, e por cada dólar tinha mais que um euro em troca, e as moedas passaram a equivaler-se. E, nalguns dias, o euro até valeu um pouquinho mais que o dólar, pois com noventa e muitos cêntimos, menos de um euro, passou a ter-se um dólar, ao contrário do que acontecia antes.

Vitória do euro sobre o dólar? O senso comum diria que sim. Mas as coisas não são assim tão simples e exigem algum enquadramento dinâmico e aprofundamento.

De acordo com os documentos oficiais e a propaganda de promoção, a criação de uma «moeda única europeia» visava i) a estabilidade cambial para estabilidade de preços, e ii) a adopção de uma política monetária única para toda a área da União Monetária. Também o objectivo, embora não tão explícito, de vir a ser uma moeda que pudesse competir com o dólar enquanto meio de pagamento internacional.

Após um processo lento, que teve mesmo o adiamento de dois anos, isto é, apenas se concluiu na alternativa de recurso que estava nos tratados e acordos, depois de decisões políticas que estiveram longe de ser unânimes, apesar da imagem de unanimismos que sempre se quis transmitir – mais, de serem as soluções adoptadas únicas e fatais –, como resultado de estudos e relatórios de «altos» especialistas, em Janeiro de 1999 o euro foi criado, com a cotação de 1,17 dólares para 1 euro, referida a 4 de Janeiro.

A evolução do euro na sua paridade com o dólar, nestes 3 anos e meio, foi bem contrária da pretendida, e a estabilidade de preços, ou baixa da inflação, foi conseguida à custa de outros factores, sobretudo sociais, e não da estabilidade cambial.

Na verdade, logo após a sua criação, começou a queda do euro em relação ao dólar, justificando todas as dúvidas sobre a qualidade técnica da decisão sobre a relação cambial... se não se quiser encontrar razões que não técnicas para tal decisão e comportamento.

Como se pode comprovar, pelos quadros 1 e gráfico 1, por semestres, até Julho de 2001, o euro foi sucessivamente desvalorizando 12%, 2%, 6%, 1% e 10% numa desvalorização acumulada de 28%, o que revela instabilidade cambial e real desvalorização. Após Julho de 2001, o euro recuperou, em relação ao dólar, 4,5% e 11,0% nos dois semestres seguintes, incluindo-se nesse intervalo o dia 11 de Setembro, o que não impede que, entre Janeiro de 1999 e Julho de 2002, o euro tenha perdido, cambialmente, mais de 15% do seu valor inicialmente decidido em relação ao dólar.

A tendência de desvalorização e, depois, a relativa recuperação do euro em relação ao dólar contraria o objectivo afir-



mado de estabilidade cambial, e mais a contraria pelas oscilações verificadas em períodos mais curtos. Não se trata só da queda prolongada e acentuada, e da tímida subida que faz, agora, engalnar em arco alguns indefectíveis e acrílicos «europeístas». Uma análise mais «fina», por exemplo no ano de 2000, mostra que o euro no 1.º trimestre desceu 4%, no 2.º trimestre desceu 1%, no 3.º trimestre caiu 14% para recuperar 15% no último trimestre. O gráfico 2 ilustra bem as oscilações parciais que as evoluções anual ou semestral não detectam.

Quanto ao objectivo da política monetária única, ela não se define apenas pela existência de um instrumento único, o euro, de uma instituição única, o Banco Central Europeu, pelo objectivo único, ou prioritário sobre todos, da estabilidade de preços, por um Plano de Estabilidade único, pelo critério único do equilíbrio orçamental, visando levar os défices a zero, pela diminuição das despesas que traduzem assunção, pela sociedade, do respeito pelos direitos sociais.

Desde logo, esse monetarismo «único» não é para todos os Estados-membros da União Europeia, uma vez que dele se excluíram, e excluídos continuam, a Dinamarca, o Reino Unido e a Suécia, que mantêm as suas políticas monetárias próprias. Acresce que, estando-se em fase de negociação entre-Estados de um alargamento muito complexo, dificilmen-

te se vê como os actuais ditos candidatos se poderão integrar na União Económica e Monetária. No entanto, reduz-se espacialmente a questão da política monetária única à actual «área euro» que, não sendo, de modo alguma, uma zona monetária óptima, há quem a faça fazer as vezes dessa figura teórica.

Perguntar-se-á, então, se nessa área monetária, nesses 12 países, há ou está em construção uma política monetária única?

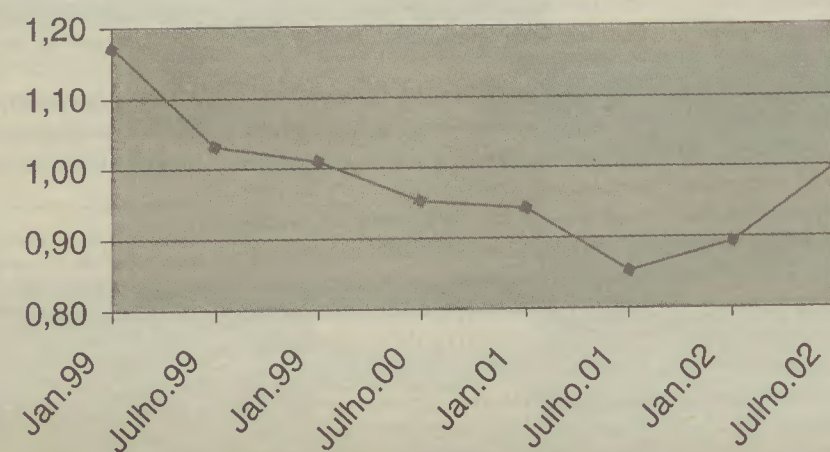
Cada Estado tem condições particulares, que resultam de processos de formação e consolidação nacionais, de diferentes estádios de crescimento económico, de especificidades culturais, condições particulares a que dificilmente se adequariam políticas únicas, menos ainda se estas estivessem ao serviço da promoção e aproximação de níveis de vida das populações, se procurassem uma convergência real.

Poderia dizer-se que já há políticas comuns, no plano comunitário, ou seja, no processo de integração que trouxe estes Estados-membros à União Europeia e, dentro desta, à União Económica e Monetária. Logo se citaria a Política Agrícola Comum, que até está nos caboucos do processo. A essa observação pertinente, pode ripostar-se que a PAC serviu, como política única e enquanto eram seis os Estados-membros, para o que fora delimitada: a recuperação da agricultura da

Quadro 1

	US\$/€
Jan.99	1,17
Julho.99	1,03
Jan.00	1,01
Julho.00	0,95
Jan.01	0,94
Julho.01	0,85
Jan.02	0,89
Julho.02	1,00

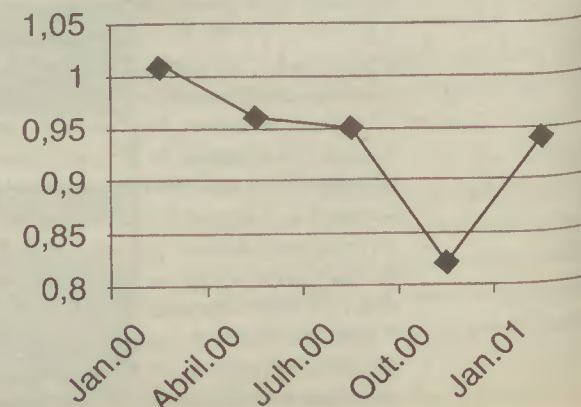
Gráfico 1



Dados

Jan. 2000	- 1,01
Abril 2000	- 0,96
Julho 2000	- 0,95
Out. 2000	- 0,82
Jan. 2001	- 0,94

Gráfico 2



Frância. Depois, nunca mais deixou de ser posta em causa porque interesses nacionais não coincidentes, não compatíveis, nalguns aspectos antagónicos, não podem ter, consensualmente, uma política comum, ou única. Pode é haver, sim, cooperação de políticas nacionais.

Ora a política monetária tem carácter ainda mais instrumental, o que leva a que sejam potencialmente mais evidentes os objectivos particulares e os interesses locais (social e geograficamente) servidos pelos instrumentos, mecanismos e instituições dessa política.

Como justificar a política monetária única? Só como instrumentos, mecanismos, instituições ao serviço de interesses preponderantes, com força suficiente para os impor. Mas esses interesses não atra-

vessam as fronteiras nacionais, como se não existissem, por mais neo-liberal que seja a globalização. E nem mesmo entre esses interesses é pacífica a competitividade. Por vezes, bem feroz é a competição, pois os «tubarões», enquanto se alimentam do «peixe miúdo», e depois de o destruírem, lutam entre si.

Para continuar a centrar a reflexão na evolução cambial do euro, apenas se deixa uma referência à política de crédito, que passa pela fixação das taxas de juro, que, sendo única, decidida em Frankfurt, é a mesma para situações sociais muito diferentes, por exemplo no que respeita a políticas de habitação ou a necessidades de incentivo regional ao investimento.

A evolução cambial do euro, tendencialmente de desvalorização, favoreceu as



empresas e os grupos económicos ligados à exportação. Em três anos e meio, por via da instabilidade cambial que se propagou que o euro viria terminar ou diminuir, as actividades de exportação da «área euro» tiveram uma «vantagem comparativa» relativamente ao dólar, pois os seus preços foram sendo, tendencialmente, mais baixos, e retiraram benefícios cambiais (quase) especulativos⁽¹⁾. Essa vantagem derivada da evolução cambial poderá, no entanto, ter sido moderada pelo peso da necessidade de importar maquinaria e materiais para responder ao eventual crescimento da procura exterior em resultado da dita «vantagem comparativa». O que, evidentemente, depende das situações próprias de cada estrutura de produção nacional, ou até regional.

As estas actividades poderiam juntar-se as ligadas à «importação» de turismo (ou de turistas), com todas as conexões com a construção imobiliária e com os potenciais efeitos benéficos a poderem ter efeitos moderadores de sinal contrário se dependentes de importação de materiais, num paralelismo com o referido relativamente às actividades de exportação.

As observações seriam simétricas para uma tendência inversa de valorização do euro. Os interesses então beneficiados seriam os ligados à importação de mercadorias e serviços e à «exportação» de turismo (ou de turistas). Com as mesmas reservas, quer no possível grau de moderação dos efeitos, quer nas particulares condições nacionais.

Quer dizer: mesmo que, no plano teórico, para determinados interesses sejam claras as vantagens das variações cambiais – que não deixaram de existir com o euro, antes têm um comportamento perturbador para quem esperaria que termi-

nassem, de acordo com a quase obsidiana campanha de promoção e propaganda que do euro foi feita –, a complexidade de relações e efeitos impede ilações reducionistas e exige uma verdadeira gestão das variações cambiais. No quadro de uma dita política monetária única, só têm condições para fazer essa gestão das variações cambiais, e dela tirar benefícios, os grandes grupos económicos transnacionais que teriam provocado e aproveitaram ontem a desvalorização, aproveitam hoje a valorização, beneficiarão amanhã da tendência que têm capacidade para provocar ou para empolar.

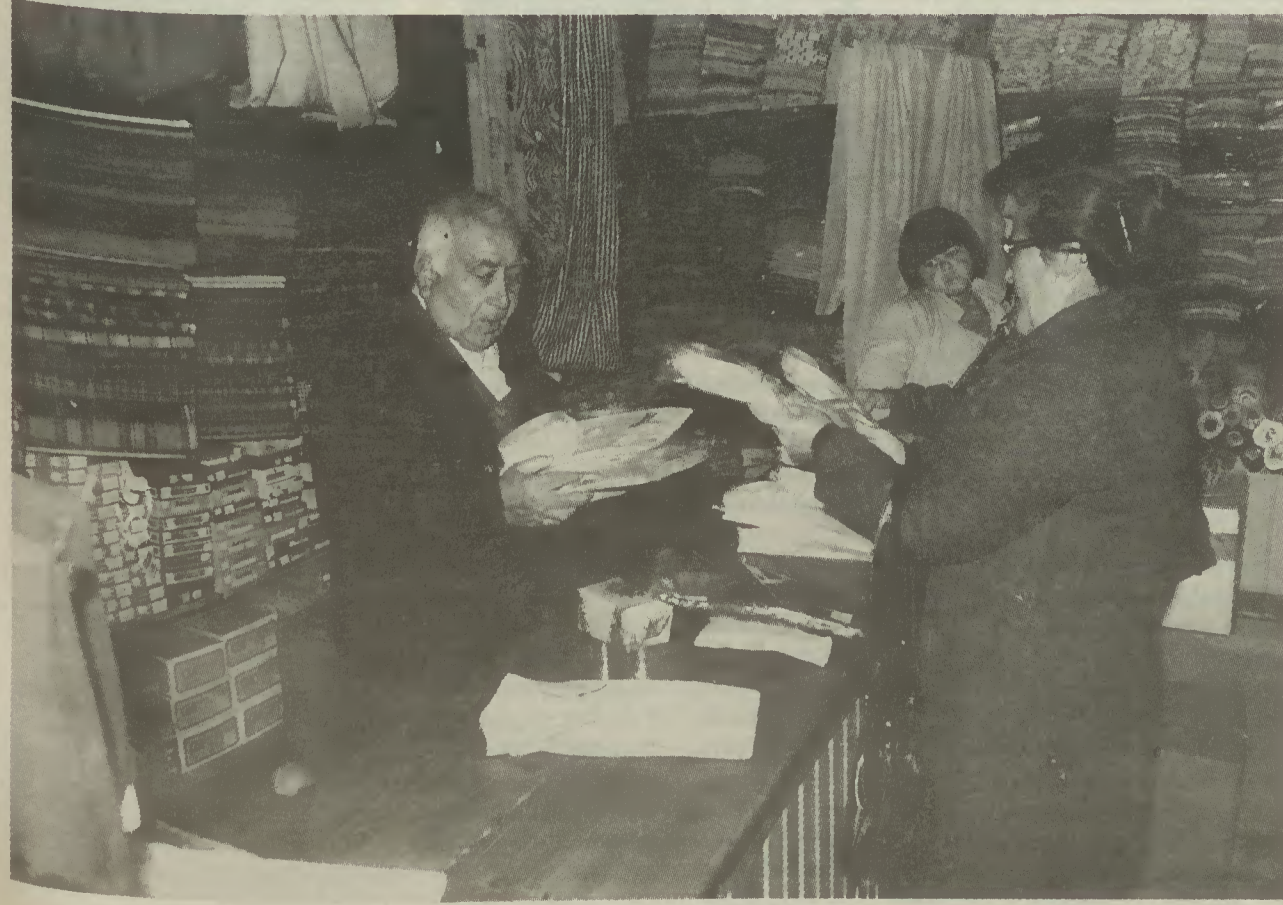
Entretanto, os trabalhadores e a população em geral têm interesses e objectivos diferentes – e até antagónicos – dos objectivos de interesses ligados à actividade empresarial ou de grupo, à actividade especulativa, que mexem cordelinhos que determinam as evoluções cambiais. A imensa maioria da população em geral, dos trabalhadores, não procura vantagens, absolutas ou «comparativas», nas evoluções cambiais, embora lhe sofra as consequências.

Quando o euro diminui o seu valor cambial relativamente ao dólar, os trabalhadores de actividades ligadas à importação e outras que são prejudicadas por essa evolução (assim como as populações em geral) têm de suportar as consequências negativas, no que respeita a emprego e níveis salariais, e só por arrastamento (muito arrastado...), e com luta, recolherão algumas migalhas dos benefícios nas actividades que aproveitam essa tendência cambial.

Quando o euro recupera e revaloriza a sua relação cambial com o dólar, os trabalhadores das actividades ligadas à exportação e outras que são prejudicadas por essa evolução (assim como as populações em geral) têm de suportar as consequências negativas, no que respeita a emprego e níveis salariais, e só por arrastamento (muito arrastado...), e com luta, recolherão algumas migalhas dos benefícios nas actividades que aproveitam essa tendência cambial.

É assim que funciona o capitalismo. Na perspectiva, claro, de quem continua a ler a história de maneira que confirma a permanência de classes sociais, e da luta que está ligada à existência de interesses de classe inconciliáveis, antagónicos. Onde encontrar-se, na elaboração e adopção de instrumentos e mecanismos para as políticas económicas, e nas suas evoluções, uma marca de classe, e procurar estudar-se como esses instrumentos e mecanismos, em si mesmos potencialmente úteis para a Humanidade, contribuem para a criação, apropriação e transferência de mais-valias, para a exploração. Não só para se saber mais, mas para melhor se lutar.

(1) – Neste texto, não se entra na análise da economia especulativa, embora não seja possível deixar de fazer referências, que são «pontes» inevitáveis quando se pretende caracterizar seriamente a economia contemporânea, toda ela cada vez mais globalizadamente especulativa.



● Manoel de Lencastre

O chanceler Gordon Brown reforça as dotações orçamentais

O Serviço Nacional de Saúde



Gordon Brown, Chanceler do Tesouro

sai da encruzilhada

No último orçamento geral do Estado britânico, o chanceler do Tesouro, Gordon Brown, fez consideráveis dotações para o sector da Saúde elevando para quase 66 biliões de libras esterlinas a respectiva disponibilização. Note-se que, no total, os encargos do sector público britânico ascendem a 418,4 biliões de libras o que significa andar o orçamento da Saúde perto de 15% desse considerável valor que se dispersa por áreas tão diferentes como a Segurança Social, a Defesa, os Transportes, as Regiões, o Poder Local, o Ambiente e os Assuntos Rurais, a Ajuda Internacional. São as despesas com a Saúde, entretanto, aquelas que mais críticas atraem da parte da oposição conservadora que desejaria a ruína do sistema nacional para que triunfasse, finalmente, a venenosa ideologia das privatizações que os capitães empresariais agitam.

Toda a Grã-Bretanha sabe que o «National Health Service» está em boas mãos enquanto Gordon Brown estiver na Tesouraria. É em Tony Blair que os britânicos não têm confiança, tantas provas tem ele dado de uma aproximação ao capitalismo indig-

na de um primeiro-ministro trabalhista. Mas suspeita-se de que, cedo ou tarde, o trabalhismo recuperará o seu tradicional rosto sendo Blair substituído em Downing Street, justamente por Gordon Brown.

Tal como está a acontecer em Portugal, o Serviço Nacional de Saúde foi, nos últimos 54 anos, uma espécie de talismã para os britânicos, algo de intocável. Críticas ao respectivo modo de financiamento, quase exclusivamente através do Orçamento do Estado, tinham o mais completo desdém garantido. Tal sentimento não se esgotou, mesmo nas condições da moderna Grã-Bretanha e, hoje, o NHS é o principal patrão em toda a Europa dando trabalho a um milhão de pessoas. O problema está, entretanto, nas condições em que poderá florescer e modernizar-se para melhor servir o povo. Para os inimigos do serviço público, porém, a modernização significa mais abertura ao negócio dos privados e a divisão final do NHS em dois campos – um, que funcionaria no campo do capitalismo; outro, pobre e diminuído, que serviria as massas mas em condições de declínio.

Do berço até ao túmulo

O sistema de saúde livre, gratuito, universal, foi considerado pela socialista Bea-

trice Webb, da «Fabian Society», em 1909, como possível resposta nacional aos momentosos problemas que se viviam na Grã-Bretanha dessa época. Dois anos mais tarde, o então chanceler do Tesouro, David Lloyd-George (liberal) pôs em funcionamento um esquema de seguro para cuidados de saúde financiado por contribuições de patrões, empregados e dinheiros públicos. Era um projecto primitivo que apenas salvaguardava aqueles cujo salário fosse inferior a 160 libras anuais assumindo, erradamente, que todos os outros teriam meios para se defenderem na selva dos hospitais particulares onde o capitalismo prosperava. Nesta conjuntura, a esmagadora maioria dos membros das classes trabalhadoras tinham de servir-se de hospitais geridos por associações de voluntários que viviam de donativos. Em 1926, uma Comissão Parlamentar advogou a ideia, pela primeira vez, de que deveria proceder-se à fundação de um verdadeiro Serviço Nacional de Saúde acessível a todos e presente em todo o país. O respectivo financiamento sairia dos fundos públicos a 100%. A guerra, porém, conduziu este projecto para segundo plano.

Mas findo o grande conflito que levou à derrota do nazismo e do fascismo e ao aparecimento da URSS como potência

de primeira grandeza cuja bandeira do socialismo empolgava os povos, a Grã-Bretanha teve de encarar as realidades. Os sindicatos já tinham feito ver às classes dirigentes em 1940 que só aceitariam o esforço de guerra que lhes era exigido desde que no fim do conflito o pleno emprego fosse garantido estatutariamente, quer dizer, como direito inscrito nas leis do país. Agora, com a perspectiva de um mundo novo a emocionar a pátria de Shakespeare, a campanha eleitoral dos trabalhistas em 1945 prometia o sistema nacional de saúde que toda a Grã-Bretanha ambicionava. A chegada de Clement Attlee ao N.º 10 de Downing Street, quando a hora da vitória militar se aproximava, deu ao povo britânico um impulso e uma vontade de lutar pelo socialismo que só tinha correspondência no generoso derramar do sangue dos seus filhos nos campos de batalha e no glorioso trabalho desenvolvido nas fábricas de material de guerra pelas suas heróicas filhas.

A 5 de Julho de 1948, o NHS, diviso por Aneurin Bevan, surgia no horizonte de esperanças que era a Grã-Bretanha desse tempo e prometia serviços de saúde gratuitos e garantidos para todos desde o berço até ao túmulo.

A aventura do NHS nos dias negros do thatcherismo

Médicos e dentistas, novos «businessmen»...

O problema do Serviço Nacional de Saúde britânico esteve sempre ligado à questão central do seu financiamento. Até tínhamos uma modelar instituição que se alargava a todas as nações do Reino Unido (Inglaterra, País de Gales, Escócia, Irlanda do Norte) e respondia com eficiência e, competentemente, às necessidades da população. Em muitos sectores, o NHS liderava na Europa e no mundo pela excelência do seu equipamento e pela competência do seu pessoal. Mas dois factores de irrecusável importância começaram a estrangular o sistema – o primeiro, como se disse, era o insuficiente volume de capital disponível; o segundo, o poder imenso das indústrias químicas e farmacêuticas que não tinham sido nacionalizadas e, particularmente, o das estrangeiras.

Já dois anos após a fundação do Serviço, Aneurin Bevan exigia mais fundos ao «Exchequer» britânico. O NHS começava a tornar-se difícil de administrar. No seu interior, diversos interesses criavam posições próprias. Toda a gente sabia que os médicos mais reputados não queriam trabalhar para o país a tróco de ordenados apenas razoáveis. Eles podiam ganhar mil vezes mais nos seus consultórios particulares da Harley Street em Londres. A medicina e a cirurgia particulares nunca tinham deixado de existir. Começava a notar-se o desaparecimento de pessoal de enfermagem e de milhares de técnicos diversos que o NHS tinha formado mas que, agora, procuravam salários superiores em clínicas particulares um pouco por todo o país.

Por outro lado, afastados do poder os governos trabalhistas de Attlee e Harold Wilson, os conservadores procederam a largos cortes orçamentais e os primeiros-ministros Harold MacMillan e Edward Heath facilitaram a propagação da indústria dos hospitais privados. Chegava a verificar-se a delicada e escandalosa situação de médicos do Estado que

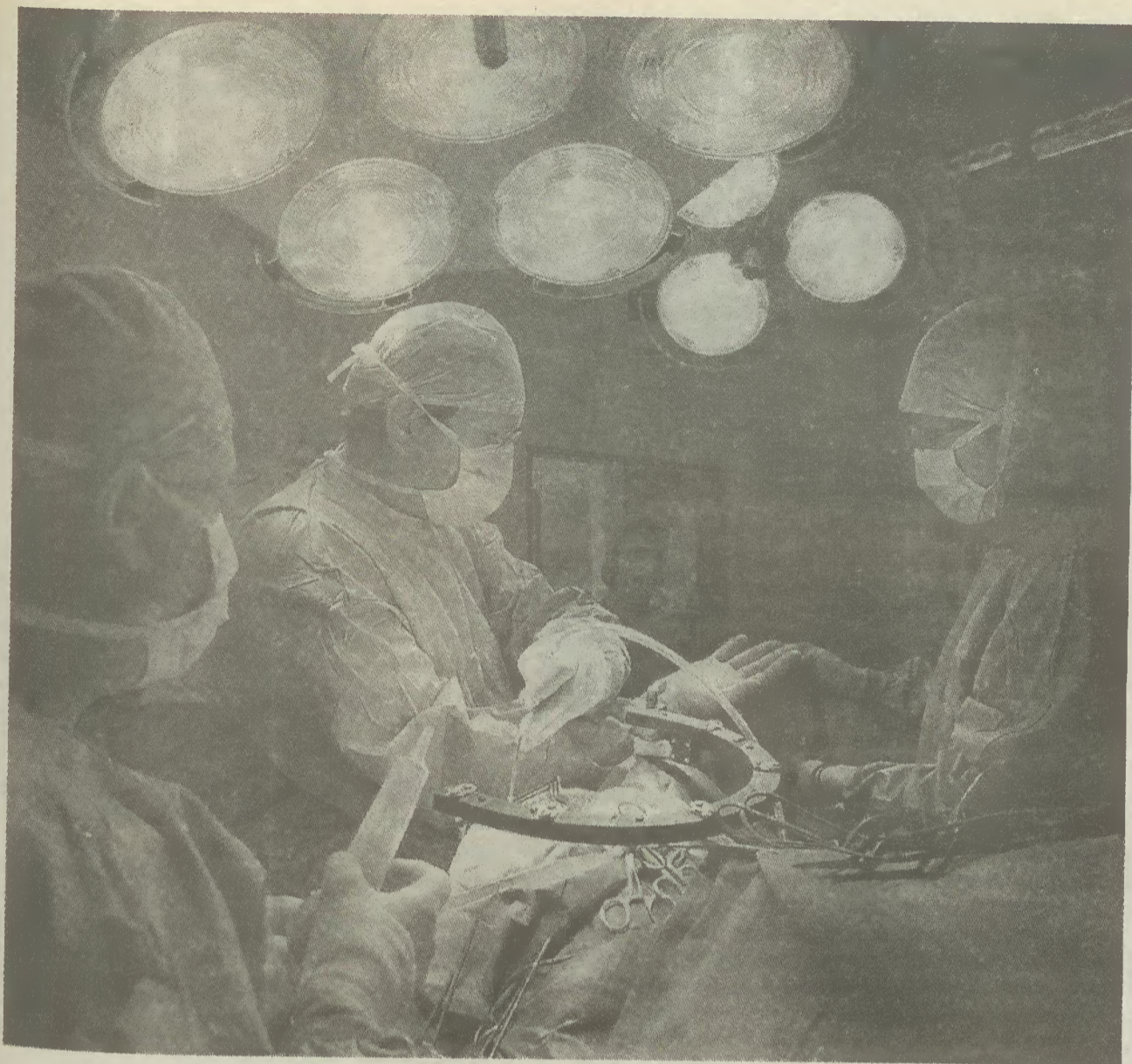
realizavam operações privadas a doentes particulares nos hospitais nacionais. Se se lhes perguntava: «Porquê? Porque não se realiza a operação num hospital privado?» A resposta era de fazer doer: «Porque é nos hospitais do Estado que temos o melhor equipamento...».

A entrada da vingativa Margaret Thatcher para o governo em 1976, abriu as portas do conflito em toda a problemática da Saúde. Com reduzidos orçamentos, centenas de hospitais tiveram de encerrar. Criaram-se companhias de seguros especialmente dedicadas à colheita de prémios contra o pagamento de serviços hospitalares. As seguradoras tradicionais fundaram, também, departamentos especializados na área dos serviços de Saúde. O intercâmbio de médicos, enfermeiros, técnicos entre os hospitais privados e oficiais tornou-se confuso. As clínicas médicas foram vendidas aos médicos que nelas prestavam serviço e transformadas em micro-empresas. Os médicos passaram a pseudo-«businessmen». Os dentistas compraram, também, os respectivos consultórios que se transformaram em fábricas de fazer facturas.

No sector hospitalar propriamente dito, o caos foi maior, ainda. Amalgamaram-se uns, privatizaram-se outros, passaram outros, ainda, a sistemas de administração mista ou de direcção a cargo de homens de negócios. Não havia limites para a imaginação dos inovadores. As pessoas começaram a queixar-se: «Há mais contabilistas e guarda-livros no hospital do que médicos e enfermeiros». Certos senhoritos vinham à TV, declarar: «O nosso hospital só trabalha com lucros. Todos os serviços são facturados a preços de mercado». Respondiam os doentes: «Aquilo parece uma fábrica...». A posição ideológica dos governos de Margaret Thatcher e John Major facilitava o constante crescimento do sector privado.

Desprovido de fundos adequados, o NHS declinava, dolorosamente. E foi assim que se chegou ao número abismal de um milhão de doentes em listas de espera para consultas e operações. Todas as situações de crise que se conhecem, hoje, nos hospitais portugueses foram vividas pelas diversas modalidades de hospitais ingleses. Algumas soluções encontradas parece terem sido positivas, especialmente no sector de Acidentes e Emergências. Naturalmente, os hospitais especializados em doenças que requerem a mais altas especialização médica continuam a produzir serviços dignos dos seus nomes. O povo britânico, entretanto, achou estranho que o ex-futebolista, George Best, um homem pobre, tivesse sofrido uma transplantação do fígado, há dias, no riquíssimo Cromwell Hospital que serve, especialmente, os ricos magnatas do petróleo dos países do Médio-Oriente. Mas, justamente, porque ele é pobre, quem pagou a transplantação foi o NHS...

Uma das razões que levaram o povo britânico a votar tão afirmativamente nos trabalhistas do «New Labour» dirigidos por Tony Blair, foi a convicção de que tanto os velhos como os novos ideólogos do partido fariam alguma coisa para reconduzir o NHS ao nível que antes conhecera. As promessas foram muitas mas os resultados não se confirmaram tão espectaculares como se previa. Isto porque Tony Blair, que manda os próprios filhos para escolas privadas, não tem confiança na Saúde como serviço do Estado. Sabe que tudo o que fizer para melhorar e fazer avançar o NHS, conduzirá a recuos no sector privado. E a verdade é que o primeiro-ministro tem mostrado em tão diferentes ocasiões a sua repugnância pelas instituições do povo britânico enquanto, com toda a normalidade, fraterniza com capitalistas...



Palavras firmes do chanceler do Tesouro

Na reunião do Gabinete britânico em que o último orçamento foi discutido e, finalmente, aprovado, Gordon Brown, o chanceler do Tesouro, disse: «Esta é uma histórica oportunidade que se nos oferece para dotar o NHS dos fundos necessários à sua consolidação e ao seu progresso». Não era este, naturalmente, o estilo de linguagem mais agradável ao primeiro-ministro, Tony Blair, ou aos seus mais chegados defensores. Mas a realidade teve de ser encarada. Ou Blair se mantinha firme ao lado do chanceler, ou o seu futuro estaria comprometido. Ninguém no Partido Trabalhista (novo ou velho), ninguém em toda a Grã-Bretanha lhe permitiria que o NHS continuasse a resvalar na incerteza.

E mais disse Gordon Brown: «Vamos financiar o NHS em termos sustentáveis para que não voltem a acontecer as crises atravessadas desde os anos oitenta. O nosso serviço público de saúde não é uma relíquia do passado ou uma ilusão irrealizável. Ele é uma realidade viva que possuímos para servir os mais pobres, as famílias de mais baixos rendimentos e, na verdade, a vasta maioria do povo britânico. A minha própria experiência leva-me a dizer que o NHS é uma experiência de grandeza única na história do nosso país, é uma instituição verdadeiramente britânica cujos dedicados servidores se encontram ao serviço de todos nós sejam quais forem as circunstâncias pessoais de cada um. Para transformar o NHS numa instituição dependente do pagamento de prémios de seguro ou qualquer modalidade de contribuições, não contem comigo. Tem de ser o Estado a financiá-lo na totalidade».

Os doentes devem escolher os hospitais

Num dia normal o NHS trata cerca de um milhão de pessoas sem que a ninguém seja perguntado se possui meios para pagar os respectivos encargos. Segundo o ministro da Saúde, Alan Milburn, mais de três quartos da população britânica encontra-se satisfeita com o funcionamento de todo o Serviço Nacional de Saúde. Mas teve de reconhecer que existem pontos fracos no sistema: «Ainda temos muita gente nas listas de espera e há doentes a quem não são prestados, por negligência, os serviços de que mais necessitam. Trata-se de uma situação criada por décadas de desinteresse. Estamos, porém, no caminho correcto para que todas as nossas deficiências sejam reparadas. Com efeito, desde há 30 anos que não se verificava nos nossos hospitais um aumento de camas à disposição do público. Temos em progresso o maior programa de construção de novos hospitais em toda a história do NHS. Nos últimos 12 meses admitimos mais 10 000 técnicos de enfermagem. Estamos a oferecer novos serviços aos doentes cardíacos em qualquer parte do país - se não puderem ser tratados localmente, serão em qualquer outra parte do país. Não mais serão os hospitais a escolher os doentes. São estes quem escolhe os hospitais».

O futuro do sistema

Os deputados trabalhistas da esquerda insurgem-se contra soluções de mercado aplicadas a hospitais que não apresentam «resultados» segundo a óptica de administradores que encaram um hospital como se pudesse ser uma empresa. Ao contrário, os conservadores batem sempre na mesma tecla: Gordon Brown está a usar consideráveis fundos públicos numa «indústria» onde a alternativa privada existe. Disse David Taylor,

Por seu lado, Dennis Skinner, deputado da região de Bolsover (profunda tradição mineira) perguntou: «Que espécie de supremacia pode o sector privado invocar relativamente àqueles e àquelas que têm 50 anos de dedicado trabalho ao serviço do NHS?»

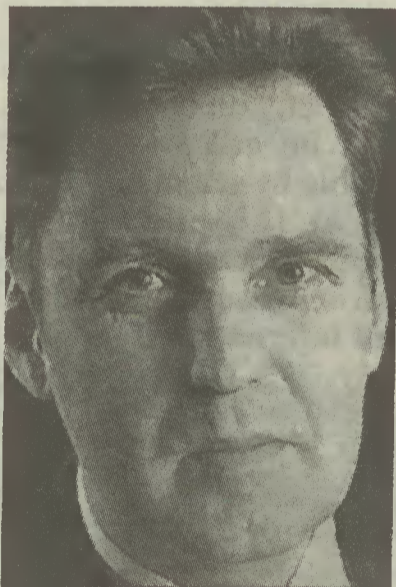
Para que o «National Health Service» veja garantido o seu futuro no interesse do povo das Ilhas britânicas, já existem

hospitalar sentir-se-á seguro, confiante e aplicar-se-á em medidas voluntárias de aumento de produtividade sem propostas «mágicas» dos feiticeiros do mercado. Também os próprios doentes terão o seu papel a desempenhar. Serão encorajados a deixar de fumar, a preferirem produtos alimentares mais saudáveis, à realização de exercícios físicos. O cidadão que tiver utilizado os hospitais do futuro será, sem dúvida, uma pessoa mais magra, mas de melhor saúde e de vida mais longa.

Algumas recomendações referidas no plano recentemente entregue ao chanceler Gordon Brown, incluem: 1 - Gastar o dobro no desenvolvimento de novas tecnologias; 2 - Rever a escala de isenções de pagamento de medicamentos; 3 - Fazer os pacientes pagarem os extras de natureza não clínica que usam nos hospitais: telefones, TV, computadores, de que dispõem nos próprios quartos; 4 - Fazer pagar aos pacientes as consultas marcadas a que não compareçam sem motivo de força maior; 5 - Encontrar incentivos financeiros que ajudem os hospitais a desbloquear camas ou que os encorajem a um intercâmbio mais rápido e normal entre si com o mesmo objectivo; 6 - Os sectores mais especializados que se dedicam ao tratamento de doenças cardíacas e cancros devem ser feitos expandir enquanto os métodos e as técnicas em uso seriam, também, tornados extensivos a outros ramos de doenças; 7 - O trabalho do Instituto Nacional para a Excelência Clínica deveria ser alargado; 8 - A problemática da Saúde e dos respectivos custos deveria ser incorporada nos programas de Educação pública; 9 - As populações deveriam ser encorajadas a viver segundo métodos mais saudáveis; 10 - O NHS deveria considerar-se mais aberto ao envolvimento das populações no seu progresso e a fornecer mais e melhor informação quanto às suas actividades; 11 - Deveriam planear-se desde já as necessidades de pessoal especializado e a sua formação, para os próximos 20 anos; 12 - Os serviços de auditoria em todos os hospitais e regiões hospitalares deveriam ser mais rigorosos, mais independentes e rodearem-se da máxima publicidade.



Keneth Clarke e Alan Milburn



deputado pelo Leicestershire: «Ponham os olhos no que se passou na Austrália onde os hospitais privados não ofereciam serviços com vantagens para os doentes...». Por outro lado, o antigo ministro da Saúde e deputado pela área londrina de Holborn & St. Pancras, Frank Dobson, afirmou na Câmara dos Comuns: «Não tenho dúvidas de que muitos hospitais do NHS funcionam com grande sucesso o que demonstra que os estabelecimentos hospitalares nacionais estão equipados e são perfeitamente capazes de oferecer serviços ao povo britânico de absoluta primeira classe. É isto, sem terem de recorrer à «sabedoria» dos propagandistas do mercado e sem terem de ser entregues a administradores cuja ideologia do capital os torna em pessoas de fantasia que parecem originárias de um outro mundo».

planos que lhe traçam a actividade nos próximos 20 anos. Assim, Gordon Brown não teve qualquer problema em salientar que o orçamento da Saúde chegará aos 154 biliões de libras (uma libra=330 escudos) em 2022 contra os 68 biliões do ano corrente. Vai ser essencial gastar muito dinheiro no desenvolvimento de novas técnicas, de equipamentos e processos ainda mal conhecidos e não só na construção de novos hospitais. A proporção a aplicar nos Serviços de Saúde em relação ao PIB britânico subirá para 10,6% em 2022 e para 12,5% cinco anos mais tarde.

Segundo esses planos as listas de espera para consultas e intervenções cirúrgicas desaparecerão nas brumas do passado, não serão usados hospitais com mais de 30 anos de serviço, o pessoal

• Modesto Navarro

Trás-os-Montes e Alto Douro

O direito a trabalhar e a ser feliz

Que fazem a este país? Onde estão os responsáveis por tanta morte nos campos e nas fábricas?

Quem desaparece do interior e continua a alargar os exércitos de mão-de-obra e, até, de instável ou falso emprego nas áreas metropolitanas?

Um dia, lá mais longe, se fará história de tudo isto. Hoje, chega-se à região transmontana e duriense e vê-se que os campos são pouco cultivados e de fábricas dignas desse nome quase nem se lhes conhece o rasto. À parte quatro sedes de concelhos, Vila Real, Chaves, Mirandela e Bragança, as outras vilas e cidades perdem população, juntamente com as aldeias de cada concelho. E mesmo aquelas quatro cidades que crescem em população, fazem-no à custa das próprias aldeias desses concelhos e dos outros concelhos, que também continuam a abastecer o litoral, e nomeadamente as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, com braços e cabeças jovens que não têm, na sua região, lugares e projectos para poderem ficar.

Os «lares», as «casas de repouso», os asilos agora mascarados de «estâncias» melhoradas para idosos enchem-se com mulheres e homens ainda novos, tantos com sessenta anos de idade ali metidos, quando em cada ser há muita sabedoria e experiência que ainda poderia dar à vida da sua aldeia ou da vila. Vou visitar uma amiga e familiar que tem os filhos

longe, na emigração, e chora, ali sentada, a sua angústia. Vou ver um amigo que teve um acidente cardiovascular, internado numa casa que é também de recuperação, e encontro um armazém de homens e mulheres amargurados, sentados à volta de si próprios, longe das casas, das ruas, dos campos e das oficinas onde trabalhavam.

A gente entende que os familiares não terão vida, nem tempo, nem condições para viverem com eles. Ou estão fora ou passam os dias na luta pela sobrevivência. Não é isso que está em causa. O que está em causa, cada vez mais, é um sistema que se destrói por dentro, que destrói o essencial do ser humano para sobreviver e lucrar. Até desses armazéns de vivos fizeram um enorme e rentável negócio, através da rede das Santas Casas da Misericórdia ou pela capacidade de investimento e de empreendimento de cidadãos sempre atentos às áreas de negócio e de lucro fácil a despontarem.

A gente sabe que os filhos e outros familiares sofrem por os terem ali metidos. Mas o essencial é analisarmos que a vida lá fora morre com eles, aprisionada num quotidiano onde falta o amor ao trabalho, esse intenso amor que nos fazia levantar de manhã com gosto pelo que tínhamos para fazer, dominar a matéria nas oficinas ou preparar os campos para nova produção de tudo o que faz falta.

Naquele tempo, nas décadas de quarenta e cinquenta e, também, na década de sessenta, desciam da Galiza os amoladores de tesouras e os pobres de pedir,

andrajosos e de alpergatas, mesmo no Inverno. Hoje, olhamos a televisão e vale a pena ligar para a TV da Galiza, se tivermos possibilidade, para ver o carinho com que fazem reportagens nas fábricas e nos campos, como levam as câmaras de TV à procura do trabalho, da transformação da matéria, da criação da riqueza, e como depois as voltam, nos estúdios e lá fora, para os seus criadores, os artistas, os escritores, os pintores, e para o seu património e grupos musicais e de dança, promovendo o que os identifica e fortalece.

Aqui, a nossa televisão tem medo do trabalho ou não quer mostrar o enorme vazio que se está a cavar. Tem vergonha de quem ainda anda nos campos ou de quem está nas fábricas e noutras empresas, ou na função pública, com receio de ser despedido; não vai, não mostra, não promove, e, antes pelo contrário, projecta nos quotidianos portugueses, em cada aldeia, vila ou cidade, o que desumaniza, o que destrói e é, até, objecto de mais para ser tido em conta.

Um sobressalto maior

Esta é a diferença. Por isso, agora, os pobres de pedir somos nós, que vemos chegar os espanhóis e outros, atrás deles, para tomarem conta de empresas, de bancos, de mercados abertos e à mercê de «quem tem unhas é que toca guitarra».

A nossa pobre «guitarra» está quebrada e fica-nos aos pedaços nas mãos, enquanto a maioria se vai entretendo a

votar em forças políticas que fazem governos ao mesmo tempo que desfazem a nossa economia e a entregam a quem não dorme e sabe que um país que não produz, que não cria riqueza, que importa já mais de 70 por cento do que consome, como acontece em Portugal, é um país para ser ocupado e ficar apenas confinado, quanto aos seus habitantes, a mera serventia de «turismo a quanto obrigas e já vais servido e volta para o ano»...

Ironia, eis o que nos resta? Não, não é só isso que nos fica. Fica-nos um sobressalto maior, até de vergonha e desgosto, quando entramos por aí adentro e vemos um interior desfavorecido e abandonado, com «lares» onde estão os avós das crianças que já não existem e dos jovens que fogem para longe.

Uma fábrica de queijo, em Vila Flor, foi a hasta pública. Valia 200 mil contos e foi entregue por 40 mil... O dono terá usufruído de vários subsídios e financiamentos e depois acabou por declarar falência.

A Câmara Municipal de Alfândega da Fé encerra as escolas do concelho e concentra as poucas dezenas de crianças numa só, na vila. Que dias serão os daquelas crianças, longe das aldeias, aprendendo o abandono das casas a que regressam ao fim da tarde, por enquanto? No lar, em Vila Flor, encontro um velho amigo que emigrou no início da década de 1950/60 para Angola e que ficou por lá, depois da independência. Agora veio e foi agredido por meliantes na sua própria terra, por causa de um assalto que estes tinham feito. Há tantas e tantas vidas cheias de trabalho, de luta, de realização plena que agora estão encerradas nesses cofres da nossa miséria de alma. Mas a vida continua. E o caminho é, será sempre, valorizarmos quem trabalha, quem produz e resiste, aqui na área metropolitana de Lisboa como em todo o litoral, ou no interior cada vez mais sombrio e abandonado mas que não podemos deixar morrer.

Num colóquio em Alijó, sobre a região do Douro e a sua projecção na literatura e na vida, senti que havia ideias, capacidade inventiva e vontade de defender a região dos perigos de descaracterização que a assolam. Há forças, apesar de tudo, para participarmos e olharmos em frente, cá e lá, para salvarmos o que é possível salvar, de tanta morte instalada por políticas que só tiveram e têm em conta os mais fortes, os que já ordenam descaradamente aos ministros como se faz, o que devem fazer para alargarem os seus poderes e lucros.

Vale a pena olhar toda esta realidade em que estamos com olhos de ver e com esperança. Essa, já diziam os que nos antecederam, é a última a morrer. E nós merecemos ter esperança, se soubermos detectar os perigos, as políticas erradas, e se soubermos exigir e lutar por aquilo a que temos direito, a liberdade, o desenvolvimento integrado deste país e a história honrada deste povo, para que possamos ombrear com os outros num plano de igualdade, de quem produz, de quem tem identidade e cultura e quer estar de corpo inteiro na vida e no futuro a construir.



Comunicação

• Francisco Silva

Os exames, para muitos, são ou têm de ser assim: um ambiente intimidador para os examinandos - os actuais e os candidatos -, estilo morte rápida - ou sabe ou não sabe à primeira -, praxantes, dirigidos aos descobridores da resposta requerida - daquela resposta -, selectivos... Enfim, todos os ingredientes necessários à determinação dos excelentes destinados ao sucesso competitivo, se possível um sucesso expulsador do Outro. As ambiguidades, as injustiças? Um mal menor para estes da moda, portanto, um bem necessário para estes. Os críticos fora de moda deste estilo de exames não querem o bem do País. São uns moles, estes!

Quanto mais quando se trata de



mento extra para ficar convencido desta verdade científica, uma vez que a televisão, por definição, não erra, nem mente? Porque, na realidade, ainda não existia humanidade, nem muito menos a poluição, e o efeito de estufa já cá estava na Terra, incluindo, como deve ser feito, na sua atmosfera... E é nele, e com ele, que a Vida tem vindo a fazer o seu caminho. E sem o trabalho dos gases de efeito de estufa a temperatura média na Terra seria uns 33°C mais fria e seria improvável existir a Vida, pelo menos tal como a conhecemos hoje.

Com efeito, os gases de efeito de estufa (nomeadamente o dióxido de carbono - que os vegetais e as algas assimilam atra-

vés da fotossíntese para formar os seus tecidos -, o vapor de água - por exemplo, transpirado pelas plantas, que nem por isso são acusadas de serem poluentes -, e também o metano, o dióxido de azoto, os CFC e o ozono), os gases de efeito de estufa, dizíamos, capturam uma parte do fluxo energético infravermelho proveniente do solo terrestre, dando origem ao tal efeito de estufa, que mantém, deste modo, em equilíbrio as temperaturas com que vivemos, nós e todos os outros participantes da Vida, no nosso planeta.

O pior seria serem desestabilizados, sem possibilidade de controlo dos seus efeitos, os equilíbrios que nos foram legados pela Natureza - são estas as preocupações justas que percorrem actualmente o nosso Mundo. Que seria de nós e, em geral, da Vida - pois tem crescido a consciencialização do todo de que fazemos, queiramos ou não, solidariamente parte - dando-se o tão temido aquecimento global, a darem-se alterações climáticas radicais? Como evitar que as nossas actividades contribuam desastrosamente para o aumento da concentração de gases de estufa na atmosfera, a começar pelo dióxido de carbono?

E aqui é que entra a poluição, e não a transpiração, quando se pergunta a que é devido o efeito de estufa. Poluentes, nesta maneira de dizer, podem até ser gases que, como o dióxido de carbono, como vimos, são não só necessários à Vida, como, para esta, constituem elementos dos mais importantes entre os importantes. São poluentes porque existirão em quantidade maior do que deveriam existir. Um pouco como o vinho tinto que, segundo se diz, é o melhor remédio e tónico que existe, quando bebido nas quantidades adequadas - 1 ou 2 copitos. E que, bebido em quantidades exageradas, se torna num mal maior para a saúde...

Pois. Parece ser mais fácil falar em efeito de estufa e em poluição em vez de desestabilização provocada pela emissão de gases de efeito de estufa pelas actividades humanas. Mas sempre haveria um modo de ser um pouquinho mais rigoroso perante o público...

O «rigor» do exame

um concurso televisivo a fazer de exame à frente de tanta gente! E, quando dei por ele, estávamos a entrar em época de exames, nomeadamente do 12.º ano! O que me impressionou ainda mais. Mas mais. Numa demonstração apresentada através de um canal de serviço público (certo, ainda bem que os há) tem de ser exemplar a eficácia da mensagem a transmitir - pois, sendo «o meio a [própria] mensagem», entende-se bem a preocupação de credibilizar a forma actual de examinar! Estou a referir-me ao «Elo mais fraco» apresentado por Júlia Pinheiro na RTP1. Uma profissional de créditos bem firmados.

O efeito de estufa é devido à poluição ou à transpiração? - a pergunta ambiental, a intenção boa e toda politicamente muito correcta, dirigida como uma seta a um dos concorrentes. É a poluição - tinha de ser a resposta; aliás, era o resultado esperado (e rápida, muito mais rápida que a do concorrente que teve de matutar bem antes de responder em quantos triângulos uma diagonal divide um quadrado). A resposta está certa - Júlia Pinheiro dixit. Estávamos numa quarta-feira, dia 17 de Julho de 2002, se não estou em erro. Mas estará a resposta mesmo certa? E se a resposta fosse transpiração estava errada? Como resolver isto?

Facilidades

Eu se fosse concorrente também respondia poluição, não fosse perder o prémio. E o público tinha um argu-

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Infantis

Diálogo

- Pai, quando eu for grande quero ser engenheiro.
- Para quê, meu filho?
- Para fazer uma ponte até à lua.
- Sim, filho. Vai já treinando com uma ponte sobre o rio Corgo.

Beleza

Há uma candeia
que já não alumia
há uma roca
que já não fia
há um coche
que já não roda
há um vestido
fora de moda
há uma bicicleta
que pede escusa
há um chapéu
que já não se usa.

e não alumiando
não fiando
não rodando
não vestindo
ou se escusando
ou não se usando
agora que tudo já deixou de ser
fica a beleza, que não pode morrer.

Breve

- Pai, tu sabes tudo.
- Claro, claro, basta que tu o digas.

História

- Avó, por que tens uma voz tão rouca?
- Cantei muito à tua espera, minha netinha.
- Avó, por que tens uns olhos tão grandes?
- É para te ver melhor, minha netinha.
- Avó, por que tens uns braços tão compridos?
- É para melhor te abraçar, minha netinha.
- Avó, por que tens a boca tão aberta?
- Para melhor respirar, minha netinha.
- Avó, por que é que eu estou com tanto medo?
- Porque és uma parva e ainda não percebeste que eu não sou o lobo mau.

Meu filho

Para te ver feliz, meu filho,
o que é que eu não faria.

Iria para além de todos os meccanos de todas as bonecas seria até capaz de te oferecer uma viagem à Disneylândia (eu que detesto aquela tralha toda) pediras a lua e ela havia de ser tua e estrelas, não uma, mas um braçoado delas chamava Xerazade para se sentar à tua cabeceira terias um autógrafo de Eusébio e um computador para todas as navegações mesmo as desconhecidas e uma bicicleta todo-o-terreno e um telescópio para chegares ao planeta que falta descobrir e uma menina de cabelos longos pela qual puderes sentir um frémio terias equitação ou qualquer arte tudo o que eu tive, que sonhei ou que perdi. Meu filho, diz, que posso dar-te?

- Dá-me um pouco de ti.

Cartoon

• Monginho

EL NIÑO BARALHA
O MUNDO...

CANDIDATAS A MISS MUNDO
AMEAÇADAS NA NIGÉRIA...

EDUARDO TRADO COELHO
CONTINUA A ESCREVER...

MUNDO... OLHA P'RA MIM.
ACHAS QUE EU MEREÇO
ISTO?



Mi-

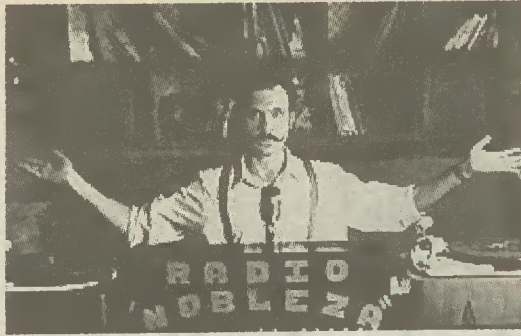
ATVer

«O dia em que Morreu o Silêncio»

Quando Passam as Cegonhas

(Quinta-feira, 15.08.02, 24h, RTP-2)

Moscovo, 1941. Verónica e Boris estão noivos e intensamente apaixonados. Em 22 de Junho o exército nazi invade a União Soviética. Boris apresenta-se como voluntário e parte para a frente; morre no campo de batalha, ela está-lhe no coração até ao último momento. Verónica acolhe-se no seio da família do noivo, onde o trágico fim de Boris continuará a ser desconhecido, é forçada por um dos seus irmãos e acaba por ligar-se a ele; mas Boris vai continuar a ser o seu amor, a sua esperança de felicidade após estes tempos trágicos. «Quando Passam as Cegonhas», que conquistou a Palma de Ouro em Cannes em 1958 e fora realizado no ano anterior por Mikhail

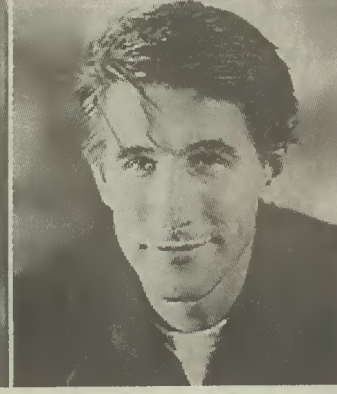
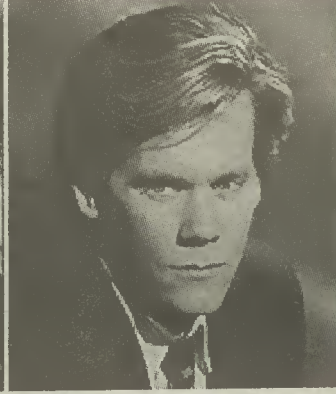
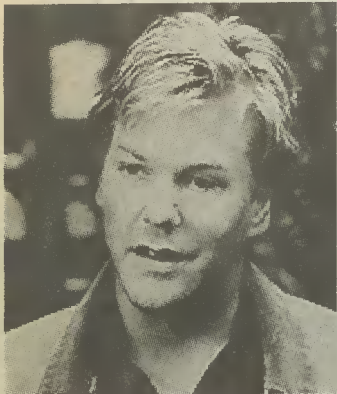


monia que por ali reinava... Uma fábula, mordaz mas também hilariante, dita "muito latino-americana", talvez muito do ainda nosso mundo...

Moloch

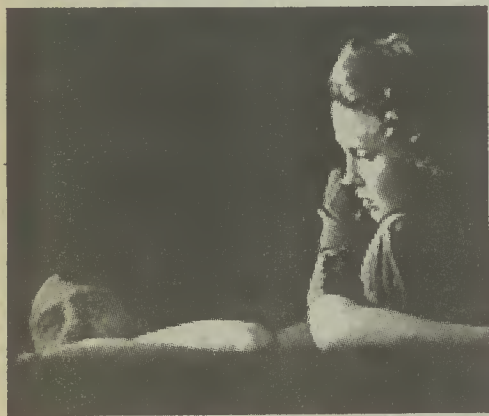
(Sexta-feira, 16.08.02, 24h, RTP-2)

Mais um filme safado da nova cinematografia russa, «Moloch», realizado por Alexander



Um brilhante grupo de actores em «Linha Mortal»

Kalatozov, um pioneiro do cinema soviético autor de muitos grandes e pequenos filmes nunca especialmente notados, surpreendeu a crítica e emocionou o público. Nascido num momento de afirmação, nos mais variados domínios, da reorientação em curso na vida política da União Soviética, «Quando Passam as Cegonhas» é normalmente considerado como um ponto de viragem também numa cinematografia (e numa produção artística, de um modo geral) da qual estavam arredados, como protagonistas, histórias de amor e outros dramas e conflitos de natureza pessoal. Há mesmo quem o leve mais longe e considere que este filme reassume claramente uma tradição romanesca, de raízes literárias profundíssimas em culturas dos povos soviéticos, onde o drama individual é relevante, embora em «tempos» históricos determinantes. Como neste caso - numa situação de guerra, violência e morte em pano de fundo omnipresente. Por muito que his-



Hitler e Eva Braun recriados em «Moloch»

tórias semelhantes tenham, no tempo decorrido, tomado conta de écrans, banal nunca será palavra que se aplique a este filme apaixonante, de uma apurada sensibilidade - uma sucessão de cenas inolvidáveis, servidas por audazes técnicas (movimentos de câmara, planos, enquadramentos) jamais gratuitas, a fotografia de um mestre, Orossevsky, e uma maravilhosa actriz: Tatiana Samoilova.

O Dia em que Morreu o Silêncio

(Quinta-feira, 15.08.02, 01h30m, RTP-1)

Realizado em 1998 por Paolo Agazzi, «O Dia em que Morreu o Silêncio» leva-nos à Bolívia dos anos 50, a uma pequena localidade onde ainda não havia electricidade. Tal não impede que Abelardo ali chegue e instale, com a ajuda de um gerador, uma estação de rádio e uns quantos altifalantes espalhados pela aldeia. Os habitantes acordam assim para a música e sobretudo para as mensagens dos conterrâneos, que Abelardo incentiva a que revelem "o que têm guardado". É assim que a pequena comunidade entra em ebulição com as inesperadas revelações de uns e as provocações de outros, acabando-se a paz e har-

Sokurov em 1999, também (como «Quando Passam as Cegonhas») foi apresentado em Cannes, mas aí dividiu a crítica. É continua, ao que parece, a dividir audiências, esta recriação de um dia na intimidade doentia de Hitler, no seu refúgio de Berchtesgaden, na companhia de Eva Braun e de nazis como Gobbels e Borman. Ainda assim, há muito quem considere o filme a mais arriscada figuração de Hitler no cinema, assente que terá sido em rigorosa investigação, originalmente falado em alemão, e sem dúvida servido por um excelente trabalho de direcção artística e de fotografia, recriando a atmosfera demencial que Hitler transmitia a tudo e todos que o rodearam, mesmo em dia "de retiro e descanso".

Linha Mortal

(Domingo, 18.08.02, 23h, RTP-1)

Nada de especial, de facto, a assinalar neste filme entre-o-fantástico-e-o-terror, a não ser o tema, recorrente nalguns casos apreciáveis e em numerosas vulgaridades: a morte, o que está para além dela, as tentativas de ir lá num instantinho e voltar para contar... Neste caso temos um grupo de estudantes de medicina que se sujeitam a morrer clinicamente por paragem cardíaca durante curtos períodos de tempo para poder voltar à vida. Joel Schumacher, o realizador, já tem obra, embora muito irregular. Vindo da moda e do design, é por vezes excessivo no recurso a efeitos visuais ("Batman para Sempre", uma seqüela de "Batman", pode ser exemplo) mas tem quase sempre um inegável bom gosto na escolha de actores. Neste caso, de facto, um dos seus trunfos foi o brilhante naipe de actores que dirigiu: Kiefer Sutherland, Kevin Bacon, William Baldwin, Julia Roberts e alguns outros que, entretanto (o filme é de 1990), também se notabilizaram.



Tatiana Samoilova, a maravilhosa actriz de «Quando Passam as Cegonhas»

Quinta, 15

▼ RTP 1

07.00 «Gatos Não Sabem Dançar» (Filme)
09.00 Danças de Salão - Campeonato do Mundo 2002
11.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.10 Vencedores
16.00 Amor e Ódio
17.30 O Elo Mais Fraco
18.30 Quebra-cabeças
19.20 O Preço Certo em Euros
20.00 Telejornal
21.30 O Elo Mais Fraco
22.20 «A Sombra do Vampiro» (Filme)
00.15 Os Sopranos
01.15 24 Horas

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
16.00 Retratos - «Nixon» (2ª Parte)
17.00 Espaço Infantil/Juvenil
17.45 Informação Religiosa
18.15 Gente da Cidade
19.00 A Montanha que Fuma
19.30 2010
20.00 Viver no Campo
20.30 Nikki
21.00 Sim, Amor
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 A América de Norman Mailer (2ª Parte)
24.00 «Moloch» (Filme)
01.45 Departamento de Homicídios

16.00 Sinais do Tempo - «Echerlon, o Poder Secreto»
17.00 Espaço Infantil/Juvenil
17.45 Informação Religiosa
18.15 Mito Eternos
19.00 A Montanha que Fuma
19.30 Clube da Europa
20.00 Viver no Campo
20.30 Nikki
21.00 Sim, Amor
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 Roswell
24.00 «Quando Passam as Cegonhas» (Filme de Mikhail Kalatozov, URSS/1957. Ver Destaque)
01.40 Departamento de Homicídios

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.00 Rex, o Cão Polícia
16.00 Walker, o Ranger do Texas
17.00 Desejos de Mulher
18.00 New Wave
18.30 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.45 O Clone
22.45 O Grande Mestre
00.30 Sexappeal
01.30 «Shaka Zulu» (Telefilme, 2ª parte)

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Bora Lá Marina
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem
23.45 «Hush - Um Sonho de Mulher» (Filme)
01.45 «Um Papa do Nosso Tempo» (Filme)

Chaliapine, um grande cantor russo do início do séc. XX, que revolucionou a interpretação cénica da ópera a interpretação cénica da ópera (Artes e Letras, domingo, RTP2)

16.30 «Spice World» (Filme)
18.30 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Fúria de Viver
23.00 O Clone
24.00 Animais de Vídeo
01.15 «Shaka Zulu» (Telefilme, 1ª Parte)

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem
23.45 «Hush - Um Sonho de Mulher» (Filme)
01.45 «Um Papa do Nosso Tempo» (Filme)

Sexta, 16

▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal
10.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
14.10 Vencedores
16.00 Amor e Ódio
17.30 O Elo Mais Fraco
18.30 Quebra-cabeças
19.20 O Preço Certo em Euros
20.00 Telejornal
21.30 O Elo Mais Fraco
22.15 «Eneuzilhada» (Filme)
24.00 Os Sopranos
01.00 24 Horas
01.15 «A Mulher Vampiro» (Filme)

▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil
11.00 Euronews
13.00 Destino Madeira
13.30 Felicity
14.30 Informação Gestual
16.00 Retratos - «Nixon» (2ª Parte)
17.00 Espaço Infantil/Juvenil
17.45 Informação Religiosa
18.15 Gente da Cidade
19.00 A Montanha que Fuma
19.30 2010
20.00 Viver no Campo
20.30 Nikki
21.00 Sim, Amor
21.30 Acontece
22.00 Jornal 2
23.00 A América de Norman Mailer (2ª Parte)
24.00 «Moloch» (Filme)
01.45 Departamento de Homicídios

▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 As Duas por Três
15.00 Rex, o Cão Polícia
16.00 Walker, o Ranger do Texas
17.00 Desejos de Mulher
18.00 New Wave
18.30 Coração de Estudante
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.45 O Clone
22.45 O Grande Mestre
00.30 Sexappeal
01.30 «Shaka Zulu» (Telefilme, 2ª parte)

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 Jardins Proibidos
15.00 Bora Lá Marina
16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
17.00 Marés Vivas
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir
12.00 Bons Vizinhos
13.00 TVI Jornal
14.00 «Feita por Encomenda» (Filme)
16.00 «Elsa, uma Leoa em Apuros» (Filme)
18.00 Anjo Selvagem
19.00 Tudo por Amor
20.00 Jornal Nacional
21.15 Sonhos Traídos
22.00 Anjo Selvagem

Sábado, 17

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
12.00 Fórmula 1 - GP da Hungria
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.00 O Passeio dos Alegres
19.30 Camilo, o Pendura
20.00 Telejornal
21.30 O Elo Mais Fraco
22.20 «Acima da Suspeita» (Filme)
24.00 «A Cama do Diabo» (Filme)
01.45 24 Horas
02.00 «Sex Pistols, o Filme» (Filme)

▼ RTP 2

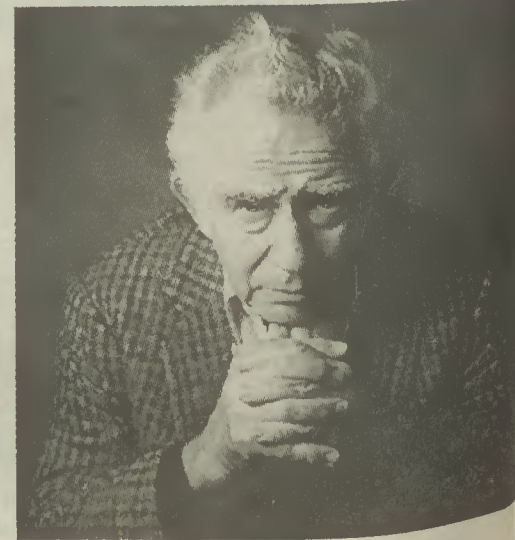
07.00 Euronews
10.30 Música ao Sábado - «Sinfonia do Novo Mundo», de Dvorak
12.00 Iniciativa
14.00 O Fim da Televisão Como a Conhecemos (1ª Parte)
15.00 Desporto 2
19.30 Mito Eternos
20.00 Missão Natureza
20.30 Bombordo
21.00 Por Outro Lado
22.00 Jornal 2
22.50 O Lugar da História - «As Sete Maravilhas do Mundo Antigo»
00.00 Britcom
01.00 Saxazul (Gravações do Festival de Cascais)
02.30 Noites Curtas do Onda Curta (Curtas-metragens)

▼ SIC

08.00 Sic a Abrir
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Catarina.com
15.00 O Camião
15.45 A Vingadora
16.45 Air America
17.45 «Um Golpe do Destino» (Filme)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Linha da Sorte
22.30 Fúria de Viver
23.30 «Vampiro em Brooklin» (Filme)
01.30 Amante Latino
02.30 A Rainha de Espadas

▼ TVI

07.30 Batatoon
09.30 Sempre a Abrir
11.15 Um Cãozinho Chamado Eddie
12.00 Lux
13.00 TVI Jornal
14.00 «Eu e o Meu Clone» (Filme)
16.00 «Air Bud - A Nova Geração» (Filme)
18.00 Bons Vizinhos
20.00 Jornal Nacional
21.00 Futebol - Benfica-Real Madrid



Norman Mailer e a sua visão da América (2ª parte na sexta à noite)

23.00 «Para Além do Horizonte» (Filme)
01.30 «Armadilha Explosiva» (Filme)

23.15 O Último Beijo
00.10 «Guilty Hearts» (Filme)
03.45 Miss USA 2001

Domingo, 18

- ▼ RTP1**
 07.00 Infantil/Juvenil
 09.45 «Olha Quem Falta» (Filme)
 11.45 Jornal da Tarde
 12.45 Fórmula 1 - GP da Hungria
 15.00 João Baião
 19.00 Melhor É Impossível
 20.00 Telejornal
 21.00 Futebol - Sporting-Leixões (Super Taça)

Segunda, 19

- ▼ RTP1**
 07.00 Bom Dia Portugal
 10.00 Praça da Alegria
 13.00 Jornal da Tarde
 14.10 Vencedores
 16.00 Amor e Ódio
 17.30 O Elo Mais Fraco
 18.30 Quebra-cabeças
 19.20 O Preço Certo em Euros
 20.00 Telejornal
 21.30 Sorte Grande

Terça, 20

- ▼ RTP1**
 07.00 Bom Dia Portugal
 10.00 Praça da Alegria
 13.00 Jornal da Tarde
 14.00 Futebol de Praia - VII Mundialito
 16.00 Vencedores
 17.30 O Elo Mais Fraco
 18.30 Quebra-cabeças
 19.20 O Preço Certo em Euros
 20.00 Telejornal
 21.30 O Elo Mais Fraco
 22.15 «Rapto Infernal» (Filme)
 00.30 Os Sopranos
 01.30 24 Horas
 01.45 «Girls' Night» (Filme)

Quarta, 21

- ▼ RTP1**
 07.00 Bom Dia Portugal
 10.00 Praça da Alegria
 13.00 Jornal da Tarde
 14.00 Futebol de Praia
 16.45 Amor e Ódio
 17.15 O Elo Mais Fraco
 18.15 Quebra-cabeças
 19.15 O Preço Certo em Euros
 20.00 Telejornal
 21.30 O Elo Mais Fraco
 22.15 «Feras Humanas» (Filme)
 24.00 Os Sopranos
 01.00 24 Horas
 01.30 «O Beijo de Judas» (Filme)



No espaço infantil da SIC retransmite-se agora a adaptação televisiva de aventuras várias de «Uma Aventura...»

- 23.00 «Linha Mortal» (Filme)
 01.00 24 Horas
 01.30 «Coração Quebrado» (Filme)

- 21.45 O Elo Mais Fraco
 22.30 «Memphis Belle» (Filme)
 00.30 Os Sopranos
 01.30 24 Horas
 01.45 «Duro e Implacável» (Filme)

- ▼ RTP2**
 07.00 Euronews
 09.00 Programa Religioso
 11.30 Mitos Eternos
 12.00 Turma das Ciências
 13.00 Antes que Seja Tarde
 14.00 Desporto 2
 18.30 As Origens do Homem
 19.30 Onda Curta
 20.00 La Femme Nikita
 21.00 Artes e Letras - «Chalipine, o Encantador»
 22.00 Jornal 2
 23.00 «O Testamento do Sr. Napumoceno» (Filme)
 01.00 Sinais do Tempo
 02.00 2010 (Rep.)

- ▼ RTP2**
 07.00 Espaço Infantil
 11.00 Euronews
 13.00 Destino Madeira
 13.30 Felicity
 14.30 Informação Gestual
 16.00 O Lugar da História
 17.00 Espaço Infantil
 18.00 Informação Religiosa
 18.30 Esgrima - Campeonato do Mundo
 19.30 Planeta Azul
 20.00 Viver no Campo
 20.30 Nikki
 21.00 Sim, Amor
 21.30 Acontece
 22.00 Jornal 2
 23.00 Sete Palmas de Terra
 00.00 «Pola X» (Filme)
 01.15 Departamento de Homicídios

- ▼ SIC**
 07.00 SIC a Abrir
 12.00 BBC - Vida Selvagem
 13.00 Primeiro Jornal
 14.00 «Os Filhos E que Mandam» (Filme)
 16.00 «O Leão de África» (Filme)
 18.00 «Querida, Encolhi os Miúdos» (Filme)
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Malucos do Riso
 22.00 «Doidos por Mary» (Filme)
 24.00 «Pena Máxima» (Filme)
 02.15 A Rainha de Espadas

- ▼ SIC**
 07.00 Infantil/Juvenil
 11.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.00 Rex, o Cão Polícia
 15.00 As Duas por Três
 16.00 O Grande Mestre
 17.30 Desejos de Mulher
 18.30 New Wave
 19.00 Coração de Estudante
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Malucos do Riso
 22.00 Fúria de Viver
 23.00 O Clone
 24.00 Heróis em Chamas
 01.00 O Mundo Perdido

- ▼ TVI**
 07.00 Super Batatoon
 11.00 Cerimónias Religiosas
 13.00 TVI Jornal
 14.00 «O Cão Real» (Filme)
 16.00 «Três Homens e um Bebê» (Filme)
 18.00 Bons Vizinhos
 20.00 Jornal Nacional
 21.10 Apanhados da Bola
 21.30 Super Pai
 22.30 O Último Beijo
 23.30 «Olho por Olho» (Filme)
 01.30 «Comandante Hamilton» (Filme)

- ▼ TVI**
 07.30 Sempre a Abrir
 12.00 Bons Vizinhos
 13.00 TVI Jornal
 14.00 Jardins Proibidos
 15.00 Bora Lá Marina
 16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
 17.00 Marés Vivas
 18.00 Anjo Selvagem
 19.00 Tudo por Amor
 20.00 Jornal Nacional
 21.15 Sonhos Traídos
 22.15 Anjo Selvagem
 23.45 «Um Estranho na Cidade» (Filme)
 01.45 «Vingança Adiada» (Filme)

- ▼ RTP2**
 07.00 Espaço Infantil
 11.00 Euronews
 13.00 Destino Madeira
 13.30 Felicity
 14.30 Informação Gestual
 16.00 2010
 17.00 Espaço Infantil/Juvenil
 17.45 Informação Religiosa
 18.15 Onda Curta
 18.45 Esgrima - Campeonato do Mundo
 19.30 Turma das Ciências
 20.00 Viver no Campo
 20.30 Nikki
 21.00 Sim, Amor
 21.30 Acontece
 22.00 Jornal 2
 23.00 Um Rapaz Diferente
 00.00 «Henry Fool» (Filme)
 02.15 Departamento de Homicídios

- ▼ RTP2**
 07.00 Espaço Infantil
 11.00 Euronews
 13.00 Destino Madeira
 13.30 Felicity
 14.30 Informação Gestual
 15.30 Euronews
 16.00 Por Outro Lado
 17.00 Espaço Infantil
 17.45 Esgrima - Campeonato do Mundo
 18.00 Informação Religiosa
 18.45 Bombordo
 19.00 Arcas Escaldantes
 20.00 Viver no Campo
 20.30 Nikki
 21.00 Sim, Amor
 21.30 Acontece
 22.00 Jornal 2
 23.00 Crónica do Século - «Salazar e o Triunfo do Franquismo»

▼ SIC

- 07.00 Infantil/Juvenil
 11.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.00 Rex, o Cão Polícia
 15.00 As Duas por Três
 16.00 O Grande Mestre
 17.30 Desejos de Mulher
 18.30 New Wave
 19.00 Coração de Estudante
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Malucos do Riso
 22.00 Fúria de Viver
 23.00 O Clone
 24.00 Loucas Perseguições
 01.00 O Mundo Perdido

▼ TVI

- 07.30 Sempre a Abrir
 12.00 Bons Vizinhos
 13.00 TVI Jornal
 14.00 Jardins Proibidos
 15.00 Bora Lá Marina
 16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
 17.00 Marés Vivas
 18.00 Anjo Selvagem
 19.00 Tudo por Amor
 20.00 Jornal Nacional
 21.15 Sonhos Traídos
 22.15 Anjo Selvagem
 23.15 «Love and Murder» (Filme)
 01.30 «Os Mistérios de Nero Wolfe» (Filme)
 03.30 Os Homens do Presidente



- 24.00 «Romance» (Filme)
 02.00 Departamento de Homicídios

▼ SIC

- 07.00 Infantil/Juvenil
 11.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.00 Rex, o Cão Polícia
 15.00 As Duas por Três
 16.00 O Grande Mestre
 17.30 Desejos de Mulher
 18.30 New Wave
 19.00 Coração de Estudante
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Malucos do Riso
 22.00 Fúria de Viver
 23.00 O Clone
 24.00 Loucas Perseguições
 01.00 O Mundo Perdido

▼ TVI

- 07.30 Sempre a Abrir
 12.00 Bons Vizinhos
 13.00 TVI Jornal
 14.00 Jardins Proibidos
 15.00 Bora Lá Marina
 16.00 As Pupilas do Senhor Doutor
 17.00 Marés Vivas
 18.00 Anjo Selvagem
 19.00 Tudo por Amor
 20.00 Jornal Nacional
 21.15 Sonhos Traídos
 22.15 Anjo Selvagem
 23.45 «A Vida Deste Rapaz» (Filme)
 01.30 «Loucuras na Adolescência» (Filme)

Nota:
 A Redação não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto
 • Correia da Fonseca
O novo «herrenvolk»

Na sua «análise semanal» nos estúdios da TVI, Marcelo Rebelo de Sousa disse-se «preocupado» com a preparação de um ataque norte-americano ao Iraque. Se bem me lembro, disse mesmo um pouco mais: que o processo já está numa tal fase de maturação que dificilmente poderá parar. Não sei de que dados dispõe o professor, calculo que não serão poucos, mas de qualquer modo gostei de o saber preocupado, o que não parece acontecer com um

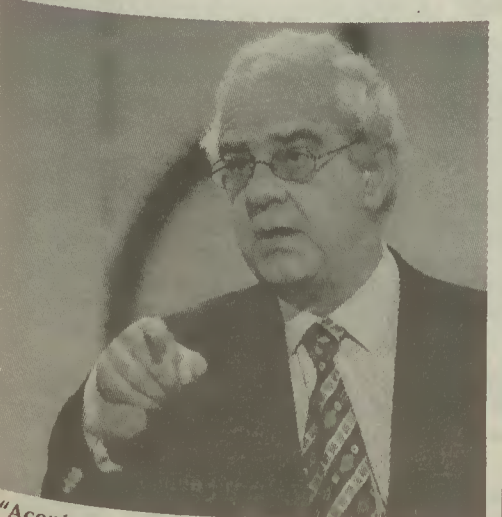
quem sabe?) e ninguém anda todos os dias a ameaçar os Estados Unidos de um ataque preventivo justificado por uma qualquer «legitimidade moral» que não passaria de inaceitável pretensão a deter um estatuto de privilégio. É isso que está subjacente à desavergonhada postura de George W. Bush e é isso que acima de tudo me preocupa.

Um delírio criminoso

O caso é que os Estados Unidos estão claramente a assumir perante o resto do mundo supostos «direitos» que correspondem de facto a brutais privilégios: como se sabe, chegaram há dias ao ponto de «proibirem» a restante comunidade internacional de se atrever a julgar cidadãos norte-americanos por crimes contra a humanidade. Nunca semelhante coisa se vira, e este novo passo verdadeiramente celerado corresponde na verdade a qualquer coisa que evoca tempos terríveis: sob a direcção formal de um sujeito acerca de cujo q.i. são legítimas grandes dúvidas, os Estados Unidos, porque são mais ricos e militarmente mais fortes, proclamam a seu próprio favor a situação efectiva de gente diferente e superior. É, uns setenta anos depois, o regresso do «herrenvolk», o conceito de «povo de senhores» que durante uns anos alimentou o delírio de alemães fascinados pela ilusão de serem uma raça superior. Daí partiram eles para a autoria dos maiores crimes que a História até aí registara e, numa segunda etapa, para uma arrasadora derrota militar. Não o digo para formular nenhuma ingénua profecia, pois as lições do processo histórico não são assim tão simples e esquemáticas, mas para sublinhar uma raiz infame que é comum à arrogância de Bush e à aventura hitleriana. Que todo o resto possa ser diferente não elimina esta desgraçada semelhança. Não sei, é claro, se as análises do professor Marcelo rondam sequer esta espécie de diagnóstico a que me atrevo, nem isso é coisa que me preocupe por ali além. Contudo, admiti-o. Tenho o convencimento, que espero que seja mais que uma ilusão, de que há homens de princípios à direita como à esquerda, e parece-me natural, se não inevitável, que a barbárie de fachada tecnológica de um Bush e da política norte-americana suscitem um frémito de repugnância em qualquer pessoa de bem. Que daí arranque qualquer coisa de bom para o futuro das gentes é coisa que me parece altamente duvidoso, mas arrancará talvez o orgulho e a alegria de não nos sentirmos longínquos cúmplices com o crime. Serei pouco ambicioso, mas não me parece muito pouco.

bom número de outras figuras políticas portuguesas que têm estrita obrigação de fazer mais qualquer coisa que assobiar para o lado. Só lamentei que Marcelo não se alongasse um pouquinho mais sobre o assunto: é sabido que não lhe falta perspicácia num elevado número de vezes (aquele hábito de aconselhar o PCP a seguir o exemplo italiano é coisa para esquecer, espécie de ligeira infecção recorrente talvez

adquirida por contágio que é preciso perdoar) e é altamente provável que o acesso belicista de W. Bush lhe estimule a lucidez. Mas Marcelo Rebelo de Sousa disse pouco, resguardou-se. Aliás, pareceu-me que toda a sua intervenção do passado domingo foi marcada por uma dose de contenção acima do que é comum. Mas num ponto me reconfortou: é que também eu estou «preocupado» com o anunciado ataque ao Iraque, e é sempre lisonjeiro estar de acordo com alguém cuja opinião goza de um arrasador prestígio. Contudo, bem se sabe, não há felicidade perfeita, e eu temo que nem todos os motivos que me fazem preocupado sejam comuns aos motivos do professor Marcelo. Um primeiro motivo é a angústia por saber que os Estados Unidos se preparam para chacinar mais uns milhares de criaturas pelo único «crime» de terem nascido no país errado, e quanto a isso creio que Marcelo me acompanhará. Depois, porém, acontece que me impressiona terrivelmente a fragilidade dos pretextos invocados por Bush. Diz ele que não quer que Saddam Hussein disponha de armas biológicas, e eu também não quero, mas também não quero que ele, Bush, disponha do mesmo tipo de armas e isso não é motivo para que se desencadeie uma guerra. Neste ponto, estarão comigo não apenas Saddam mas milhões de pessoas (incluindo talvez Marcelo,



«Acontece» já voltou de férias (todas as noites na RTP2)

A talhe de foice

● Leandro Martins

A nuvem negra asiática

Sendo o Verão o que costuma ser - um tempo de remanso, onde até, aos dias de semana, costuma poder-se ir para o trabalho sem grandes complicações de tráfego, um tempo em que os jornais costumam ter de «inventar» notícias, sempre à espera que lhes caia em cima um sumarento desastre para não se ficarem pelos casamentos de celebridades de segunda ou pela investigação das barrigas rechonchudas dos políticos em férias - este Verão tem sido um verdadeiro maná a cair do céu sobre as redações dos jornais. Não falamos do nosso, cujas prosas costumam versar outros assuntos menos mundanos quando as notícias também nos faltam. Nem o Avante! se pode «queixar» do interregno de férias - que no entanto é sempre tempo de trabalho e de construção - e é vê-lo hoje falar das «lutas de Agosto», uma excepção que nos leva a saudar a determinação dos trabalhadores. Não é, porém, assunto que chame a atenção de outras redações além da nossa, com, aqui e ali, honrosas excepções. Assim, os jornais em geral ficam à mercê do que vier. E este Agosto brindou-os com numerosos desastres. Não falamos daqueles, mais «particulares», que acontecem com uma frequência que se vem tornando inquietante e que é a morte por acidentes de trabalho. O prosseguimento febril de grandes obras, a continuar sem o cumprimento de normas de segurança, vai tornando corriqueiro o esmagamento de operários sob o peso da obra construída e não tem servido senão, desgraçadamente, para alimentar notícias.

Quando, num intervalo dos incêndios, certamente por mor das chuvas que o céu brindou, os jornais ficaram sem matéria-prima, inventaram a efeméride como notícia. E, enquanto não chega Setembro e o dia 11, que mesmo assim já faz manchete, precipitaram-se para Fortaleza, no Brasil, a remexerem nos tristes restos do crime do «monstruoso Militão». Mas eis que outras desgraças chegam, para «alegria» das gentes. Da Índia à Europa, as águas enfureceram-se, alagaram tudo, matam e destroem. Eis que uma gigantesca nuvem poluidora, espessa de três quilómetros, assombra o mundo. Vem da Ásia, donde costumam surgir todos os perigos, até as gripes. A televisão comove-se, o Público faz estendal de uma foto a cores na primeira página. Outras notícias ficam em segundo plano.

O desemprego que sobe, por exemplo, e a que um só diário, espantosamente o Correio da Manhã, dá honras de «primeira», revelando que se regista um aumento de 17,6 por cento relativamente ao mesmo período do ano passado - isto só em números respeitantes ao segundo semestre do ano corrente. Mas, logo a cores, surge a boa nova do dia: «Elvis gravou canção à Senhora de Fátima».

Em banho-maria, à espera de irromper como uma catástrofe, encontram-se os sinais acumulados da nova guerra que os Estados Unidos preparam, ali também no começo da Ásia. Em «operação conjunta», começam exercícios militares envolvendo forças dos Estados Unidos e da Jordânia. Diz quem sabe que é um passo para novo assalto ao Iraque. E Kissinger, que continua a dar conselhos, já deu o seu parecer favorável. Entretanto, a nuvem negra asiática vai distraíndo o mundo. As verdadeiras catástrofes vão apanhar muita gente de nariz no ar.

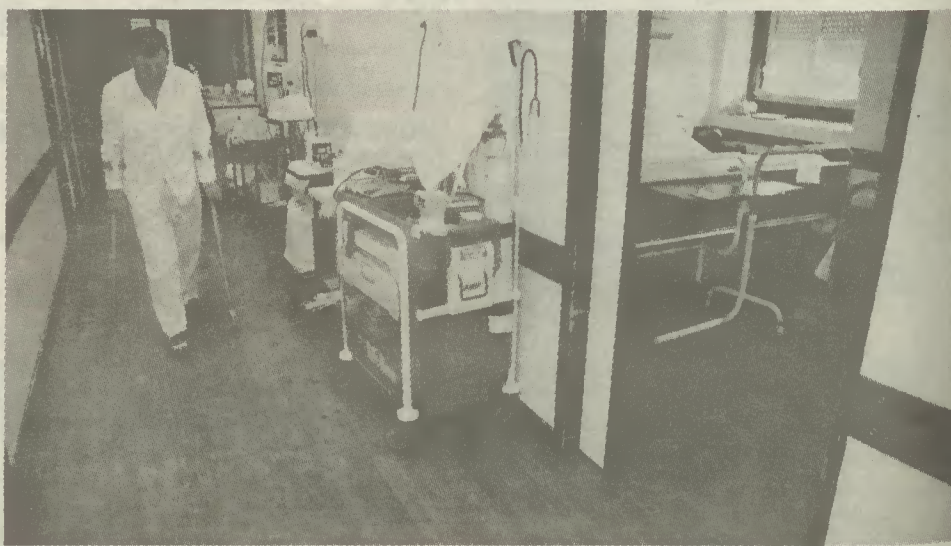
PCP interroga coordenador regional de Aveiro Comissão de Saúde não reúne há quatro anos

A Comissão de Saúde de Aveiro é um órgão fantasma, que nunca reuniu. A denúncia é feita por António Salavessa, eleito para a comissão pelo PCP.

Quando se iniciam os trabalhos da Comissão Concelhia de Saúde de Aveiro? Esta é a pergunta que motivou o envio de uma carta ao coordenador da Sub-Região de Aveiro da Administração Regional de Saúde por António Salavessa, eleito do PCP para aquela comissão pela Assembleia Municipal.

Na carta, datada de anteontem, António Salavessa refere que passaram seis meses desde que foi eleito para a comissão e que até hoje esta ainda não reuniu, acrescentando que o mesmo aconteceu nos quatro anos do mandato anterior da Assembleia Municipal.

«Concluo desta situação que a Comissão Concelhia de Saúde de Aveiro, de facto, não existe, não existindo, por consequência, este espaço institucional para a exposição e defesa dos interesses dos utentes. Trata-se, em meu entender, de uma lacuna



«É uma lacuna grave», afirma António Salavessa, sublinhando que há muitas queixas das unidades de saúde do concelho

O eleito comunista não desistirá de pôr a comissão a funcionar

grave, dado que não são poucos os problemas que chegam ao nosso conhecimento, relativos às unidades de saúde do concelho de Aveiro, ao Serviço de Atendimento Permanente, ao Hospital Infante D. Pedro, etc.», afirma o eleito comunista na carta.

A atitude normal

António Salavessa exorta o coordenador da Sub-Região de Saúde a convocar a primeira reunião da Comissão

Concelhia, tal como está previsto na lei. «Ao contrário de outros, não vou ficar quieto durante os quatro anos de mandato da Assembleia Municipal, à espera de que um dia venha hipoteticamente a reunir a Comissão Concelhia de Saúde. Daí que, se até à Sessão Ordinária de Setembro da Assembleia Municipal de Aveiro esta situação não registar qual-

quer evolução, não deixarei de colocar estes factos perante a Assembleia», afirma o eleito do PCP.

Segundo Salavessa, este é «o comportamento que deve ser exigido a alguém que foi eleito para um cargo de representação de interesses específicos da maioria da população do nosso concelho e que, até hoje, não teve a possibilidade de o exercer».

Trabalhadores da Soflusa em greve

Os trabalhadores da Soflusa, a empresa que faz a ligação fluvial entre Lisboa e o Barreiro, estiveram em greve na tarde de ontem reivindicando 24 dias de férias.

Paralisados entre as 14 e as 17 horas, os trabalhadores lembram que aceitaram a actualização salarial de 3,3 por cento proposta pela administração da empresa, mas em contrapartida exigem outras regalias.

«Como não houve acordo, decidimos manter a greve», afirmou anteontem José Manuel Oliveira, dirigente do

Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector Ferroviário, à agência Lusa, após uma reunião com o patronato. Este encontro decorreu uma semana após a convocação da greve.

O presidente da Soflusa, João Franco, declarou que a empresa «rejeita liminarmente o aumento de dias de férias» devido a «diminuição da produtividade».

Durante o período de greve - convocada por quatro sindicatos do sector - decorreu um plenário nas instalações da empresa no Barreiro.

JCP lembra lançamento da bomba atómica

A Organização Concelhia de Aveiro da JCP assinalou o 57.º aniversário do lançamento da bomba atómica sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki com a distribuição de um panfleto nas ruas daquela cidade durante o fim-de-semana.

«Nunca é de mais lembrar que, em 1945, já depois da rendição da Alemanha nazi e numa altura em que o

imperialismo japonês estava militarmente derrotado, os EUA criminosamente lançam primeiro sobre Hiroshima e três dias depois sobre Nagasaki duas bombas atómicas, que provocaram mais de 400 mil mortos e cujos efeitos ainda hoje tristemente se fazem sentir em milhares de pessoas», sublinham os jovens comunistas, num comunicado de imprensa.

Desemprego cresce

Mais 36 mil postos de trabalho desapareceram no segundo trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2001. Este número foi revelado anteontem por um estudo do Instituto Nacional de Estatística, que mostra que houve um aumento de 17,6 por cento da população desempregada.

De Abril a Junho de 2001 a taxa de desemprego foi de 3,9 por cento, enquanto que nos mesmos meses de 2002 a percentagem passou para 4,5.

O INE salienta que, além do desemprego subir, aumentou igualmente a precariedade e o número de contratos a prazo. As regiões de Lisboa e Vale do Tejo foram as mais afectadas.

O número total de desempregados é de 243 mil, dos quais 87 por cento são pessoas à procura do primeiro emprego. O acréscimo de desemprego nos homens foi mais elevado do que nas mulheres.

CNA insatisfeita com sentença do «vinho a martelo»

A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) apela ao Estado que recorra da sentença que encerrou o caso do «vinho a martelo» na região do Bombarral, com a condenação ao pagamento pela empresa envolvida de uma multa no valor de 96 mil euros (menos de 20 mil contos) e a pena suspensa de 13 meses de prisão ao proprietário.

Para a confederação as penas são «surpreendentemente ligeiras» e não contribuem «para desencorajar, como se impunha, este tipo de actividades fraudulentas, ainda por cima com bens alimentares». «É caso para dizer que assim o crime compensa», comenta a CNA, numa nota à imprensa.

A traficância em causa atingiu 250 mil hectolitros de

«vinho». «Trata-se de uma quantidade precisamente igual àquela que a produção nacional vai entregar, mas a baixos preços, para a chamada «destilação de crise», recentemente aprovada pela Comissão Europeia, dada a falta de escoamento no mercado, inclusive para vinhos de qualidade», refere a confederação.

O Instituto do Vinho e da Vinha calculou em 10 milhões de euros (dois milhões de contos) o valor da traficância do «vinho a martelo».



02227

5 603199 000445